



Estação Experimental

Cascata

Uma Crônica Fotográfica

2002-2019

Carlos Alberto Barbosa Medeiros
Lírio José Reichert



ESTAÇÃO EXPERIMENTAL CASCATA

**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Clima Temperado
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL CASCATA

UMA CRÔNICA FOTOGRÁFICA
2002–2019

Carlos Alberto Barbosa Medeiros
Lírio José Reichert

Embrapa
Brasília, DF
2022

Embrapa Clima Temperado
BR 392 Km 78
Caixa Postal 403
CEP 96010-971 - Pelotas, RS
Fone: (53) 3275-8100
www.embrapa.br/
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Responsável pelo conteúdo
Embrapa Clima Temperado

Comitê Local de Publicações

Presidente
Luis Antônio Suita de Castro

Secretária-executiva
Barbara Chevallier Cosenza

Membros
Ana Luiza Barragana Viegas
Luiz Fernando Jackson
Marilaine Schaum Pelufe
Sônia Desimon
Walkyria Bueno Scivittaro

Responsável pela edição
Embrapa, Secretaria-Geral

Coordenação editorial
Alexandre Aires de Freitas
Heloiza Dias da Silva
Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial
Wyviane Carlos Lima Vidal

Revisão de texto
Ana Maranhão Nogueira

Normalização bibliográfica
Rejane Maria de Oliveira Cechinel Darós
(CRB 1/2913)

Projeto gráfico e diagramação
Carlos Eduardo Felice Barbeiro

Capa
Paula Cristina Rodrigues Franco

1ª edição
1ª impressão (2022): 300 exemplares

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Embrapa Clima Temperado

M488e

Medeiros, Carlos Alberto Barbosa.

Estação Experimental Cascata : uma crônica fotográfica, 2002–2019 / Carlos Alberto Barbosa Medeiros, Lirio José Reichert. – Brasília, DF : Embrapa, 2022.

229 p. : il. color. ; 18,5 cm x 25,5 cm.

ISBN 978-65-89957-05-8

1. Agricultura. 2. Instituição de pesquisa. 3. Pesquisa agrícola. 4. História.
I. Reichert, Lirio José. II. Título.

CDD 630.72

Marilaine Schaun Pelufê (CRB-10/1274)

© Embrapa, 2022





Autores

Carlos Alberto Barbosa Medeiros

Engenheiro-agrônomo,
Ph.D. em Nutrição Mineral de Plantas,
pesquisador aposentado da Embrapa
Clima Temperado, Pelotas, RS

Lírio José Reichert

Economista, doutor em Agronomia,
analista da Embrapa Clima Temperado,
Pelotas, RS





*A todos aqueles que, de alguma
forma, contribuíram para o
crescimento e transformação da
Estação Experimental Cascata.*



Apresentação

Fundada em 1938, a Estação Experimental Cascata é a segunda estação experimental mais antiga do País dentre aquelas criadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Nestes 84 anos de existência, desempenhou um papel fundamental para o avanço da agricultura no Sul do Brasil, contribuindo para a melhoria das condições econômicas e sociais da região. Mesmo passando por diversas transformações ao longo de sua história, manteve sempre um forte vínculo com a agricultura familiar. Já nos últimos tempos, incorporou os princípios agroecológicos e, pelo trabalho realizado no tema agroecologia, tornou-se referência para pesquisa nessa área.

Esta publicação resgata um pouco da história da Estação Experimental Cascata, utilizando-se de textos e fotografias para registrar as transformações e eventos ocorridos durante uma parte, ainda que pequena, de sua trajetória. Assim, esta obra colabora para que o tempo não apague esses momentos da memória das pessoas, especialmente daquelas que conviveram na Estação durante algum período de sua vida. Por meio de um registro fotográfico extenso, entremeado de narrativas de fatos, muitos dos quais desconhecidos por grande parte dos que passaram pela Estação, esta publicação presta uma homenagem a quase centenária instituição.

A Embrapa Clima Temperado, com esta publicação, além de tornar possível que as pessoas conheçam um pouco mais sobre a Estação Experimental Cascata, também contribui para que se grave e preserve um segmento de sua história, cooperando para a memória da Embrapa.

Roberto Pedroso de Oliveira

Chefe-Geral da Embrapa Clima Temperado



Prefácio

Ao pensar na trajetória desta publicação, persistência é a primeira palavra que vem à mente, pois, entre a ideia lançada e sua materialização, muito tempo se passou. Seria mais um projeto esquecido em uma gaveta se não fosse a persistência. Enfrentando resistências à publicação, pelo formato da obra, que, inicialmente, era basicamente um relatório e uma coletânea de fotos, Lírio José Reichert persistiu. Não deixou a ideia morrer, mantendo-a viva mesmo 3 anos depois de lançada. Sem dúvida, esse é um inequívoco exemplo de persistência. A gênese desta publicação merece ser contada.

Qualquer movimento inusitado a acontecer na Estação, fosse a visita de um grupo, o início de uma obra, uma atividade experimental pouco comum, como uma reação a qualquer fato que fugisse da rotina, lá aparecia ele com sua câmera, Lírio José, o fotógrafo amador sempre de plantão. O que o motivava não se sabe. O fato é que imagens jamais pensadas estavam lá, geradas e armazenadas para contar “a quem interessar possa” um pouco da história da Estação.

Como era de se esperar, a rotina desses anos de registros feitos atrás de uma câmera levou à criação de um acervo fotográfico digno de um documentário. Um acervo de fotografias muitas das quais, certamente, não seriam tiradas por um fotógrafo profissional, na sua ânsia por ângulos rebuscados, na busca de cenas incomuns, de imagens que despertassem a atenção. Era um acervo de um fotógrafo amador.

A percepção do volume de registros acumulados levou-me a sugerir que as fotos fossem organizadas, colocando-as em uma publicação para que o público, particularmente aquele com alguma afinidade com a Estação, conhecesse as transformações e os eventos, que, de alguma forma, marcaram um pedaço da trajetória da quase secular instituição.

Aceito o desafio, a resposta não tardou, e foi apresentada uma primeira versão da publicação, com as fotos organizadas cronologicamente, começando pela gestão iniciada em agosto de 2002. Materializava-se uma ideia, mas era o primeiro passo de um longo caminho a ser percorrido. Uma certeza, entretanto, firmara-se. A ideia não seria perdida no tempo, tinha o seu guardião.

Aquela primeira versão, em seu estado bruto, teria de ser trabalhada, o que demandava tempo, insumo por vezes escasso para o que não é prioridade, e, assim, ficou por muito tempo na gaveta, não esquecida, mas com a atenção que lhe era devida, postergada. Usava como desculpa protelatória o argumento de que fatos novos estavam acontecendo, que mereceriam registro na publicação, desculpa um pouco “esfarrapada”, com um fundo de verdade, mas que revelava, antes de tudo, a falta de priorização. Mas a persistência continuava sempre vigilante.

E assim foi até o encerramento da gestão, com o meu desligamento voluntário da Embrapa. Nesse momento, passado o primeiro impacto e a vontade de desligar um pouco a mente do trabalho de mais de 37 anos naquela Empresa, o tempo sobrou. Era hora de efetivamente trabalhar na publicação.

Uma pergunta naturalmente brota: qual seria o porquê da publicação? Poder-se-ia dizer que foi a vontade de delinear uma linha do tempo para mostrar como eram as coisas na Estação e como estão hoje; mostrar o esforço empregado por uma equipe; motivar a reflexão sobre onde, quando se quer se pode chegar; ou estimular para que nunca vença a acomodação. Poder-se-ia, mas talvez a resposta mais próxima à verdade seria a vontade de mostrar o cuidado e o carinho de uma equipe com a velha Estação, devidamente registrados, para que o tempo não varresse esses momentos da memória.

As fotografias muito falam por si só, mas era preciso mais. Era preciso contextualizá-las, narrar episódios acontecidos, contar um pouco da história, auxiliar as fotos a mostrar momentos únicos passados na Estação. E, assim, o texto foi sendo escrito, no afã de ajudar a mente a melhor percorrer a viagem no tempo, de trazer detalhes que se perderiam se não registrados. A diversidade de fotos reunidas, muitas de autoria de outros colegas, estimulava a elaboração de uma crônica, uma crônica fotográfica.

Agora, escrever era lembrar e saborear os tempos de Estação, era o prazer de relemburar fatos passados, pessoas encontradas, de trazer à tona, na mente, momentos gratificantes, momentos que faziam aflorar sentimentos mesclados de saudade e de gratidão.

Na memória exercitada, as lembranças foram brotando. Cada fato, cada lugar, cada prédio faziam emergir uma história que pedia para ser narrada. Sem dúvida, se mais tempo fosse dado à memória, outras histórias brotariam. A história do prédio que desaparecera, prédio que, ainda hoje, muitos talvez não conheçam, foi a última a ser lembrada. Seu relato foi quase esquecido. Colocar vida nas coisas, nos lugares, chama para eles a atenção, e ajuda a lembrar de suas histórias quando forem avistados e a perpetuá-los na memória. Talvez alguém se lembre de olhar para baixo, buscando o piso branco e verde ao entrar no “cinema”, olhar o sino à porta da Estação e deixar escapar um sorriso. Talvez alguém lembre a expressão “a alma das coisas”.

Ao escrever o texto “Aquela estação”, ao recordar de algumas pessoas, de sua dedicação à Estação, do exemplo imprescindível que foram e que são, impossível conter a emoção, impossível barrar a gratificante saudade do convívio com elas exercitado por tantos anos. As pessoas, as coisas, os lugares, de alguma forma, fazem a história da nossa Estação.

Brotou também um certo constrangimento, por ter a imagem incluída em tantas fotos. Um pouco aliviado pela justificativa que era obrigação, sempre que possível, estar presente no que de importante acontecia na Estação. Um certo constrangimento, por narrar, embora sempre tentando fugir do ufanismo, realizações feitas ao longo de anos de gestão. Um pouco aliviado, porque tal narrativa mostra a atenção e o cuidado demonstrados por uma equipe, com tudo o que fazia parte da Estação.

Mas enfim, aí está a publicação. Mais do que um livro, mais do que uma homenagem, é uma declaração de amor à velha e querida Estação Experimental Cascata.

Carlos Alberto Barbosa Medeiros



Sumário

15	Trajetória da Estação Experimental Cascata: um breve resumo
22	Início da crônica: 2002, o marco zero
24	Melhorias: o olhar para o prédio-sede
39	O olhar para os caminhos da Estação
56	O olhar para as estruturas de apoio à pesquisa
84	O olhar sobre as estruturas de apoio a projetos de desenvolvimento e transferência de tecnologia
92	Complexo de capacitação
106	A importância do ambiente de trabalho de empregados e colaboradores
115	Foco na sustentabilidade
119	O olhar para o futuro: o uso de fontes renováveis de energia
126	Água e paisagem: construindo cenários
132	Superando desastres: a resiliência
143	Água para quem dela precisa
148	Atenção à infraestrutura básica
156	Detalhes importam: as pequenas obras
164	Evento que se tornou tradição: <i>Dia de Campo em Agroecologia</i> da Estação Experimental Cascata
179	Reconhecimento do trabalho: registro de visitas na Estação
198	O olhar para as pessoas: os empregados e colaboradores da Estação Experimental Cascata
202	Datas que não poderiam passar em branco
218	Imagens da Estação: a relação com a natureza
219	Crônica fotográfica
227	Memorial da Estação Experimental Cascata
229	Referências
229	Literatura recomendada



Trajetória da Estação Experimental Cascata

Um breve resumo

A antiga aspiração da região foi atendida no governo Getúlio Vargas, que criava, em 13 de janeiro de 1938, a Estação Experimental de Viticultura, Enologia e Frutas de Clima Temperado, resultado de um acordo firmado entre o Ministério da Agricultura e o governo do estado do Rio Grande do Sul. Localizada em uma região tipicamente colonial, a Estação, apesar de visar atender toda a região, não poderia se distanciar das demandas dos sistemas produtivos locais, mas, ao mesmo tempo, mantinha um olhar para o futuro, lançando ideias pioneiras na investigação agropecuária. Os registros históricos das atividades daquela época, hoje preservados no Memorial da Estação, revelam ideias que denotavam preocupação com práticas sustentáveis, com o meio ambiente, com a autonomia dos agricultores, temas que, mais do que nunca, permanecem atuais e perfeitamente sintonizados com o formato tecnológico atual da Estação Experimental Cascata.

Foram inúmeras as transformações sofridas pela Estação ao longo de mais de 80 anos de existência. Desde o próprio nome até, principalmente, a orientação das atividades de pesquisa ali desenvolvidas, muito embora a preocupação com as questões demandadas pela região sempre tenha estado presente. A mudança mais significativa, pelos investimentos feitos, foi a transformação da Estação em Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Cascata (Uepae de Cascata), em 1975. Com esse novo status alcançado, houve ampliação de corpo técnico, investindo-se também em capacitação, o que aumentou a qualificação da equipe. O consequente refinamento e aumento no volume dos trabalhos de pesquisa exigiam então novos espaços, novos laboratórios que acompanhassem a evolução e a maior complexidade das demandas. Assim, deu-se início à construção de uma nova sede para a Uepae, distante 10 km da antiga Estação, e, em pouco tempo, mais precisamente em 1982, a mudança para as novas instalações se concretizava. Toda uma estrutura que, embora antiga, já fora pujante, era desocupada e ficava pouco a pouco mais vazia. Muitos dos empregados, moradores das casas disponibilizadas na área da Estação, foram deixando para trás as antigas residências, atraídos por outros espaços para morar. A Estação passou a ser chamada de “área velha” numa expressão que encerrava, sem dúvida, um pouco de carinho,

mas também, em uma reação humana normal, um desapego e esquecimento do que agora passava a ser antigo. Na esteira das transformações e como consequência direta da clara vocação pela fruticultura, era criado, sob a égide da Embrapa, em dezembro de 1983, já na nova sede, o Centro Nacional de Pesquisa de Fruteiras de Clima Temperado (CNPFT).

A Estação, então, sofreu as consequências. Passou a ser utilizada como campo experimental, onde a produção de mudas de espécies frutíferas era o carro-chefe, com um corpo de empregados que contemplava o mínimo necessário. Grande parte da estrutura agora sem uso, como era de se esperar, decaía. A “área velha” estava ficando velha e esquecida.

Em 1985, um novo alento. Inicia-se na Estação uma experiência inovadora de trabalho, focada em uma agricultura alternativa, com o emprego de práticas sustentáveis, integrando produção vegetal e animal. O projeto que seria um precursor de um enfoque sistêmico de pesquisa para a agricultura familiar, teve curta duração, sendo encerrado em dezembro de 1986. A pequena equipe montada para o trabalho desfaz-se, e a Estação entra em um período de profundo esquecimento.

Nesse período, alguns fatos e talvez alguns boatos valem ser destacados. O fato foi a instalação, no prédio-sede, de uma escola municipal, cujo objetivo era transmitir noções de agricultura a crianças, como parte de um acordo feito com a prefeitura local e que, literalmente, deu outro colorido ao prédio. Os desenhos multicoloridos, feitos pelos alunos e afixados nas paredes, chamavam a atenção. Se, por um lado, dava-se abrigo a uma atividade nobre, o ensino, por outro, era melancólico ver que aquelas paredes que haviam dado suporte para importantes avanços na agricultura da região distanciavam-se cada vez mais de sua finalidade. A escola acabou sendo desativada, esvaziando-se mais uma vez o prédio-sede da Estação.

Nessa época, a pressão social para ocupação de áreas com funcionalidade questionável, incluindo áreas públicas, estava aumentando. Não se tem registros claros, além de alguns testemunhos pessoais, que não sabiam precisar a autenticidade das conversas compartilhadas que, fato ou boato, anunciavam a possibilidade de ocupação da área da Estação por movimen-

tos sociais na busca de áreas para agricultura comunitária. Fato ou boato, a ocupação não se concretizou, e, em meados da década de 1990, a Estação enveredaria por outro caminho e começaria um resgate histórico de sua finalidade.

Começa a formar-se uma nova equipe de trabalho, e o resgate tem seu marco institucional estabelecido em 13 de maio de 1996, com a criação oficial da Estação Experimental Cascata que, com a designação de seu primeiro supervisor, deixava de ser simplesmente um campo experimental e ganhava visibilidade e importância no cenário interno e externo. Começava-se assim, mesmo que de forma incipiente, a dar contornos de um novo formato para a Estação, que se consolidaria ao longo do tempo. Iniciou-se a realocação interna dos técnicos, convidados agora a desenvolverem suas atividades na Estação, em diferentes áreas, focados na agricultura familiar. Nem todos os convidados aceitaram o novo desafio, mas a despeito desse fato, estruturou-se uma equipe técnica, que, embora pequena, começava a dar corpo aos trabalhos de pesquisa no tema.

Os desejos colocados no papel nem sempre se concretizam, por entraves muitas vezes não bem identificados ou, se conhecidos, difíceis de contornar. O fato é que as mudanças pensadas não criaram raízes em uma visão agrônômica, ou não foram bem ancoradas na visão do navegador. Com mudanças na gestão da Unidade, alguns convidados se despediram precocemente e voltaram para seus locais de origem. Os entraves devem-se talvez a inexistência de uma estrutura adequada na Estação e a atração pelas melhores condições da sede; talvez o desconforto de sentir-se esquecido e colocado em um suposto segundo plano, afastado das decisões; mas talvez principalmente pelo abalo nas convicções da importância do trabalho ali desenvolvido. Entraves não bem identificados, mas com visível impacto. A equipe dismantelou-se parcialmente, restando um reduzidíssimo número de técnicos, o que teria como consequência lógica uma drástica redução nos resultados a serem obtidos no futuro. A desmobilização não foi precisamente um estímulo para a equipe remanescente, e um certo marasmo técnico infiltrou-se sorrateiramente no ambiente. A ideia colocada no papel não deslanchara, e a Estação entrava em outro período de incertezas.

Iniciava-se um novo século e, nos primeiros meses de 2001, a aprovação de um projeto de pesquisa e desenvolvimento, coordenado pela Estação, com recursos do Banco Mundial e do governo do estado do Rio Grande do Sul abria novas perspectivas de trabalho. O projeto deu condições para a criação de uma rede de pesquisa participativa, com uma forte articulação institucional, dando uma significativa visibilidade para a Estação, e o que era importante, criava novos vínculos e reaproximava a Estação dos agricultores. O foco em sistemas sustentáveis de produção começava uma jornada por um caminho que se revelaria sem volta. Os recursos do projeto permitiram também alguns investimentos na sua estrutura. O marasmo definitivamente começava a ser afastado pelos novos ventos que sopravam.

A vocação da Estação para a sustentabilidade começa a consolidar-se a partir de 2003, quando, por uma orientação gerencial da Embrapa Clima Temperado, os sistemas produtivos de base ecológica passam a ser o foco de pesquisa da Estação. No início da década de 2000, a Embrapa abriu concurso para técnicos e, já em 2004, chegaram à Estação novos contratados para atuar, especificamente, dentro do novo formato tecnológico escolhido para abrigar os projetos de pesquisa. Talvez aqui resida a grande diferença da frustrada tentativa anterior de consolidar um modelo ou uma equipe de trabalho: compromisso firmado na origem do processo, com a alocação de pessoas com afinidade em relação ao tema a ser trabalhado e convictas da viabilidade de um formato sustentável de produção.

Sem mais retrocessos, o trabalho na Estação evoluía, outras competências foram agregadas e, antes mesmo do final da década de 2000, a diversificação das áreas trabalhadas retratava o compromisso com a própria diversificação da agricultura familiar, abordando desde a minhocultura até a reestruturação ambiental, contemplando, também, áreas como fruticultura, horticultura, sistemas agroflorestais, apicultura e dando os primeiros passos em direção ao controle biológico. A equipe expandia-se mais ainda, como fruto da integração com técnicos das outras bases físicas da Embrapa Clima Temperado, os quais passaram a utilizar a área da Estação para trabalhos de campo, vinculando-se, definitivamente, à sustentabilidade dos sistemas produtivos.

Nesses tempos de avanços técnicos significativos, o trabalho ganha ainda mais visibilidade em decorrência do fato de a Estação, e por consequência a Unidade, liderar, dentro da Embrapa, o maior número de projetos voltados para a agricultura familiar. O reconhecimento do trabalho consolida-se quando, em 2009, a Estação começa a coordenar um projeto de âmbito nacional, com tema centrado na transição agroecológica, liderando uma rede composta por técnicos de diferentes Unidades da Embrapa e de inúmeras instituições parceiras, do Norte ao Sul do País.

O reconhecimento dos resultados atravessa as fronteiras brasileiras, e a Estação é visitada por delegações de técnicos de instituições latinas ligadas à pesquisa agropecuária em busca de melhor conhecer o trabalho ali desenvolvido e estabelecer um intercâmbio de experiências e conhecimentos. Destaca-se a aproximação com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), mais precisamente com



suas representações sul-americanas, que se configura em uma estratégia apoiada pela Sede da Embrapa, para que a Estação viesse a pleitear, em um futuro próximo, o status de uma das referências internacionais em agroecologia.

O breve resumo da trajetória da Estação estaria incompleto se não fosse dado destaque a principal fortaleza do trabalho ali desenvolvido: o reconhecimento dos agricultores familiares e a sólida articulação com as instituições que os representam. Sem dúvida, é um dos principais legados e a coroação de um longo trabalho construído com credibilidade, com protagonismo, mas isento de qualquer resquício de arrogância. São as vigorosas e profundas raízes emitidas pela Estação, que não só dão suporte e alimento para que a árvore cresça e frutifique ainda mais, mas que também a torna resistente aos ventos adversos que, vez por outra, insistem em fustigar as instituições.

Gestão da Estação – linha do tempo

Com a criação da Estação Experimental Cascata, em 13 de maio de 1996, estabelecia-se também uma nova estrutura administrativa, inicialmente composta por um supervisor (gerente-geral da Estação) e um supervisor de campos experimentais, encarregado de supervisionar os trabalhos de campo e as estruturas de apoio. Obedecendo a essa estru-

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Carlos Alberto Barbosa Medeiros, supervisor/coordenador técnico da Estação Experimental Cascata no período de agosto de 2002 a agosto de 2019.

Foto: José Ernani Schwengber



Lírio José Reichert, supervisor administrativo no período de julho de 2003 a março de 2008.



Foto: Lírio José Reichert

Geraldo Redin Camejo, supervisor administrativo a partir de março de 2008.

Foto: Lírio José Reichert



Jorge Recuero de Castro (de frente), supervisor de campos experimentais no período de julho de 2003 a abril de 2006.



Foto: Lírio José Reichert

Everton Luis Fonseca Neumann, supervisor de campos experimentais no período de abril de 2006 a maio de 2016.

Foto: Lírio José Reichert



Gustavo Nunes de Andrade, supervisor de campos experimentais a partir de junho de 2016.



Foto: Lírio José Reichert

José Ernani Schwengber, assessor técnico de P&D a partir de maio de 2012.

tura, foi nomeado como primeiro supervisor da Estação, o pesquisador Flávio Gilberto Herter, e como supervisor de campos experimentais, o técnico agrícola Gilberto Khun, o qual se manteria nessa função até 2003. Em julho de 1997, assume, como novo supervisor, o pesquisador Alverides Machado dos Santos, substituído por Wilmar Wendt em maio de 2001. Em março de 2002, é nomeado supervisor Antônio Roberto Marchese de Medeiros, substituído em agosto deste mesmo ano pelo pesquisador Carlos Alberto Barbosa Medeiros, que permanece no cargo até agosto de 2019. A estrutura gerencial com dois supervisores manteve-se até julho de 2003, quando então foi ampliada. Em julho de 2003, o técnico agrícola, Jorge Recuero de Castro assume a Supervisão dos Campos Experimentais, e o analista Lírio José Reichert é indicado para o recém-criado cargo de supervisor administrativo. Em abril de 2006, assume a Supervisão de Campos Experimentais o assistente Everton Luis Fonseca Neumann, substituído em maio de 2016 pelo também assistente, Gustavo Nunes de Andrade. Em março de 2008, a Supervisão Administrativa é passada ao assistente Geraldo Redin Camejo. Em 2011, a Supervisão da Estação atinge um novo status, sendo transformada em Coordenadoria Técnica. A estrutura gerencial é novamente alterada com a criação da função de assessor técnico de P&D, cargo assumido pelo analista Fernando Rogério Costa Gomes, de janeiro a maio de 2012, substituído pelo pesquisador José Ernani Schwengber.

Início da crônica

2002, o marco zero

Muitos fatores contribuíram para que, mesmo após a criação oficial da Estação Experimental Cascata, em 1996, sua estrutura como um todo não tenha recebido a atenção merecida. O número reduzido de técnicos atuantes na Estação, o consequente pequeno volume de trabalhos de pesquisa desenvolvidos e, acima de tudo, os escassos recursos para investimento foram determinantes para a gradual deterioração da estrutura geral, a qual, em 2002, beirava a precariedade.

A estrutura de pesquisa na época permitia apenas alguma experimentação básica de campo, e as instalações, incluindo o prédio-sede que abrigava a parte técnica, clamavam por



Vista geral dos prédios da Estação Experimental Cascata em 1º de agosto de 2003, antes das melhorias serem realizadas.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista geral dos prédios da Estação reestruturados. Imagem de 21 de dezembro de 2010.

melhorias. Embora evidente, não custa destacar que as condições de trabalho afetavam não só os resultados, mas também a autoestima dos empregados que, mesmo de uma forma subliminar, comparavam a estrutura da sede da Unidade, composta por prédios recém-inaugurados, com a realidade em que viviam na Estação. Essa situação exigia ações imediatas para que os prejuízos decorrentes da estrutura deficiente não se elevassem e alcançassem patamares preocupantes, mesmo porque a ideia da gestão era investir no novo formato tecnológico da Estação, focado na sustentabilidade, para o qual o aumento e a qualificação da equipe eram fundamentais. O rejuvenescimento da força de trabalho da Estação, com a chegada de novos técnicos, demandaria a recuperação da estrutura, e aí se incluíam prédios, equipamentos, rede lógica... enfim, uma longa jornada.

Nesse cenário, colocou-se como uma das prioridades a qualificação geral da infraestrutura da Estação. As melhorias estruturais também tinham suas segundas intenções, nada maquiavélicas, mas longe de serem ingênuas. Funcionariam como um estímulo, mas também permitiriam cobranças; dariam melhores condições de trabalho, mas também evitariam a acomodação, blindada pela falta de estrutura; trariam uma gama de benefícios, mas também produziriam o desconforto de se permanecer na zona de conforto, sem significativas preocupações com resultados. Seguramente, as melhorias tinham suas segundas e terceiras intenções.

Melhorias

O olhar para o prédio-sede

Não olhe para cima!

A troca do forro e do telhado

Aquela seria mais uma manhã de um dia normal de trabalho se não fosse o distraído olhar para cima. Revelador, o percorrer de olhos mostrou o forro se desprendendo e ameaçando despencar sobre a cabeça do incauto que estivesse abaixo dele. O trabalho foi suspenso, e iniciar-se-ia a primeira mudança não planejada em uma gestão que há pouco se iniciara “a troca de sala da supervisão da Estação”. Esse pequeno episódio é narrado como forma de mostrar, mesmo que de forma caricatural, a precariedade da estrutura da Estação



Fotos: Lirio José Reichert



Forro de madeira do prédio sede da Estação Experimental Cascata, com detalhes do apodrecimento e das acículas de pinus acumuladas sob as telhas; o novo forro de PVC.



naquele terceiro ano do novo milênio. A obrigatória troca de sala, causada pela situação insólita, expôs o que já era evidente, a necessidade de investimento em melhorias. O olhar para cima fora o catalizador que faltava, e as reformas do prédio-sede iniciaram-se, de forma tímida, dentro do ritmo que os recursos permitiam.

Como sabe todo o restaurador, as reformas de prédios antigos começam por cima, pelo telhado, como forma de primeiro proteger o que está ali abrigado das águas da chuva. De uma forma um pouco inversa, forçada pela situação, começou-se pelo forro, em razão de seu visível apodrecimento. Seguiu-se a troca do telhado, que datava da época da inauguração da Estação, com mais de 60 anos, o qual já

apresentava inúmeros problemas na contenção das águas da chuva, causando desconforto aos empregados e colocando em risco os equipamentos. Essa operação perfeitamente se enquadraria dentro daquelas frequentemente mencionadas nos discursos, como forma de exagerar as dificuldades enfrentadas, “consertar-se o avião em pleno voo”. Ou seja, a troca do telhado, feita com as atividades em andamento e com o risco sempre presente de chuvas ocorrerem no período, seria complexa. A troca, feita por etapas e estruturada para contornar os riscos de chuvas, foi finalizada em poucas semanas e, finalmente, a Estação, depois de décadas, estava de cara nova e, o que é importante para os de idade avançada, ao abrigo das intempéries.

Fotos: Lirio José Reichert



Melhorias introduzidas no prédio-sede da Estação Experimental Cascata: troca do forro de madeira por PVC realizada pela equipe de apoio da Estação no período de 1º de agosto a 27 de outubro de 2003.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Carlos Alberto Barbosa Medeiros

Vista do prédio-sede da Estação Experimental Cascata antes das intervenções. Momento posterior à troca do telhado e ao calçamento do acesso lateral e frontal concluídos.



Fotos: Lirio José Reichert

O início e a conclusão da troca do telhado do prédio-sede da Estação Experimental Cascata.



Fotos: Lirio José Reichert

Troca do telhado do prédio-sede da Estação Experimental Cascata feita em etapas, com as atividades de trabalho em andamento em seu interior, no período de 12 de maio a 30 de junho de 2004.



Fotos: Lirio José Reichert

Melhorias iniciadas no prédio-sede da Estação Experimental Cascata: a primeira pintura externa em dezembro de 2005 e a segunda pintura em dezembro de 2017.



Prédio-sede da Estação Experimental Cascata reformado e pintado.

Opiniões divididas

A polêmica do corte das árvores de pinus

Cabe aqui a narrativa de um fato anterior curioso: o polêmico corte dos pinus. Não se tem registro da época de plantio, mas pela altura das árvores, seguramente havia sido há muitas décadas. No entanto, a manutenção da exuberante e já tradicional beleza da cortina de pinus que emoldurava a frente do prédio-sede da Estação tinha seu preço. Segundo a corrente que defendia o seu corte, a barreira formada pelas enormes árvores impedia a penetração da luz solar e contribuía para o apodrecimento do madeiramento do prédio, além de privar os empregados do conforto dos raios de sol no frio e úmido inverno da região. Os mais trágicos visualizavam uma possível queda de uma das gigantescas árvores sobre o prédio. Tinham até certa razão, já que os raios a estilhaçar árvores eram frequentes na Estação. Do outro lado, a corrente contrária argumentava que a alameda era uma marca da Estação, e o seu corte desfiguraria o tradicional cartão postal, seria um choque na paisagem. Para tristeza da corrente paisagística, venceu o pragmatismo, e as árvores foram cortadas. Curiosamente, os dois lados tinham razão. A beleza do quadro pintado em verde foi mortalmente golpeada, mas talvez tardiamente, pois o apodrecimento do forro já havia começado, tanto que teve de ser trocado. Vida que segue, novas árvores foram plantadas, e a nova moldura, não tão exuberante, já começava a ser notada. Voltarão a ser um dia cortadas? Seguramente que não. A polêmica deixou seus ensinamentos, que foram colocados em prática. Entre eles: árvores de baixo porte não sombreiam altos prédios. Em uma analogia reflexiva, ideias menores não bloqueiam pensamentos inovadores. A Estação o diria.



Vista do prédio-sede da Estação Experimental Cascata antes do corte das árvores de pinus, ocorrida entre 1999 e 2000.



Anos depois do corte dos antigos pinus, a nova "moldura" do prédio-sede da Estação Experimental Cascata.

Portas de entrada – a recepção

Uma das características dos ladrilhos hidráulicos é que o polimento, decorrente do próprio uso, aumenta seu brilho e os deixa mais bonitos. Nem todos talvez tenham atentado para a beleza dos ladrilhos artesanais que davam identidade ao hall de entrada da Estação. Com suas cinco letras desenhadas por peças pretas, MA – EEP, identificavam a Estação Experimental Pelotas como integrante do Ministério da Agricultura. Os mais atentos olhariam e identificariam as mesmas letras, fundidas em meio aos desenhos da grade de proteção dos vidros da antiga porta almofadada, azul-imperial, que dava acesso ao prédio. Era a área de entrada do prédio-sede da Estação. As letras no piso e nas grades da porta, como em um memorial, mostravam aos visitantes uma página da história da Estação e remetiam seus pensamentos para mais de 80 anos atrás, em uma viagem no tempo em que a imaginação de cada um, livremente, pintava o cenário. Os detalhes eram como sinais, cuja função era avisar aos que por ali passassem: “este prédio, esta Estação tem história”.

E esse pequeno espaço de entrada, com tudo que representava, tinha de ser valorizado sem alterar o seu passado. E assim foi feito. A cor original do cedro da madeira foi restaurada, enobrecendo o ambiente. Uma porta de vidro foi colocada protegendo a recepção, e as portas de cedro agora, sempre

Fotos: Lirio José Reichert



Porta principal e o hall de entrada do prédio-sede com as iniciais da Estação Experimental Pelotas.

abertas, faziam o visitante ver de imediato que alguém estava ali para recepcioná-lo. A Estação estava mais amigável, de portas mais abertas, era a valorização de seu histórico hall de entrada. Afinal, em 1943, em sua visita à Estação, o então presidente Getúlio Vargas já havia passado por ali. Os ladrilhos, por certo, têm ainda gravado na memória o som marcante de seus passos.

Fotos: Lirio José Reichert



Revitalização da recepção e do hall de entrada da Estação Experimental Cascata.



Paredes que escutavam – o auditório da Estação

Aquela sala ampla ao final do corredor do prédio-sede da Estação seguramente não fora desenhada para ser um auditório. Tudo indica que, nos primeiros tempos, esse tipo de estrutura não era prioridade, e o que viria a ser transformado em auditório era, na época, uma enorme sala onde se concentrava a administração da Uepae de Cascata. Com a mudança para a nova sede e com o esvaziamento do prédio, esse espaço tornou-se ocioso. Em maio de 1996, com a criação da Estação Experimental Cascata, o espaço, agora transformado em auditório, começava a escrever sua história.

Foi também 1996 o ano de criação do *Fórum de Agricultura Familiar da Região Sul do Rio Grande do Sul*. Não por coincidência, a Estação, que voltava a trilhar o caminho da agricultura familiar, torna-se a base física para as atividades do fórum, e o auditório torna-se um local de discussão de ideias focadas no desenvolvimento sustentável do território rural do sul do Rio Grande do Sul. O espaço torna-se um local de referência, à medida que o fórum consolida-se como um representante dos anseios da agricultura familiar da região. O fórum segue crescendo em importância e em número de participantes. O auditório, peça fundamental no início das atividades, torna-se agora pequeno. As lideranças da Embrapa, incluindo seu presidente, Silvio Crestana,

Foto: Lirio José Reichert

A Estação Experimental Cascata como espaço de referência: reunião do *Fórum de Agricultura Familiar*, em junho de 2005.



quando de sua visita ao fórum, recebem a reivindicação de um espaço maior que abrigasse todos os personagens daqueles construtivos debates. Por outros caminhos, o pleito seria mais tarde atendido... mas essa é outra história.

Fotos: Lirio José Reichert



Curso ministrado para integrantes da Rede Ecovida, com a participação do agricultor Nilo Schiavon (no primeiro plano), abril de 2007.

O auditório foi também o palco do antológico Curso de Agroecologia, ministrado em 2001 por Stephen Gliessman nas dependências da Estação, além de incontáveis palestras e cursos, numa agenda definitiva de aproximação entre os agricultores familiares e a Estação. Essa agenda teria continuidade, embora com outro formato, em 2008, com a alocação, na Estação, dos técnicos do Projeto Confie – Desenvolvimento Sustentável da Reforma Agrária no Rio Grande do Sul. O auditório foi preparado para sua nova função, que era abrigar os oito técnicos contratados para o projeto. A sua estrutura, entretanto, depois de abrigar tantos eventos, dava sinais de cansaço e, como forma de reconhecimento aos serviços prestados, passou por uma reforma. Paradoxo, talvez... mas após a reforma, o auditório nunca mais voltou a abrigar eventos. Em um misto de nostalgia e tristeza, suas paredes já não mais ouviriam, atentas, as reivindicações da agricultura familiar; já não mais guardariam, silenciosas, os ensinamentos tantas vezes ali transmitidos; desoladas, deixariam de presenciar importantes decisões de apoio aos agricultores da região... perdiam um pouco de seu protagonismo.

Mas a história segue, e o amplo espaço que abrigou o Confie, com a saída de seus técnicos, passou a ser parcialmente ocupado pela equipe da própria Estação. O espaço foi mantido inalterado até 2019, quando o aumento da equipe técnica determinou, em uma das últimas intervenções na estrutura física da Estação, a sua divisão. Foi desmembrado em duas salas, selando, de forma irreversível, o destino daquele espaço, que se afastava de forma definitiva de seu histórico papel como auditório. Dividido, abrigava novas funcionalidades, novas pessoas, novas ideias... que suas espessas paredes, então, dessem suporte a ideias inovadoras, que bloqueassem a infiltração sorrateira do comodismo, que emanassem bons fluidos, inspiradores para o trabalho em prol dos agricultores. Com sua biografia histórica respeitada, as paredes, dessa forma, sentiriam novamente o júbilo dos tempos idos de auditório... se pudessem, seguramente demonstrariam sua gratidão.



Fotos: Lirio José Reichert

Reforma do antigo auditório concluída e a utilização do espaço por técnicos da Estação Experimental Cascata, ainda sem as divisórias.



Fotos: Lirio José Reichert

Retirada do assoalho e colocação de aterro. Nova intervenção no antigo auditório, a qual resultaria em sua divisão em duas salas.

Fotos: Lirio José Reichert



Obras de divisão do auditório: o estaqueamento para as futuras paredes.

Fotos: Lirio José Reichert



Prosseguimento das obras de divisão: levantamento das paredes, pintura do novo trecho do corredor.

Fotos: Lirio José Reichert



Auditório com sua divisão em processo de finalização: os novos pisos do corredor e das salas.

Branco hospitalar – a beleza da cor do cedro

O comentário sobre o interior do prédio-sede, feito por alguém de forma despretensiosa, deixara sua marca. Em uma livre transcrição, foi dito que “o branco do corredor, com paredes, forro e portas brancas transmitia a ideia de um corredor hospitalar”. O comentário martelava. Em uma conversa casual, mas nem tanto, foi feita a provocação para a mudança. A proposta foi bancada pelo dedicado pintor da equipe da Estação, que de pintor via-se agora dentro das roupas de restaurador. O resultado logo apareceu, e o corredor começou a trocar de cor. Por um lado, escondeu-se o branco das paredes e, por outro, descobriu-se, sob as grossas camadas de tinta removidas das portas, a beleza da cor nobre do cedro, que clamava para ser exposta. Restauração finalizada, o andar pelo corredor tornou-se mais “saúdável”, ou melhor, mais agradável. Não se via o corredor de hospital, os marcos eram agora molduras de cedro que exibiam as portas, transformadas em belos quadros alusivos aos mais de 80 anos de história do velho prédio-sede da Estação. Voltando ao pintor “restaurador”, nas suas primeiras caminhadas pelo corredor, percebia-se no seu olhar um certo orgulho. Sem dúvida, a beleza do resultado final era a compensação pelo longo e paciente trabalho.



Fotos: Lirio José Reichert

Corredor do prédio-sede da Estação Experimental Cascata, antes da troca do forro no ano de 2003 e com o novo forro no ano de 2004, antes da restauração das portas internas.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Novo visual do corredor em junho de 2017: a cor do cedro presente, a lembrar das décadas de existência do prédio-sede.

Coffee break – a importância da cozinha

Em uma imitação das casas da zona rural, a cozinha do prédio-sede da Estação era ponto de reunião, ou melhor, de duas reuniões diárias, no cafezinho da manhã e no da tarde. Pães e queijos artesanais, cucas trazidas pelos frequentadores reforçavam o sabor colonial do encontro, mas que, na falta, eram substituídos pelo sabor industrial das bolachas. Não importava, o fundamental era a reunião. Não tinha horário certo, o barulho dos primeiros movimentos de um chamava os demais. Nas segundas-feiras, normalmente as conversas eram mais acaloradas, pela revolta dos perdedores ou pelo júbilo dos ganhadores, personagens que frequentemente trocavam de posição. Era o futebol que ganhava seu espaço e tomava conta das reuniões. Ideias de trabalho também ali surgiam e, de incipientes, se transformavam em boas articulações. Ninguém pedia a palavra, como não se faz em nenhum bate-papo informal, todos tinham voz, era um espaço, ou melhor, uma cozinha democrática. Ali também se comia o bolo de aniversário, cerimônia obrigatória quando alguém da equipe ficava mais velho. Em tempo, um espaço de tamanha importância, é claro, merecia a devida atenção. E a cozinha, envelhecida pelo tempo, para melhor acomodar as “reuniões” foi finalmente reformada, mas as conversas felizmente não. Continuaram as mesmas, às vezes acaloradas, às vezes instigadoras, mas sempre necessárias... como um ponto de inflexão na linearidade perturbadora da rotina diária.



Fotos: Lirio José Reichert

Local de “reunião”: vista da cozinha reformada e em dia de comemoração de aniversário.

O bom filho a casa torna

A sonoridade do bronze

Lá estava ele, solitário, no hall de entrada da nova sede da Unidade. Deslocado de sua antiga morada, o velho sino parecia se perguntar “O que faço eu aqui?”. A réplica do obelisco da Estação na entrada, com sua urna, aberta... o sino pendurado... pareciam expressar a vontade de alguém de ter um pouco da antiga Estação, junto à nova sede. Um desejo que, ao que tudo indica, fora esmorecendo. A réplica da urna, que deveria guardar documentos retirados do antigo obelisco da Estação, nunca fora utilizada. O sino empoeirado, meio escondido, despertava apenas curiosidade dos que por ele passavam, pois poucos sabiam de sua origem.

A utilização da sonoridade do bronze para chamar a atenção das pessoas é milenar. O sino colocado ao lado da porta de entrada da Estação tinha a função de anunciar para todos os empregados o início e o fim das atividades laborais. Na quietude daqueles dias, seu som chegava aos ouvidos do empregado mais distante, e, quando seu badalo parava, o sino, orgulhoso, tinha certeza de ter cumprido sua missão... ser ouvido.

Os seus dias de glória na Estação, entretanto, acabariam com a chegada da sirene elétrica, quando então ele foi jogado ao ostracismo. Menos amigável, um pouco ameaçadora, mais potente, mais moderna, era agora a sirene que fazia o papel de avisar os empregados que era hora de iniciar e finalizar suas jornadas. O golpe definitivo no velho sino foi sua retirada da Estação e a realocação na entrada da nova sede... ali estava ele, sem função, esquecido, completamente ignorado junto à uma parede ao lado da porta de entrada.

Tamanha infelicidade chamou a atenção, tratar do assunto era preciso. As razões apresentadas à Chefia-Geral da Unidade foram convincentes, e o velho sino estava autorizado a voltar à sua velha morada. Retirado discretamente, sem alarde, para não levantar falsos clamores de protesto, foi transportado e chegou com festa à Estação.

Instalado em seu antigo nicho, o sino estava lá, era agora um bom observador, consciente que hoje com o barulho dos ambientes conturbados, com as mentes marteladas pelos infundáveis sons dos novos tempos e suas tecnologias, já quase não existia mais espaço para sua sonoridade. Pelo menos a pretenciosa sirene, há muitos anos, havia sido aposentada, e o seu som estridente não mais o perturbaria, não mais traria a sensação de inutilidade que um dia o invadira.

Alguns, para ouvir o som límpido de seu badalar, vez por outra ainda o tocavam, ao final do dia, como em uma estação de trem, para anunciar a saída do ônibus dos empregados. O velho sino aproveitava para reviver seus antigos tempos, para sonhar. Quem sabe alguém lembrasse a época em que os dias eram mais silenciosos e a sonoridade de seu bronze era ouvida em todos os recantos da Estação. Quem sabe despertasse em alguém uma gratificante saudade dos tempos em que ele anunciava o fim da jornada. Quem sabe então, um suspiro afluísse sem pedir licença. Quem sabe...

Em tempo, o sino foi tocado na comemoração dos 75 anos da Estação para anunciar o início das atividades festivas. Todos o olharam ao mesmo tempo curiosos e encantados com a beleza de sua sonoridade. O velho sino teve seu momento de glória... merecido pelos tantos serviços prestados.



O sino no lugar que sempre foi seu: a porta de entrada da Estação Experimental Cascata.

O olhar para os caminhos da Estação

Sem escolha, pó ou lama – pavimentação da área interna

Eram os extremos: convivia-se com a poeira dos dias de sol ou com a lama dos dias chuvosos. O pó que invadia os ambientes e inadvertidamente descansava sobre as mesas era o alerta para a equipe de limpeza, e a lama incorporada aos calçados era um contratempo para todos que pela Estação transitassem. Em verdade, o trânsito na Estação em dias de chuva sempre foi dificultado pela inexistência de uma pavimentação. Sapatos embarrados pelos deslocamentos entre os prédios e veículos com dificuldade de transitar eram as características dos dias de chuva, especialmente no inverno. Solução de baixo custo não existia, pois obrigatoriamente passava pela pavimentação das vias internas. A busca de parcerias para a empreitada, pensada em etapas, que avançariam à medida que houvesse recursos, seria a solução. E foi o que aconteceu. Como primeiro resultado da estratégia traçada, em uma parceria com o poder público, conseguiu-se pedras para a pavimentação da área em frente ao prédio-sede, e assim iniciava-se um processo que só seria concluído 15 anos depois, quando a última pedra da última etapa da pavimentação seria colocada.

Com o calçamento da área frontal ao prédio-sede, apenas uma pequena parte estava resolvida. O deslocamento dos veículos,



Foto: Lirio José Reichert

Calçamento com pedras de granito, da área frontal ao prédio-sede, em setembro de 2005.

O acesso lateral, o principal

A utilização de rocha granítica na pavimentação do entorno harmonizava com a idade e com o estilo colonial do prédio central. Registre-se, o revestimento iniciou-se pela lateral do prédio que, curiosamente, de acordo com os relatos, era o acesso utilizado pelos chefes da Unidade no século passado, os quais, na sua chegada à Estação, não utilizavam a porta principal. Não se sabe bem o porquê. Talvez uma entrada mais discreta permitiria ordenar os pensamentos antes de qualquer decisão. Mais discreta talvez, para desfrutar um momento de reflexão antes de encarar os desafios da jornada diária. Não se sabe bem o porquê, mas a tradição teve continuidade, e o acesso lateral, no novo século, manteve sua função de porta principal de entrada. A entrada discreta ainda era priorizada e agora com mais um atrativo, sem lama.

Foto: Lirio José Reichert



Calçamento da lateral do prédio-sede.
Primeiras pedras assentadas na Estação
Experimental Cascata, em dezembro de
2004.

no entanto, continuava sendo um problema durante as chuvas. Eram subidas, descidas e curvas acentuadas em uma estrada enlameada, motivo de preocupação pelos riscos que representava. No inverno chuvoso, era comum haver um trator de plantão. Inúmeras vezes os veículos mais pesados deslizavam na lama, saíam da estrada e tinham de ser socorridos pelos tratores. Mencione-se, para relembrar os tempos difíceis, que, em dias de chuva, a saída do ônibus com os empregados ao final do expediente sempre fora motivo de apreensão. Esclareça-se, o ônibus ao sair do prédio-sede necessitava ganhar velocidade para vencer o aclive existente na estrada e, logo em seguida, ainda acelerado, fazer uma curva acentuada à direita. Esse trecho, pela dificuldade que apresentava, sempre fora palco da demonstração de habilidade pelos motoristas e do silêncio preocupado, quase tenso, dos passageiros. Como não poderia deixar de ser, foi o trecho priorizado na pavimentação.

A área do acesso à Estação a ser pavimentada, desde o pórtico de entrada até o prédio-sede, foi dividida em quatro trechos, que foram executados de acordo com os recursos existentes e priorizados levando-se em conta a dificuldade que impunham ao deslocamento dos veículos. Os recursos foram, em sua maior parte, alocados pela própria Unidade, mas também captados em projetos externos.

O primeiro trecho priorizado, como já mencionado, foi o aclive e a curva logo na saída do prédio-sede em direção à BR 392.

O segundo trecho, continuação ao primeiro já executado, finalizava-se na área ampla, delimitada pela garagem e pelo celeiro, aqui chamada de “hall de acesso” à Estação, porque ali era feita a recepção aos participantes dos dias de campo, eventos anuais que reuniam grandes públicos.

O terceiro trecho, compreendido entre o hall de acesso e o início do fragmento de Mata Atlântica, foi o último a ser pavimentado, por não apresentar grandes dificuldades ao tráfego nos dias chuvosos.

O quarto trecho de pavimentação da estrada de acesso compreendeu o segmento que se iniciava no fragmento de Mata Atlântica, chegando até o pórtico de entrada. Destaque-se que o fragmento de mata existente nesse trecho conferia uma beleza ímpar ao local.



Fotos: Lirio José Reichert

Calçamento da área frontal concluído e o início da pavimentação do trecho da estrada de acesso contíguo ao prédio-sede, utilizando-se bloquetes de cimento intertravados. Setembro de 2005.



Fotos: Lirio José Reichert

Pavimentação do primeiro trecho e obra finalizada em novembro de 2005. A curva fechada, agora pavimentada, deixava de ser uma preocupação nos dias de chuva.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Carlos Alberto Barbosa Medeiros

Segundo trecho da estrada de acesso à Estação Experimental Cascata, em dia de chuva antes da pavimentação e depois do calçamento.

Fotos: Carlos Alberto Barbosa Medeiros



Obras da pavimentação do segundo trecho. Seis anos após a conclusão do primeiro trecho, iniciava-se uma nova etapa na pavimentação da estrada de acesso da Estação.

Foto: Carlos Alberto Barbosa Medeiros



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Segundo trecho da pavimentação sendo finalizado no hall de acesso à Estação e concluído em maio de 2011.

Fotos: Lirio José Reichert



Etapa da pavimentação do terceiro trecho da estrada de acesso da Estação Experimental Cascata e o trecho finalizado.

O trecho em que as pedras cresceram – o “tiro”

No terceiro trecho, um declive acentuado fez com que, ao longo do tempo, as pedras “crescessem”. A erosão de décadas nesse segmento da estrada foi pouco a pouco removendo a terra, e as rochas afloraram, como se estivessem brotando do chão, dificultando o assentamento das pedras do calçamento. Para a empreiteira que realizava o trabalho, a solução seria dinamitar a rocha. Uma solução que parecia simples, mas que soava um pouco estranha, completamente inusitada, pois teria que utilizar dinamite na Estação. Não se tinha conhecimento, até então, do uso de explosivos na área. O contato com uma equipe da pedreira local tranquilizou um pouco. Bastaria um “tiro” que, no jargão dos profissionais, referia-se ao uso de uma pequena quantidade de explosivos para resolver a questão. Contratou-se o “disparo”. Fim de expediente, todos os empregados fora, entrou a equipe da pedreira para executar o serviço, fecharam-se os portões. Um pequeno estrondo, um revoar de pássaros e foi tudo. “Tiro” dado, rocha quebrada, pavimentação continuada. Quase ninguém viu, quase ninguém escutou, quase ninguém soube do “tiro” que um dia fez tremer o chão, perturbando a paz do entardecer na Estação.

Fotos: Lirio José Reichert



Vista da estrada de acesso à Estação após o pórtico da entrada, antes e depois do calçamento.

O túnel verde – a difícil negociação

A pavimentação em seu quarto trecho chegou ao “túnel verde”, um fragmento de Mata Atlântica que, formando um arco acima da estrada, era um dos cartões postais da Estação... um fragmento que, por muito tempo, esteve intacto... até a chegada das torres da linha de alta tensão. Essa é uma história a ser contada.

A região e os municípios próximos, notadamente Canguçu, um dos mais populosos, sofriam com cortes de energia, em razão da crescente demanda, sem o devido investimento na transmissão. A companhia estadual responsável pelo fornecimento de energia fez os planos para uma nova linha de transmissão, cujo traçado passava sobre a área da Estação e justamente sobre o estreito fragmento remanescente de Mata Atlântica. Não se tinha notícia de qualquer visita à Estação para avaliação da área a ser atingida pela linha, traçada, possivelmente, somente com olhar sobre uma prancheta. A passagem da linha, pelo que se averiguou, nunca havia sido discutida com as gestões anteriores da Unidade. O que se viu foi a visita de técnicos da companhia elétrica, solicitando autorização para o desmatamento da área que iria ficar sob a linha de transmissão. Um enorme impacto sobre o frágil fragmento de mata, dada a largura da faixa a ser desmatada. A reação foi imediata: autorização negada. Solicitou-se o desvio da linha para preservar o fragmento, mas alegaram que o custo do redesenho do traçado seria elevadíssimo em recursos e tempo. Estabeleceu-se um impasse, sabia-se da significância da obra, mas também se conhecia a importância da mata, portanto a negativa era uma forma de chamar atenção para o descaso com o impacto ambiental. A negativa teve rápida repercussão e bem mais cedo do que se pensara, diretores da companhia vieram negociar, pois seguramente sabiam que a via jurídica seria o caminho mais longo para resolver a questão, atrasando por demais o projeto. Haviam feito o dever de casa. Na argumentação sobre os benefícios sociais da obra, apresentados para sensibilizar a gestão, estudadamente enfatizaram os benefícios para os pequenos agricultores da região, com destaque para Canguçu, o município com o maior número de minifúndios da América Latina.

A luta, tudo anunciava, seria inglória, além de colocar a Empresa como uma peça emperrando o desenvolvimento energético da região. Restava apenas uma saída que, na sabedoria popular, seria “fazer do limão uma limonada”. Negociou-se então o financiamento, pela companhia, de um projeto a ser desenvolvido na Estação, contemplando a produção de mudas de espécies florestais nativas e sua distribuição no meio rural. Uma compensação ambiental, prontamente aceita pelos negociadores. A autorização foi dada, a área desmatada, o compromisso do projeto de produção de mudas... esquecido. Natureza que segue, passados 15 anos, a vegetação recuperou-se e o protocolo de manter a vegetação baixa sob a linha, felizmente, também foi esquecido. O “túnel” está lá, exuberante, soberbo... até mesmo pavimentado. Bem-vinda, natural resiliência!

Fotos: Carlos Alberto Barbosa Medeiros



Pavimentação do quarto trecho inicia-se no “túnel verde” em outubro de 2011.



Fotos: Carlos Alberto Barbosa Medeiros

Etapas da pavimentação do quarto trecho. A saída do fragmento de mata em direção ao pórtico de entrada da Estação.



Fotos: Carlos Alberto Barbosa Medeiros

Última etapa da pavimentação do quarto trecho. O calçamento aproxima-se do portão de entrada da Estação.



Fotos: Carlos Alberto Barbosa Medeiros

Quarto trecho concluído: a pavimentação chega ao pórtico de entrada da Estação Experimental Cascata em Dezembro de 2011.



Beleza da fauna da Estação. Tucano, o visitante mais raro.

Excursão por lugares nem por todos conhecidos – a vida silvestre

Quando a pavimentação aproximou-se do portão de entrada, bloqueou, por algum tempo, o acesso de veículos à Estação pelo pórtico principal. Passou-se a utilizar o acesso secundário, na face sul da Estação. Iniciava-se, assim, uma excursão diária do ônibus com os empregados e colaboradores por lugares nem por todos conhecidos. O programa incluía atravessar pontes ouvindo o eco do burburinho das águas das sangas, contornar lagos cobijados pelos pescadores, cruzar fragmentos exuberantes de Mata Atlântica, observar de perto a vida silvestre. O voo dos pássaros, assustados pelo ronco do motor, a indiferença preguiçosa, mas vigilante das capivaras, a corrida apressada, quase voada dos jacus, com um pouco de sorte, a visão de um bando de tucanões com seus vistosos bicos, tudo fazia parte do espetáculo que afastava o cochilo dos viajantes cansados ao fim da jornada diária. A estrada estreita colaborava, fazendo com que o ônibus andasse mais devagar, facilitando a observação da natureza, embelezando a viagem. A conclusão da pavimentação interrompeu as excursões. Não importava, as imagens da natureza permaneceriam gravadas na mente de muitos, representando a harmonia do trabalho e da vida silvestre. A Estação Experimental, por que não, também era uma estação ecológica.



Vida silvestre da Estação: o passeio dos jacus e as capivaras esquentando-se ao sol de fim de tarde.

De grão em grão, completa-se a pavimentação

Concluída a pavimentação da estrada principal até o prédio-sede, as atenções se voltaram para o Centro de Capacitação de Agricultores Familiares (Cecaf). A obra estava sendo finalizada, e a inauguração programada para acontecer assim que a parte externa do prédio apresentasse condições de receber o público no ato inaugural. Lembrando, o prédio estava assentado em um terreno terraplanado, e o entorno era uma área que, sem exageros, poderia ser considerada, por assim dizer, inóspita.

O primeiro passo foi a pavimentação da área em frente à entrada e a construção das calçadas contornando a parte frontal e lateral do prédio. Pequenas intervenções que melhoraram sobremaneira o acesso ao prédio e deixaram-no pronto para a inauguração.

Aproximava-se o final de 2016, e dois eventos estavam programados para acontecer no mês de dezembro: o tradicional *Dia Campo em Agroecologia* e, no mesmo dia, aproveitando-se a oportunidade, a inauguração do Centro de Convivência, prédio a poucos metros do Cecaf. Para a inauguração, fez-se a interligação por calçada do Cecaf ao Centro de Convivência, facilitando o deslocamento entre as duas instalações, estruturas do mesmo complexo e que seriam, no futuro, utilizadas conjuntamente durante eventos ali realizados.



Fotos: Lirio José Reichert

Pavimentação (dezembro de 2013) e construção das calçadas (março de 2014), no entorno do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Pavimentação e calçada da área frontal concluídas: melhoria do acesso ao Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Início das obras da calçada de ligação entre o Centro de Capacitação de Agricultores Familiares e o Centro de Convivência.

Uma pequena história – o gabião

O aterramento do terreno para a construção do Cecaf fora considerável, principalmente em sua face sul, aumentando a cota da área em alguns metros. Formou-se um grande desnível em relação à estrada. O corte no terreno para construção da calçada evidenciou esse desnível, e o desmoronamento do talude tornou-se uma preocupação. Sua contenção era então necessária. O engenheiro chamado para uma orientação recomendou: “devemos construir um gabião”. Gabião, o que seria isso? A expressão dos membros da equipe presentes deixava claro o desconhecimento do termo técnico. Seguiram-se explicações, imagens no celular e, por fim, conheceu-se a denominação de uma estrutura nem tão desconhecida. Gabião é o nome dado à estrutura de contenção composta por pedras empilhadas, envolvidas por telas de arame. Não restou a menor dúvida da eficiência da solução, mas soou como o “uso de força desproporcional ao tamanho do problema”. Além do custo, parecia uma solução pouco ecológica: pedras ensacadas em gaiolas de arame. Agradeceu-se a orientação, o engenheiro se despediu. Os olhares céticos se cruzavam: “será mesmo necessário o gabião?”, questionou um dos presentes, demonstrando, pela pronúncia segura, um completo domínio do novo termo. A experiência da equipe, no entanto, falou mais alto. Diminuir a inclinação do talude e revesti-lo com grama seria a estratégia de contenção a ser adotada. Dito e feito. O talude está lá, sem pedras, verdejante, há anos soberanamente estável. Nem tudo se perdeu no episódio... um novo termo do vernáculo havia sido incorporado ao conhecimento linguístico da equipe: gabião.

Concluída a calçada de ligação entre os dois prédios, a estrada que os unia distoava, pelas péssimas condições de tráfego nos dias chuvosos, agravadas pelo aclave acentuado do trecho. Esse trecho com cerca de 50 m foi pavimentado com um custo extremamente baixo, reciclando-se pedras arrancadas de áreas pavimentadas na sede da Unidade.

Buscando-se facilitar o acesso de quem caminhasse até o Cecaf, a calçada que antecedia a porta principal foi estendida, dando-se continuidade a qualificação da área do entorno.



Fotos: Lirio José Reichert

Extensão da calçada de acesso ao Centro de Capacitação de Agricultores Familiares, concluída em julho de 2017.

Foto: Lirio José Reichert



Ligação entre o Centro de Capacitação de Agricultores Familiares e o Centro de Convivência. Estrada pavimentada com material reciclado e, à direita, a calçada concluída e o talude estabilizado pela equipe da Estação sem o gabião.

Pedras arrancadas, pedras recicladas

A expansão da sede da Unidade, com a construção de novos prédios, dava-se em alguns casos sobre áreas já pavimentadas, sendo retirado o calçamento para dar espaço aos novos edifícios. A construção de um novo e amplo laboratório deixou empilhado um volume considerável de bloquetes de cimento, “pedras” no jargão dos trabalhadores em pavimentação, já bastante usados, pois datavam da inauguração da nova sede em 1983. Para a Estação, esse resíduo tinha um altíssimo valor, face à demanda para a pavimentação de áreas íngremes, de difícil tráfego. Eram, portanto, “lingotes de ouro” empilhados. Negociações feitas, resíduo liberado, pavimentação executada. O bloquete, agora assentado com a face superior invertida, parecia novo. Era o primeiro exemplo de reciclagem de material de pavimentação na Unidade e a Estação seguia seu foco na sustentabilidade... parafraseando Lavoisier, na Estação nada se perdia, tudo se reciclava. Exageros a parte, quando era possível, claro!

Um ano depois de concluída a calçada, iniciou-se mais uma pequena etapa do calçamento. Continuação do segmento já pavimentado em frente ao Cecaf, o novo trecho estendia-se por cerca de 60 m, dando um novo visual à área externa do prédio, e facilitando ainda mais o acesso de veículos e de pessoas ao Cecaf. Com cerca de 1 mês de trabalho, a etapa foi finalizada em agosto de 2018.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista da área antes do calçamento e fase inicial dos trabalhos de pavimentação do trecho de acesso ao Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Foto: Lirio José Reichert

Melhoria no acesso ao Centro de Capacitação de Agricultores Familiares. Mais uma etapa da pavimentação finalizada, agosto de 2018.

Com os recursos escassos, aos poucos, o projeto de pavimentar o acesso desde o pórtico de entrada até o Cecaf foi tomando corpo. Em março de 2019, o penúltimo trecho, com cerca de 35 m de extensão, foi pavimentado. O calçamento chegou até as portas da biofábrica.

Fotos: Lirio José Reichert



Penúltimo trecho a ser pavimentado: vista antes e depois de finalizado o calçamento, em março de 2019.

Expectativa de finalização – a colocação da última “pedra”

Os dados topográficos do projeto inicial indicavam uma extensão de exatos 1.431 m a serem pavimentados, desde o pórtico de entrada, passando pelo Cecaf e chegando ao Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata. Depois de 15 anos de assentada a primeira pedra, pouco mais de 50 m separavam o momento da tão esperada conclusão da obra. De grão em grão, ou talvez melhor, de pedra em pedra, de ano em ano, assim avançara o trabalho, dentro do que os batalhados e pingados recursos permitiram. A gestão estava planejada para encerrar-se em agosto de 2019. Iniciava-se o segundo trimestre daquele ano e, na entrada do outono, desenhava-se no ar certa frustração, rascunhada pela imagem do trecho que restava a ser pavimentado, sempre enlameado pelas chuvas. Restava um consolo, faltava muito pouco, o que motivava sobremaneira a busca de recursos para finalização da empreitada.

A conclusão seria uma verdadeira corrida contra o tempo. Corrida em busca dos recursos, relativamente pequenos, mas que em tempos de escassez, de “vacas magras” no linguajar popular, tornavam-se grandes. Sem detalhar a batalha, mas narrando apenas o seu resultado final, os recursos foram conseguidos, metaforicamente, ao apagar das luzes. Iniciou-se a pavimentação dos simbólicos 50 m finais. Simbólicos, porque representavam a conclusão de uma jornada de 15 anos, com uma meta que, de início, parecia utópica, mas à medida que se avançava, menos e menos o final assemelhava-se a uma miragem. A última etapa foi concluída em julho de 2019. A Estação, como sempre, merecia o esforço, a colocação das últimas “pedras” fazia jus ao registro.



Fotos: Lirio José Reichert

Último trecho a ser pavimentado, imagem do início do outono de 2019 e na fase de conclusão, em julho do mesmo ano.



Fotos: Lirio José Reichert

Trabalhos do último trecho de pavimentação. Inicia-se a finalização de um projeto pensado há 15 anos.

Fotos: Lirio José Reichert



Conclusão da pavimentação. A aproximação do primeiro com o último trecho.

Fotos: Lirio José Reichert



Colocação das últimas
“pedras” da pavimentação e
os trechos finalmente unidos.
Atinge-se um objetivo,
distante de início, mas que
a perseverança fez tornar-se
possível.





Pavimentação do último trecho concluída em julho de 2019. A Estação Experimental Cascata afastava-se definitivamente dos inconvenientes do pó e da lama.

O olhar para as estruturas de apoio à pesquisa

Precariedade é o termo que surge ao se pensar na estrutura de apoio à pesquisa da Estação em 2003. Para o desenvolvimento de projetos com certo grau de complexidade, por pequeno que fosse, o único espaço de suporte era uma diminuta sala com pouco mais de 10 m², onde um abnegado pesquisador fazia todo o esforço para trabalhar com os chamados insumos alternativos, com ênfase nos fitoprotetores. Chamava-se esse espaço de biofábrica (nome que perdura até os dias atuais, mesmo após a reestruturação do prédio), que consistia em uma mesa para manipulação de matérias-primas e alguns armários para guardar os produtos desenvolvidos. No espaço não havia sequer uma pia, a limpeza dos materiais utilizados era feita em uma torneira no outro lado da rua, em frente à pequena sala. Cena inimaginável para quem hoje trabalha na Estação, mas frequente à época, era a limpeza da vidraria, em uma bandeja colocada embaixo da referida torneira. Essa era realidade em 2003.

Não é difícil imaginar o tamanho do desafio a ser enfrentado, pelas inúmeras carências estruturais e pela escassez de recursos para os investimentos necessários. A contratação de novos pesquisadores e o decorrente desenvolvimento de novos projetos fez com que, obrigatoriamente, o olhar da gestão se voltasse para a criação de estruturas específicas de apoio à pesquisa.

Foto: Carlos Alberto Barbosa Medeiros



Foto: Lirio José Reichert

Fitoprotetores guardados em armário na biofábrica e a torneira usada para a limpeza da vidraria e das hortaliças colhidas nos experimentos.

A reforma da biofábrica

Reforma: 1ª etapa: de 29/9/2003 a 16/10/2003

2ª etapa: de 28/8/2005 a 5/10/2005

Originalmente, o prédio onde estava inserida a biofábrica era constituído de oito pequenos compartimentos utilizados para armazenagem de sementes, depósito de insumos e guarda de ferramentas. Um desses compartimentos era utilizado para o trabalho com fitoprotetores alternativos. Na reforma, o prédio teve seu espaço interno maximizado, com a derrubada de paredes, dando lugar a quatro salas maiores, totalmente remodeladas e adequadas ao trabalho a ser ali desenvolvido. Todo o espaço agora era ocupado pela biofábrica.

Seguindo sua vocação inicial, a biofábrica centralizava os trabalhos com insumos fitoprotetores, que sempre se constituíram em uma carência para os sistemas produtivos ecológicos. Com o decorrer do tempo, os trabalhos de pesquisa evoluíram, passando também a contemplar o estudo de microrganismos envolvidos na proteção de plantas. Com investimentos relativamente pequenos, a biofábrica foi, então, mais bem equipada e transformou-se efetivamente em um laboratório de apoio aos projetos de pesquisa da Estação. Foram surpreendentes os resultados obtidos no tema fitoproteção, mesmo com a estrutura “espartana”, graças à dedicação dos pesquisadores ali atuantes. A participação de bolsistas e estagiários no trabalho da biofábrica teve também

Fotos: Lirio José Reichert



Fotos: Carlos Alberto Barbosa Medeiros

Vista externa da biofábrica, antes e depois das intervenções.

uma importância significativa. Houve época em que o espaço já não comportava a admissão de novos colaboradores, interessados em ali trabalhar. Era um bom problema.

Na sequência os registros da adequação do prédio e uma visão do laboratório estruturado.

Fotos: Lirio José Reichert



Visão externa da reforma da biofábrica: a troca do telhado.

Fotos: Lirio José Reichert



Reforma interna da biofábrica: adequação do espaço e colocação de forro de PVC.

Fotos: Lirio José Reichert



Readequação concluída com a biofábrica em plena utilização: um suporte importante na qualificação dos projetos de pesquisa da Estação Experimental Cascata.

A criação da Central de Adubos Orgânicos

Reforma: de 17/10/2003 a 20/12/2003

Um dos pontos de estrangulamento na produção da agricultura familiar de base ecológica, que persiste até os dias de hoje, é a disponibilidade de adubos eficientes e de baixo custo, para utilização nesse segmento produtivo. Esse tema foi objeto de pesquisa de alguns projetos que passaram a ser executados na Estação. Como base de apoio a esses projetos, centrou-se esforços na criação de uma estrutura que possibilitasse a experimentação com matérias-primas alternativas e diferentes formas de processá-las, enfim, um espaço de suporte à geração de tecnologias que viessem a suprir a lacuna associada a fertilizantes orgânicos.

Um prédio que outrora abrigara os animais da Estação, já em ruínas, e do qual só restavam as paredes das baias e alguns pilares de sustentação da antiga cobertura, foi escolhido para a reforma e transformação na central de adubos orgânicos. Recursos captados através de projetos externos possibilitaram a reforma e readequação do prédio. Dividida em três módulos, a estrutura em seu novo formato contemplou: um espaço para compostagem de resíduos orgânicos, utilizando-se as baias pré-existentes; um outro espaço onde as baias foram transformadas em diversos minhocários para a produção de húmus; e um módulo central, dotado de um maior pé-direito, utilizado como abrigo para máquinas e equipamentos, uma necessidade antiga da Estação.

Vista externa da Central de Adubos Orgânicos durante a reforma. Na parte central, com o pé-direito mais alto, o módulo destinado às máquinas agrícolas.



Foto: Lirio José Reichert

A central de compostagem e o minhocário impulsionaram sobremaneira a pesquisa em insumos fertilizantes, além de desempenharem um papel importante na demonstração e transferência das tecnologias geradas.

Fotos: Lirio José Reichert



Parte interna da Central de Adubos Orgânicos: baias para compostagem de resíduos, antes e ao final da reforma.

Fotos: Lirio José Reichert



Módulo destinado às máquinas e equipamentos agrícolas na central de adubos, antes e após as melhorias.

Fotos: Lirio José Reichert



Processo de vermicompostagem e retirada de húmus no minhocário da Central de Adubos Orgânicos.



Fotos: Lirio José Reichert

Britador e peneira, equipamentos da central de adubos utilizados no projeto de pesquisa sobre a viabilidade do xisto como insumo agrícola (Projeto Xisto Agrícola).

Concluída a estruturação da central de adubos e do galpão das máquinas, restava a melhoria do entorno e do acesso ao prédio. Situado num plano muito inferior ao da estrada, o prédio era acessado por meio de uma rampa bastante íngreme, que dificultava a chegada e saída de veículos nos dias de chuva. Com recursos provenientes de um projeto de captação externa, iniciou-se a pavimentação da área em agosto de 2005, finalizada 1 mês depois.



Fotos: Lirio José Reichert

Preparo do terreno do entorno da Central de Adubos Orgânicos para receber a pavimentação.

Fotos: Lirio José Reichert



Área externa da Central de Adubos Orgânicos: diferentes etapas da pavimentação.

Fotos: Lirio José Reichert



Etapas avançadas da pavimentação do entorno e do acesso à Central de Adubos Orgânicos.

Foto: Lirio José Reichert



Central de Adubos Orgânicos e espaço das máquinas agrícolas: readequação concluída e entorno pavimentado.

O desaparecimento do prédio nº 17105753

Rotina de todos os anos, o levantamento patrimonial é atribuição de uma equipe encarregada de verificar se todos os bens da Empresa, até mesmo os prédios, estão de posse dos responsáveis por eles. Havia um certo rodízio e a dupla que realizava a tarefa na Estação era renovada, pelo menos parcialmente, a cada ano. Com a transferência para outra base física do encarregado do levantamento do patrimônio, no qual se incluíam os prédios, outro empregado assumiu o posto. Naquele ano, na execução do levantamento, um fato surreal: não era encontrado um prédio de alvenaria arrolado na lista de bens imóveis da Estação. No primeiro momento, a conversa se fez interna, sem alarde, tentando a obtenção de informações que permitissem localizar o imóvel. Foi em vão. Escafedeu-se? Impossível, a descrição na lista era clara: prédio de alvenaria registrado sob número 17105753. Prédios não desaparecem, a menos que implodidos, o que seguramente não era o caso. Quem sabe uma falha do sistema, registrando um imóvel já demolido? Por fim, a equipe capitulou, e um pouco desconfortável pelo insucesso da empreitada de localização do bem, prevendo alguma piada que seguramente seria feita, foi pedir informação para o antigo encarregado do levantamento. E fez-se a luz! Literalmente, até porque o prédio procurado, há muitos anos não recebia a luz do sol. Encravado no meio do mato, coberto por densa vegetação, lá estava ele... era uma esterqueira.

Para a instalação da Central de Adubos Orgânicos, foi recuperado o prédio utilizado como abrigo para os animais à época em que se iniciaram as atividades na Estação, logo após sua criação. Não se tem registro ou fotografia desse prédio quando ainda funcionava, décadas atrás, mas certamente abrigava animais de diferentes espécies, colocados a serviço da Estação. Relembrando, a tração animal era utilizada nas tarefas de campo. O que se imagina é que o volume de esterco devia ser considerável, a ponto de se construir uma esterqueira. Estrategicamente afastada de tudo, por certo se tentava evitar que fossem sentidos possíveis odores desagradáveis por quem circulasse na área.

Foi-se conhecer o prédio, até porque sua existência camuflada despertara curiosidade. Ao fundo do abrigo dos animais, havia um desnível acentuado, um barranco, por assim dizer, totalmente coberto pela mata. Muitos metros abaixo, no meio de árvores e cipós, com difícil acesso, estava o prédio perdido, a esterqueira. Como uma “casamata” lá estava ele. Duas pequenas peças de alvenaria conjugadas que pareciam dois pequenos banheiros – sem trocadilhos – encravados no mato. Sem janelas, as portas já há muito apodrecidas, os cubículos possuíam paredes duplas, com dutos de ventilação entre elas. Era a aeração para compostagem dos dejetos e resíduos deixados pelos animais, seguramente utilizados depois como fertilizantes... o viés da sustentabilidade já estava presente.

Feita a limpeza do entorno, o prédio se tornou mais visível. Visibilidade, entretanto, que não durou muito. A alta fertilidade do local, possivelmente consequência do trabalho com o esterco, promoveu o rápido crescimento da vegetação que novamente começou a encobrir a pequena construção. Uma figueira com suas poderosas raízes começara a abraçar a parede posterior do prédio, o qual, sem dúvida, mais cedo ou mais tarde seria por ela tragado. Desistiu-se de brigar, que a natureza seguisse seu curso. Com uma fugaz existência, a esterqueira estava fadada a desaparecer novamente. Pelo menos, o mistério fora esclarecido, o prédio 17105753 havia sido encontrado.

Em tempo, não foi a única construção antiga, encravada no mato, que se teve contato na Estação. Uma caminhada por uma trilha ecológica aberta em um fragmento da Mata Atlântica revelou a alguns o que por outros já era sabido existir, um muro de contenção em uma encosta no meio do mato. Com pedras empilhadas, teria sido construído ainda por escravos, na área muitos anos mais tarde adquirida para sediar a Estação. Estava lá resistindo ao tempo. Sua origem talvez seja mais um mistério. Falava-se de uma cisterna, também no meio do mato, na face mais ao sul da Estação, mas nunca foi encontrada.



Vista frontal do prédio nº 17105753, encravado no mato, e sua placa de identificação patrimonial.

Núcleo de Estudos da Macrofauna do Solo

Reforma: 1ª etapa, outubro de 2006

2ª etapa, fevereiro de 2017

Os trabalhos de pesquisa iniciados no minhocário, focados em tecnologias para produção de húmus ou vermicompostagem, pediam espaço para avançar. O estudo sobre o húmus, objeto de projeto específico, passava para outro patamar, onde esse material era avaliado em aspectos que transcendiam o simples fornecimento de nutrientes. Havia necessidade de um espaço adequado para tais ações de pesquisa, iniciadas na biofábrica, cujo espaço já não comportava atividades adicionais. Elegeu-se uma casa abandonada, antiga moradia de empregado da Estação, que agora servia de depósito para o lixo reciclável, para ser reformada e transformada no Núcleo de Estudos da Macrofauna do Solo. Nome muito técnico, logo substituído pelos empregados e colaboradores por “Casa da Minhoca” que, como toda a boa alcunha, “pegou” e passou a ser a denominação pela qual o prédio era conhecido. A nova estrutura permitiu que avançassem os estudos sobre o húmus e seus compostos, e dava abrigo a inúmeros trabalhos de estudantes, frutos da articulação da Estação com as universidades locais.

Foto: Gustavo Schiedeck



Foto: Lirio José Reichert

Vista externa do prédio do Núcleo de Estudos da Macrofauna do Solo, antes e depois da intervenção.



Fotos: Gustavo Schiedeck

Vista do interior do prédio do núcleo, ao início e durante a reforma.



Fotos: Lirio José Reichert

Espaço de estudos da macrofauna do solo: vista interna depois da readequação e utilização do espaço para avaliação de experimentos.

A escassez de recursos fez com que a reforma do núcleo fosse feita em duas etapas. A conclusão da reforma deu-se com a troca do telhado e com a melhoria da escada de acesso, etapas levadas a cabo com mão de obra da própria Estação.



Fotos: Lirio José Reichert

Troca do telhado da chamada “Casa da Minhoca” (Núcleo de Estudos da Macrofauna do Solo).

Casa das Sementes Maneco Portantiollo

Reforma: de fevereiro a maio de 2018

A restauração ambiental com espécies nativas, sempre enfrentou, no Rio Grande do Sul, um grande obstáculo: a disponibilidade de sementes dessas espécies. A coleta, beneficiamento e armazenagem de sementes representava um desafio a ser enfrentado para produção de mudas das espécies nativas. A busca por recursos para contornar essa dificuldade iniciou-se muito cedo na Estação, com inúmeros projetos sendo submetidos a fontes financiadoras externas, visando estruturar o processo de produção de mudas, mas sem muito sucesso. Com o aumento da equipe de trabalho voltada para a restauração ambiental e sistemas agroflorestais, uma estrutura adequada de apoio tornava-se indispensável. Os recursos finalmente foram obtidos como resultado de um convênio da Embrapa com a Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan).

Mais uma vez, elegeu-se uma antiga casa de funcionários, na época utilizada como depósito e arquivo morto, para ser reformada e abrigar a Casa de Sementes da Estação. Com os recursos captados, e com o auxílio parcial de mão de obra interna, a casa foi reformada e ampliada. Esse espaço abriga hoje todos os equipamentos necessários ao processamento e conservação de sementes de espécies de interesse para a restauração ambiental e sistemas agroflorestais, tema no qual a Estação passou a ser referência para a região. Além de dar suporte aos projetos da Estação e aos trabalhos de estudantes, desempenha um papel importante na capacitação de agentes multiplicadores atuantes na conservação dos recursos florestais nativos do Rio Grande do Sul.

Maneco Portantiollo, um pioneiro

Um agricultor ecologista, palavras simples que dizem um pouco do que foi o homem também simples, Maneco Portantiollo, o “Seu Maneco”. Sempre voltado à preservação da natureza, nunca poupou esforços para tanto, seja em ações diretas, seja transmitindo seu vasto conhecimento acumulado em anos de íntima convivência com o ambiente que o cercava. Preocupado com as visíveis transformações que ocorriam ao seu redor, algumas vezes angustiado, era capaz de ligar para um amigo ao cair da noite e perguntar de uma forma inconformada: “onde estão os vagalumes? Já não voam mais nas noites quentes de verão!”. Faleceu em agosto de 2017, e o nome da Casa das Sementes foi uma justa homenagem a um pioneiro, que dedicou sua vida a preservar a tão agredida natureza. Resta um consolo... que talvez o fim da vida tenha-o poupado de ver avançar o mal que ainda é capaz de se fazer ao meio ambiente. Talvez em algum lugar, em sua nova morada, encontre a triste resposta para sua pergunta inquietante: “Onde estão os vagalumes?”

Na sequência, imagens do processo de revitalização do prédio transformado na Casa das Sementes Maneco Portantiollo.



Fotos: Lirio José Reichert

Casa das Sementes Maneco Portantiollo antes e após a revitalização.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista externa da frente e dos fundos da Casa das Sementes Maneco Portantiollo, ao início da reforma.



Fotos: Lirio José Reichert

Ampliação da parte posterior da Casa das Sementes Maneco Portantiollo, destinada a recepção de materiais para processamento.

Fotos: Lirio José Reichert



Ampliação da parte posterior concluída e vista interna da Casa das Sementes Maneco Portantiollo após reforma.

Fotos: Lirio José Reichert



Calçadas no entorno da Casa das Sementes Maneco Portantiollo durante a construção e após finalizadas.

Fotos: Lirio José Reichert



Vista interna da Casa das Sementes Maneco Portantiollo: a área de estudos e de manuseio de sementes.

Forno para produção do extrato pirolenhoso

Construção: de 11 a 14/4/2005

Aqui mais um espaço para evidenciar a importância dos insumos fitoprotetores na Estação: o trabalho com o extrato pirolenhoso. Obtido a partir dos condensados resultantes da carbonização da madeira, em outras palavras, pela condensação dos vapores da fumaça durante a produção de carvão, esse composto vem sendo utilizado como potencializador da ação de produtos fitossanitários. Para sua produção, o primeiro passo é a construção do forno, que pela carbonização da madeira, possibilita a coleta do extrato. Em 2005, essa estrutura foi construída na Estação e tem sido utilizada não só para os estudos referentes a tecnologia de produção do extrato, mas também para atividades de transferência de tecnologia voltadas aos agricultores interessados no processo de elaboração desse insumo.



Fotos: Lirio José Reichert

Forno para produção do extrato pirolenhoso em fase inicial da construção.



Fotos: Lirio José Reichert

Construção da cobertura e arremates ao redor do forno.



Produção do extrato pirolenhoso: forno concluído e detalhe da coleta do material resultante da condensação dos vapores da fumaça.

Núcleo de Apoio ao Campo

Reforma: de outubro a dezembro de 2007

Com o aumento da equipe e com o consequente incremento no volume de atividades de pesquisa realizadas a campo, evidenciava-se uma deficiência na estrutura de apoio: um espaço para recepção e processamento dos materiais frutos da colheita dos experimentos. Não existia um local adequado para separação, secagem, refrigeração, pesagem, enfim, para todas as etapas do processo de avaliação dos materiais vindos do campo.

Escolhido o espaço para sediar a nova estrutura, realocou-se a ferramentaria que até então ocupava o local, e se deu início a readequação do prédio, que incluiu a criação de uma sala com bancadas para processamento, uma área para guarda do material colhido (com estufas e refrigeradores) e ainda uma sala de balanças. A qualificação do espaço facilitou o trabalho de avaliação dos experimentos e minimizou a possibilidade de erros no processamento dos materiais, além, obviamente, de melhorar as condições de trabalho para empregados e colaboradores.

Um registro: o banheiro desse espaço foi o primeiro na Estação a contar com uma fossa biodigestora, a qual foi utilizada por muito tempo como unidade demonstrativa do projeto liderado pela Embrapa Instrumentação Agropecuária, que tratava da capacitação dos agricultores para construção dessa estrutura de saneamento.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista externa do prédio do Núcleo de Apoio ao Campo antes e depois das reformas.



Fotos: Lirio José Reichert

Interior do núcleo de apoio: materiais a serem avaliados e processamento de material por colaboradores dos projetos de pesquisa.

Os ambientes modificados – a história das estufas

O grande desafio para quem trabalha com pesquisa e transferência de tecnologia voltadas para a agricultura familiar é atender a pluralidade de interesses dos agricultores. Nesse contexto, a Estação manteve sempre uma agenda diversificada, como exige o foco na agricultura familiar. Trabalhar uma diversidade de temas exige ambientes adequados, que possibilitem avanços na pesquisa mesmo quando o clima é adverso. Essa é a única maneira de evitar a estagnação quando a geração de tecnologias depende também da redução da interferência climática. Com essa lógica em mente, montou-se na Estação uma série de estruturas para atender as

necessidades de modificação ambiental para a realização dos experimentos, desde simples telados, para a redução da luminosidade, até estruturas mais complexas, com controle de importantes variáveis envolvidas no crescimento das plantas.



Foto: Lirio José Reichert

Vista geral do conjunto de estufas.

Estufa plástica com ambiente controlado

Construção: dezembro de 2014

A pesquisa com microrganismos na Estação evoluiu. O controle biológico era internalizado na agenda técnica da Estação como uma importante ferramenta a ser utilizada no controle de pragas e doenças na agricultura, mormente aquela de princípios ecológicos. Paralelamente, os testes dos insumos fitoprotetores desenvolvidos necessitavam de um ambiente

controlado, onde as variáveis ambientais pudessem ser mais bem ajustadas. Com recursos de investimento da própria Unidade, foi montada na Estação a primeira estufa plástica com ambiente controlado, onde a temperatura, a umidade do ar e mesmo a luminosidade eram ajustadas aos padrões desejados. Ambiente compartimentalizado, que maximizava sua utilização, possibilitou um avanço na pesquisa de insumos de base biológica para as espécies de interesse da agricultura familiar. A avaliação *ex ante* desses insumos, ou seja, antes dos testes a campo, em condições controladas, passava a ser uma realidade na Estação.



Fotos: Lirio José Reichert

Fase inicial da construção da estufa plástica com ambiente controlado.



Fotos: Lirio José Reichert

Fase final da construção e estufa pronta para uso.

Preservando a história – a recuperação da estufa de vidro

Reforma: de julho a setembro de 2010

Não se tem uma data precisa de construção, mas a casa de vegetação com cobertura de vidro existente na Estação remontava aos anos 1940, atendendo a um modelo implementado pelo Ministério da Agricultura nos seus diferentes institutos de pesquisa. Depois de décadas de utilização, a estrutura de ferro já dava sinais de enfraquecimento pela corrosão. A frequente quebra dos vidros da cobertura, e o risco que representava sua limpeza, que se não fosse feita interferiria na transmissão da luz, eram problemas contínuos a serem contornados. Adicionalmente, a deficiente ventilação provocava uma indesejada elevação de temperatura no verão. Enfim, tudo conspirava contra a velha estrutura, e a sua demolição e substituição por um modelo mais atual parecia inevitável. Entretanto, ver mais um pedaço da história da Estação posto a baixo, como já acontecera com tantos outros prédios na década anterior, já prenunciava tristeza e uma sensação irreversível de perda de um elo importante com o passado histórico da Unidade. Por que não readequá-la e preservá-la? Esse foi o desafio posto e que, ao final, trouxe uma solução que contemplaria não só a continuação de sua utilização, como também, e principalmente, a manutenção daquele marco histórico.

A recuperação da estufa contou principalmente com recursos da Unidade, cuja gestão fora sensibilizada pela necessidade de se manter a estrutura. A operação que se seguiu pareceria a desmontagem de um templo que precisava mudar de lugar. Retirados os vidros, a estrutura de ferro foi desmontada peça por peça, submetida a um processo de zincagem e remontada sobre uma nova mureta de concreto construída ao lado da mureta original. A substituição dos vidros da cobertura por lona plástica foi possível por meio da sobreposição de arcos metálicos apoiados na estrutura antiga de duas águas, sobre os quais o plástico foi colocado e esticado. Ao final, a estufa estava apta a cumprir seu papel de apoio às atividades da Estação. A beleza do resultado obtido e a sensação de se estar contribuindo para que parte da história da Estação não fosse perdida compensaram, em muito, o esforço e fizeram brotar um sentimento gratificante de dever cumprido.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista externa da estufa de vidro antes e depois da intervenção na estrutura.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista interna da estufa antes e depois da reforma.



Fotos: Lirio José Reichert

Início do processo de desmontagem da estufa.

Fotos: Lirio José Reichert



Recuperação da estrutura com a colocação de arcos metálicos e vista da parte posterior da estufa, já em utilização.

Outros ambientes modificados

O desejo de se ter um melhor controle sobre as variáveis ambientais e o desenvolvimento de atividades que exigiam ambiente protegido, como a produção de mudas, fez com que o número de estufas plásticas fosse gradualmente aumentando. Chegou-se a um total de mais de 2.000 m² de área com ambiente modificado, com as estruturas concentradas em um espaço a elas destinado. Os recursos responsáveis por essa expansão vieram de diferentes fontes, de projetos financiados por parceiros externos, de alguns ministérios e também do próprio orçamento da Unidade.

Fotos: Lirio José Reichert



Primeira estufa plástica da Estação, realocada ao lado da estufa de vidro, em agosto de 2003.

Uma das primeiras estufas plásticas foi instalada ao lado da histórica estrutura de vidro. Em verdade, essa estrutura foi realocada logo ao início da gestão, pois fora construída em uma área elevada, próxima ao prédio-sede, onde era danificada, com frequência, pelos fortes ventos que não raramente assolavam a Estação. Seguiram-se outras estruturas: uma onde se desenvolvia a produção de minitubérculos de batata de cultivares indicadas para a agricultura familiar; outra de menor porte, para a produção de mudas de hortaliças; e ainda uma destinada a trabalhos de multiplicação de mandioca, financiada pelo então Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Complementando a estrutura de ambientes modificados, foi construído um conjunto de estufas e telados, para atender a demanda de produção de mudas do projeto Quintais Orgânicos de Frutas, com recursos específicos alocados pelo próprio projeto.

Foto: Lirio José Reichert



Finalização da estufa plástica para a produção de minitubérculos de batata-semente, em abril de 2004.

Fotos: Lirio José Reichert



Interior da estufa: produção hidropônica e colheita de minitubérculos de batata-semente de cultivares adequados a produção ecológica.

Fotos: Lirio José Reichert



Implantação da estufa plástica destinada à produção de mudas de hortaliças, em maio de 2005.

Fotos: Lirio José Reichert



Projeto Quintais Orgânicos: construção do primeiro telado e da primeira estufa plástica, finalizada em março de 2004.



Fotos: Lirio José Reichert

Projeto Quintais Orgânicos: estufa em uso e novo telado construído em agosto de 2006.

Peregrinação dos insumos – finalmente o galpão de armazenagem

Construção: outubro de 2013

Um bom sinal: quando a estrutura começa a sinalizar que necessita ser aumentada, é porque as atividades estão em plena evolução. Os insumos orgânicos utilizados nos experimentos há algum tempo necessitavam de um depósito definitivo. O depósito, sempre provisório, era deslocado de tempos em tempos, em função das modificações na estrutura da Estação e da necessidade de um espaço maior de armazenagem. Relembrando, inicialmente era utilizado um antigo prédio que abrigou outrora a caldeira da Estação. Por que existia uma caldeira? Servia à fábrica de compotas, onde as frutas das cultivares desenvolvidas eram testadas em sua adequação ao envasamento. Os morcegos que ali habitavam permanentemente, (e eram muitos) foram enxotados e a esse antigo prédio foi dado destino mais nobre, transformado na Miniplanta de Processamento de Alimentos. Os insumos, por sua vez, foram deslocados para um depósito anexo à ferramentaria. A ferramentaria e o anexo foram reformados e transformados no Núcleo de Apoio ao Campo. Já os adubos, parte foi para a central de compostagem, parte para o celeiro. O celeiro incendiou, então a garagem passou a servir como depósito adicional. A garagem foi reformada... essa história é longa. Evidenciava-se a necessidade de um de-

pósito definitivo para armazenar os insumos. A obra foi contemplada nos investimentos da Unidade. Recurso liberado, construção iniciada e quase finalizada. Quase, pois faltaram os recursos para a alvenaria de fechamento das laterais do galpão, a qual seria uma obra para futuras gestões. Enfim, a demanda criada pelo aumento das atividades estava contemplada: os insumos, outrora itinerantes, agora possuíam um local definitivo.

Fotos: Lirio José Reichert



Local definitivo para os insumos: galpão de armazenagem ao final da construção e em plena utilização.

Foto: Lirio José Reichert



Vista das duas estruturas: Central de Adubos Orgânicos (à esquerda), reformada em 2003 e o depósito de insumos (à direita), construído em 2013.

A magia do cinema – a fábrica de conservas e suas transformações

O piso de cimento queimado, em duas cores, verde e branco, intrigaria qualquer observador mais atento. Um detalhe que o tempo e as diferentes destinações do prédio não apagaram e que revelava um pouco da história daquele espaço tão amplo. Verde e branco foram as cores escolhidas para representar a Associação de Empregados da Embrapa de Pelotas (AEE) quando de sua fundação. As cores do piso representavam o vínculo do espaço com a associação de empregados, que ali teve um local para eventos sociais que reuniam seus membros aos fins de semana. O idealizador do caleidoscópico piso teve a ideia de deixar a marca, “como quem grava em pedra”, da passagem da associação por aquele local e... conseguiu. Até hoje as cores estão lá, vivas, mesmo quando, na memória de muitos, a história do prédio já esteja um pouco apagada.

Um pouco da história desse prédio. No seu afã de narrar a história da Estação e das pessoas que por ela passaram, Elvira Vetromilla em seu livro sobre os 75 anos da Estação Experimental Cascata escreveu:

As famílias que moravam na EEC criaram uma espécie de associação, que chamavam de clube, para cujas atividades todos contribuía... Aí veio a ideia do cinema. Compraram uma máquina de projeção usada... E todos os sábados, à noite, moradores da Estação e até mesmo os empregados que moravam perto vinham para o cinema... A luz apagava e a magia do cinema continuava... com a entrada da televisão... o cinema perdeu a competição para as novelas... os espectadores foram mudando de interesse, até que o cinema foi desativado, por determinação da chefia. (Vetromilla, 2013, p. 27-28).

Na evolução dos tempos, o cinema perdera a batalha. Por muito tempo, aquele espaço foi conhecido como “cinema”, e, até hoje, os empregados mais antigos, sempre saudosos, lembram do prédio e das noites em que seus pensamentos viajavam levados pela magia da projeção.

A fábrica de conservas da Uepae tomara mais tarde o lugar do cinema, mas, com a mudança da Unidade para a sede nova, a fábrica foi desativada e transformou-se numa espécie de sede social da AEE. Ali aconteciam os bailes da Associação. Não por muito tempo, pois o interesse pelo local e suas atividades, talvez pela distância da cidade, onde a maioria dos empregados agora residia, foi desaparecendo. Passou a ser usado como local de cura para os materiais resultantes dos experimentos conduzidos na estação.

O prédio, com tanta história, foi sentindo o peso dos anos. Seu madeiramento, em algumas partes apodrecido, mal suportava as pesadas e antigas telhas portuguesas. Inevitável, a reforma aconteceu, e o prédio revitalizado teria uma nova destinação: depósito de materiais utilizados nos experimentos, um almoxarifado da Estação.

Tudo indica que essa será sua destinação por um bom tempo, talvez permanente. Também por um bom tempo, lá estará o piso verde e branco, convidando a imaginação a viajar e escutar a música das festas da Associação. Talvez a ir mais longe e escutar os risos, provocados pelo humor sem malícias, os suspiros, que naturalmente brotavam na separação dos amantes, ou o fungar dos narizes, emocionados pelas cenas tristes das noites de cinema.

Fotos: Lirio José Reichert



Interior do prédio do antigo “cinema”, com o piso verde e branco. Vista externa do prédio antes e depois da troca do telhado feita em setembro de 2008.



História e funcionalidade – o celeiro ripado

Reforma: outubro de 2011

Outra estrutura com história, o celeiro ripado, que assim como a estufa de vidro, mantinha sua estrutura original desde os tempos de criação da Estação. Ripado, para proporcionar ventilação interna; elevado, com os pilares revestidos com zinco, para evitar o ataque de roedores. Com o passar do tempo, a estrutura em madeira apodreceu, o telhado mostrou goteiras, o zinco dos pilares enferrujou e já não continha os ratos. Alguma ação tornava-se necessária, pois a estrutura situada no acesso principal já tinha um aspecto de abandonada, um péssimo cartão de visitas para a Estação. Poderia ser desmanchado? Sim, o celeiro reformado após o incêndio já estava disponível. Construção de um novo prédio em um modelo mais atual? Não fazia sentido, o celeiro reformado tinha espaço sobrando. Colocar a estrutura a baixo era a solução mais fácil. Porém, mais uma vez, a preservação da memória da Estação falou mais forte. A obtenção de recursos junto a projetos externos possibilitou a total desmontagem e reconstrução, mantendo-se a estrutura nos moldes da original, como em uma restauração. Diferente apenas os pilares, agora revestidos com cerâmica lisa, impossível de ser galgada pelos roedores. Em uma nova destinação, apoiava os trabalhos com biodiversidade na Estação. Reformado, o celeiro ripado ali permanece, funcional, e com cheiro de história.



Fotos: Lirio José Reichert

Uma estrutura também com história: o celeiro ripado antes e algum tempo depois da reforma, em plena utilização.

Foto: Daniela Lopes Leite



Foto: Rosa Lia Barbieri

No interior do celeiro, a cura e o armazenamento de produtos trabalhados na Estação Experimental Cascata.

Curiosidade – o fim do banquete

Uma curiosidade. Concluída a reforma, podaram-se as árvores que circundavam o celeiro, cujos galhos estendiam-se sobre seu telhado. Os bons observadores da Estação descobriram que os ratos em peripécias acrobáticas, subiam nessas arvores, jogavam-se sobre o telhado e assim penetravam no celeiro, banqueteando-se com o milho, que, de tempos em tempos, era ali armazenado. As inusitadas cenas, infelizmente, nunca foram filmadas... uma pena! Disponibilizadas nas redes sociais facilmente alcançariam milhares de acessos. Perdeu-se a chance, pois com a poda das árvores, os banquetes acabaram.

O olhar sobre as estruturas de apoio a projetos de desenvolvimento e transferência de tecnologia

Miniplanta de processamento de alimentos

Reforma: de 24/10/2005 a 14/2/2006

A agregação de valor, pela possibilidade de aumento na renda que representa, será sempre uma importante estratégia para crescimento e independência econômica da agricultura familiar. O processamento, em qualquer nível, do alimento produzido na propriedade, possibilita sua armazenagem, para uso próprio ou para colocação no mercado em épocas mais favoráveis à comercialização, aspectos importantes para a segurança alimentar e sustentabilidade econômica da agricultura familiar.

Cientes da relevância da agregação de valor à produção familiar e do interesse sempre demonstrado pelos agricultores pelas tecnologias disponíveis para a transformação dos alimentos por eles produzidos, buscou-se recursos para a implantação de uma miniplanta de processamento. Recursos externos, de diferentes fontes, inclusive de programas federais, possibilitaram a reforma e ampliação de um pequeno prédio antigo, utilizado como depósito de fertilizantes (o já comentado habitat de morcegos), e a aquisição dos equipamentos necessários para viabilizar o funcionamento da miniplanta. Idealizada para servir de modelo, pois foi instalada atendendo normas e padrões da legislação para o funcionamento de tais estruturas, a miniplanta tem desempenhado um papel relevante na capacitação daqueles agricultores familiares que vislumbraram na agregação de valor uma estratégia para o aumento da renda gerada na propriedade.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Carlos Alberto Barbosa Medeiros

Miniplanta de processamento de alimentos: o prédio ao início da readequação e ao final, pronto para utilização. A atenção à agregação de valor aos produtos da agricultura familiar.



Fotos: Lirio José Reichert

Diferentes etapas da reforma e da ampliação do prédio da miniplanta de processamento de alimentos.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista interna da miniplanta de processamento de alimentos: o prédio pronto e curso sendo ministrado pela equipe da Embrapa Clima Temperado.

Prédio do Projeto Quintais Orgânicos de Frutas

Reforma: de 8/12/2004 a 19/1/2005

Segurança alimentar foi a palavra-chave para aprovação, junto à Central de Geração e Transmissão de Energia Elétrica (CGTEE), de um projeto de desenvolvimento e transferência de tecnologia, que se denominou Quintais Orgânicos de Frutas. Direcionado primordialmente para comunidades em situação de vulnerabilidade social, o projeto sempre possuiu uma grande identidade com a missão da Estação, e nada mais adequado do que a centralização de suas atividades na Unidade. Para dar suporte a essas atividades, promoveu-se, essencialmente com recursos do próprio projeto, a reforma

e a ampliação de um antigo prédio, que originalmente funcionava como laboratório de entomologia, à época da Uepae de Cascata. O prédio passou por diferentes destinações até abrigar, em 2004, o Projeto Quintais, sendo ali centralizadas as atividades administrativas do projeto, e também alocada a equipe de colaboradores contratados.

Foto: Fernando Rogério Costa Gomes



Foto: Lirio José Reichert

Prédio do projeto Quintais Orgânicos de Frutas antes e após a reforma concluída.

Fotos: Fernando Rogério Costa Gomes



Reforma da parte interna do prédio do projeto Quintais Orgânicos de Frutas e a finalização do alpendre lateral.

Galpão da Terra

Reforma: 1ª etapa: de 6/10/2005 a 10/10/2005
2ª etapa em 2012

A natureza do projeto Quintais Orgânicos de Frutas, no qual a produção de mudas é uma das atividades principais, demanda um considerável volume de substrato e um constante manuseio desse material, meio de crescimento para as plan-

tas envasadas. Em 2005, uma estrutura precária, o chamado Galpão da Terra, com um pé-direito que, de tão reduzido, desafiava os mais altos a enfrentá-lo, abrigava um incipiente minhocário e o trabalho com substratos. Com a evolução do projeto, o trabalho nessa estrutura tornou-se inviável. A articulação com o projeto para a disponibilização de recursos tornou possível a construção de uma nova estrutura, primeiro em madeira, e, posteriormente, em alvenaria, uma estrutura definitiva.



Fotos: Lirio José Reichert

Construção, ao lado da antiga estrutura, do novo Galpão da Terra, em 2005 e estrutura de madeira ampliada em julho de 2007.



Fotos: Lirio José Reichert

Galpão da Terra: estrutura em alvenaria, concluída em outubro de 2012 e em pleno uso em 2013.

Vitrine Tecnológica

Construção: 1ª etapa em agosto de 2012

2ª etapa em maio de 2013

Reunir, em um só local, tecnologias simples, de fácil apropriação pelos agricultores e que, de alguma forma, ajudas-

sem na melhoria do processo produtivo ou na qualidade de vida das famílias. Com essa ideia em mente, foi pensado um espaço de demonstração permanente de tecnologias de apoio ao desenvolvimento da agricultura familiar. Um espaço onde, como em uma vitrine, os agricultores pudessem olhar para o produto finalizado e avaliar a conveniência de sua utilização na propriedade. Assim, surgiu a Vitrine Tecnológica, onde as tecnologias, materializadas, podiam ser visualizadas pelos agricultores em visita à Estação. Constituía-se também em um importante ponto de apoio aos tradicionais dias de campo da Estação, nos quais a Vitrine era montada de acordo com o tema a ser demonstrado. A Vitrine reuniu inicialmente alguns equipamentos, como o carbonizador de casca de arroz, cujo produto é utilizado na elaboração de substratos; um coletor solar para desinfestação, onde o material desinfestado, solo ou substrato, é utilizado para a produção de mudas; um protótipo da fossa séptica biodigestora; um modelo compacto do minhocário campeiro; e ainda, uma unidade demonstrativa de como reduzir as impurezas das águas da chuva coletadas nos telhados, para utilização na propriedade (mostrado em detalhes no item “Limpendo a água da chuva”). A vitrine cumpria sua missão. Planos mais ambiciosos, como o fechamento de suas laterais com cortinas móveis que possibilitariam sua utilização mais ampla pela proteção contra intempéries e ventos, foram postergados, por falta de recursos. Um desafio para futuras gestões.

Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann



Etapas iniciais da construção da Vitrine Tecnológica da Estação Experimental Cascata.



Fotos: Lirio José Reichert

Vitrine Tecnológica: mostra permanente de algumas tecnologias.



Fotos: Lirio José Reichert

Utilização da Vitrine Tecnológica em atividades de transferência de tecnologia na Estação Experimental Cascata.

Animais voltam à Estação – a vitrine de pastagens

Faltava algo na transferência de tecnologia da Estação. Para quem tem o trabalho direcionado para a agricultura familiar, a produção de leite não poderia ser esquecida. Há décadas, a Estação havia se desvinculado da produção animal. Era hora de retomar. A articulação com a Estação Experimental Terras Baixas, objetivando selecionar tecnologias adequadas à produção animal na propriedade familiar, foi o passo seguinte. O marco legal e os recursos foram dados com a aprovação pela equipe da Estação do projeto de transferência de tecnologia, denominado Vitrines Permanentes de Tecnologias para a Transição Agroecológica. Assim nascia a Vitrine de Pastagens para a Produção de Leite.

Os recursos obtidos permitiram a drenagem e o cercamento da área em frente ao prédio-sede, a divisão da área em piquetes, a construção de abrigos para os animais e de toda a estrutura necessária para a implantação das pastagens e a vinda dos animais, elementos indispensáveis às vitrines. Os bezerros da raça Jersey, trazidos da Estação Terras Baixas, foram a novidade que em todos despertou a atenção. Os animais cativaram os empregados pela docilidade. Na brincadeira, até nome lhes atribuíram: ao mais forte deram o nome do empregado mais corpulento, e assim por diante. Brincadeira bem aceita, demonstrando o clima amistoso da equipe.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Everton Luis Fonseca Neumann

Vista geral dos piquetes na Vitrine de Pastagens, construídos em janeiro de 2011.

A vitrine de pastagens sempre foi alvo dos olhares atentos dos agricultores nos dias de campo anuais da Estação. Transparecia o interesse em conhecer os diferentes tipos de pastagens e... obter mudas. É de lembrar o final do dia de campo de 2015, quando os agricultores entraram na área cercada da vitrine e começaram a coletar mudas das diferentes espécies de pastagens, especialmente do capim-elefante BRS Kurumi. Autorização para tanto, não tinham, mas precisavam? Não. O discurso de recepção aos agricultores sempre enfatizou “aqui na Estação sintam-se como em sua casa”. A interpretação foi ao pé da letra. Era a transferência de tecnologia em sua forma mais concreta. Nos tempos que se seguiram, chegaram à Estação diferentes relatos sobre as mudas coletadas: haviam se transformado em vigorosas pastagens permanentes em diversas propriedades. Ficou o ensinamento. Nos dias de campo subsequentes, sempre eram produzidas centenas de mudas para distribuição aos

agricultores, que agora não necessitavam mais coletá-las. As vitrines ensinaram que, quando a tecnologia é boa, sua transferência acontece de forma fácil, ou seja, se faz, praticamente, por conta própria.



Fotos: Lirio José Reichert

Os animais chegavam jovens para ocupar a área da vitrine e saíam adultos para abate ou recria.



Fotos: Lirio José Reichert

Vitrine de pastagens em foco: divulgação do capim-elefante-anão ‘BRS Kurumi’ durante dia de campo da Estação e a coleta “autorizada” de mudas pelos agricultores.

Foto: Lirio José Reichert



Vista da área da vitrine de pastagens para a produção de leite, com diferentes espécies de forrageiras de verão.

Complexo de Capacitação

O aqui denominado Complexo de Capacitação engloba três estruturas: o Centro de Capacitação de Agricultores Familiares (Cecaf), o Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata e o restaurante.

Centro de Capacitação de Agricultores Familiares

Construção: de janeiro de 2011 a dezembro de 2013

Como referência para a agricultura familiar de base ecológica, na Estação sempre foi expressiva a demanda por atividades de capacitação, vinda não só dos agricultores, mas também de técnicos atuantes em sistemas ecológicos de produção. Para atender a essa demanda, anualmente estabelecia-se uma matriz de cursos, oferecidos em diferentes temas vinculados à agroecologia. Para participar desses cursos, bem como de outros eventos de capacitação, os agricultores muitas vezes se deslocam de regiões longínquas, não só do estado do Rio Grande do Sul, mas também de estados vizinhos. Inúmeras vezes, esse deslocamento se iniciava na madrugada, com os agricultores chegando à Estação pela manhã, onde passavam o dia, envolvidos nas atividades, retornando à noite para suas propriedades. Essa rotina aconteceu por muitos anos, num desgaste físico para os participantes dos eventos que resultava em reflexos diretos no aproveitamento dos conteúdos repassados.

Uma estrutura que possibilitasse aos agricultores se hospedarem na Estação, permitindo o descanso adequado durante o período das diferentes capacitações, sempre foi um desejo da gestão da Estação. Inúmeras foram as tratativas para angariar recursos para a tão almejada estrutura. De posse de um esboço da ideia e de um projeto básico, recursos foram pleiteados junto a ministérios ligados à área agrícola e a instituições de fomento, sem que se obtivesse sucesso. Finalmente, em 2010, uma emenda parlamentar articulada pela gestão da Unidade viabilizou a elaboração do projeto arquitetônico e a execução da obra. Materializava-se, por fim, uma ideia acalentada por muitos anos.



Foto: Lirio José Reichert

Vista do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares (Cecaf).

Centro de Capacitação de Agricultores Familiares – lançamento da pedra fundamental

Fim de tarde de uma sexta-feira, três amigos e colegas, já fora do horário de expediente, conversavam com a animação típica de quem já vislumbra o fim de semana se avizinando. Deliberadamente, adiavam o prazer da volta para casa. Naquela conversa de entardecer, veio à tona o tema da inexistência, na Estação, de um alojamento para receber os agricultores nas atividades de capacitação ali desenvolvidas e os problemas decorrentes dessa lacuna. Tema já tangenciado em reuniões de trabalho mais formais, era agora discutido voluntariamente, em que os protagonistas eram levados pelo simples deleite de discutir um assunto com o qual se identificavam e claro, se empolgavam. Lançou-se a ideia da construção de uma estrutura para hospedagem, mais do que isso, um centro de capacitação, para todos os públicos da Estação. “Fantástico”, foi a reação de aprovação de um dos três colegas, usando um linguajar que lhe era peculiar. Mas nem todos concordavam: “Acho que não, deveríamos sim, reformar as casas à beira da sanga”. Era outra ideia, mais conservadora, que se referia a duas residências de ex-funcionários, no tempo em que muitos trabalhavam e moravam na Estação e que agora estavam abandonadas. “A reforma sem dúvida, teria um custo mais baixo, mas com resultados de qualidade e funcionalidade discutíveis” foi o argumento a favor de um prédio novo, lançado pelo terceiro interlocutor, mentor da ideia. As discussões se seguiram naquele já anoitecer. Não houve consenso, mas como um marco, a ideia se afixaria na mente de quem a tivera. Sem discursos, sem que ninguém tenha se dado conta, a pedra fundamental havia sido lançada. As argumentações, entretanto, abstraíram-se de um fato concreto, o qual era a falta de recursos para tal obra, certamente demandante de um investimento não muito pequeno. A ideia, mesmo assim, prosperou, e certo tempo depois o projeto já esboçado, era colocado embaixo do braço, e iniciava-se um périplo para a obtenção de recursos, em que as vicissitudes já se anteviam enormes. Mas enfim, o Cecaf ganhou corpo, e decorrido muito tempo depois daquela antológica tarde, foi finalmente inaugurado. Um novo prédio fora erguido. Talvez o espírito de Juscelino Kubitschek, sem que ninguém houvesse percebido, tenha passado pelo ambiente naquela entardecer, ouvido a conversa e, discretamente, deixado sua inspiração.

Inaugurado em 9 de maio de 2014, com área de cerca de 700 m², o Cecaf constituiu-se num espaço destinado à realização de eventos voltados para a agricultura familiar. A estrutura com capacidade para hospedar 44 pessoas, distribuídas em 12 apartamentos, conta ainda com auditório para 100 pessoas e outros espaços de apoio, além de abrigar o Memorial da Estação Experimental Cascata.

A estrutura cumpre de forma plena seu papel. Com uma agenda anual densa, ali são realizados eventos de capacitação organizados pela Unidade ou pelas instituições parceiras, para as quais o Cecaf mantém suas portas permanentemente abertas. É no Cecaf que se reúne o *Fórum de Agricultura Familiar*, que sempre pleiteara um espaço mais adequado para suas reuniões na Estação e que, por fim, foi atendido.

Em tempo, a escolha da área para a instalação do Cecaf foi feita com cuidado, pois não poderia haver erro depois da verdadeira batalha para angariar os recursos necessários à sua construção. Chamaram-se os outros gestores da Unidade para a discussão sobre sua localização, e a área escolhida em consenso não poderia ser melhor. Localizado em um ponto mais afastado da sede, próximo a mata ciliar, o Cecaf debruça-se sobre o lago da Estação, e a paisagem visualizada a partir das janelas do auditório, em seu segundo andar, serena qualquer mente, pela tranquilidade que transmite. Até mesmo o fluxo das ideias parece ser facilitado... um estímulo subliminar produzido pela beleza do local.

As diversas etapas da construção do Cecaf estão retratadas nas fotos a seguir.

Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann



Terraplanagem da área destinada ao prédio do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares, iniciada em janeiro de 2011.



Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann

Construção das bases de um projeto por muito tempo esperado, o Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann

Levantamento das paredes dos futuros alojamento e auditório do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann

Fase final de construção do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares. Tomava corpo um espaço pensado como apoio à qualificação do sistema produtivo da agricultura de base familiar.

Foto: Everton Luis Fonseca Neumann



Foto: Lirio José Reichert

Calçadas em frente e na lateral do prédio do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares: em construção e finalizadas em março de 2014.

Fotos: Lirio José Reichert



Construção da calçada na parte posterior do prédio do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares: a fase inicial e a obra finalizada em abril de 2015.

Na sequência, são apresentadas imagens das dependências internas do Cecaf.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Sala de convivência do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares e o Memorial da Estação Experimental Cascata.



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Banheiro masculino e copa de apoio do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Corredor de acesso interno do alojamento e o interior padrão de um dos apartamentos do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Acesso ao auditório e o interior da sala de reuniões do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Vista do auditório do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares, com capacidade para 100 pessoas. Espaço de referência para as reuniões do *Fórum de Agricultura Familiar*.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Ato inaugural do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares no dia 9 de maio de 2014. A consolidação de um espaço idealizado para ser um local de intercâmbio de conhecimentos entre protagonistas da agricultura familiar.

Centro de Convivência

Reforma: agosto de 2014 a agosto de 2016

Não raro, o Cecaf era palco de eventos mais longos, que duravam até mesmo 1 semana, com os hóspedes ficando um pouco isolados, pois a Estação dista cerca de 30 km do centro da cidade de Pelotas. Nesse cenário, a criação de um centro de convivência, onde os participantes das atividades pudessem interagir e desfrutar momentos de descontração, começou a ser articulada. O prédio quase abandonado, o qual foi, durante muitos anos, a gráfica da Uepae de Cascata e agora era usado como depósito de materiais de demolição, foi o escolhido. Sua proximidade com o Cecaf foi o principal fator levado em conta para sua escolha, mas a necessidade de se dar um fim mais nobre àquela estrutura que, pelo seu estado de conservação, destoava do entorno do Centro de Capacitação, também teve seu peso.

A escolha do local foi, sem dúvida, a parte mais fácil. A obtenção de recursos, como sempre, seria o desafio maior. Um pequeno projeto foi elaborado, no qual a justificativa para o pleito centrava-se nas atividades do Cecaf, colocando-se em destaque a oportunidade de convivência e intercâmbio de conhecimentos entre os agricultores. A proposta sensibilizou um dos ministérios detentores de programas de apoio à agricultura familiar, e os recursos foram aprovados.



Fotos: Lírio José Reichert

Vista do prédio transformado no Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata, antes e depois da intervenção.

Como os recursos eram insuficientes para toda a reforma, a criatividade necessitava ser posta em ação. Madeiras de demolição de prédios antigos da Estação e também do corte de ciprestes existentes na área foram utilizadas na estruturação do telhado e do forro, o que deu um toque ímpar de beleza ao interior do prédio. Ao visitá-lo, vale à pena olhar para cima. As instalações contam com uma ampla sala de convivência, com lareira e churrasqueira, além de cozinha, banheiros e vestiários. Por que vestiários? Porque na área externa, em frente ao prédio, há uma cancha de futebol a qual, após muitos anos abandonada, foi recuperada e deixada pronta para uso dos “atletas”, para que a boa convivência do esporte seja também exercitada.

Na sequência, imagens das diferentes etapas da reforma do prédio destinado a abrigar o Centro de Convivência.

Fotos: Lirio José Reichert



Início da reforma do Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata.

Fotos: Lirio José Reichert



Início e finalização do novo telhado do Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata.



Fotos: Lirio José Reichert

Interior do prédio do Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata antes e depois da readequação.



Fotos: Lirio José Reichert

Pintura do forro, construído com reaproveitamento de madeiras. Vista dos banheiros do Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata.



Fotos: Lirio José Reichert

Acesso ao prédio transformado em Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata, antes e depois da reforma, com a finalização da calçada.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Inauguração do Centro de Convivência da Estação Experimental Cascata, em 8 de dezembro de 2016. Um espaço para fortalecer a interação entre os agricultores familiares durante os eventos de capacitação.

Na sequência, as imagens da recuperação da pequena cancha de futebol existente no local há mais de 40 anos. O resgate histórico de mais um espaço da então Uepae de Cascata e agora Estação Experimental Cascata.

Fotos: Lirio José Reichert



Preparo da área da cancha de futebol, com a colocação de terra vegetal para plantio da grama.



Fotos: Lirio José Reichert

Plantio da grama e cancha de futebol finalizada, pronta para uso.

Restaurante

Reforma: de 30/10/2006 a 20/12/2006

Dentro do denominado Complexo de Capacitação, o restaurante foi o primeiro prédio a ser recuperado. Mesmo antes da inauguração do Cecaf, em maio de 2014, a Estação, em sua agenda de transferência de tecnologia, oferecia diversos cursos de capacitação. Durante a realização desses eventos, era utilizado como local de refeições o antigo restaurante da Estação. Essa estrutura dava claros sinais de desgaste e já não representava um local adequado para refeições, considerando-se, principalmente, que atendia, na grande maioria das vezes, ao público externo. Definitivamente, não era um bom cartão de visitas.

Contando com a captação de recursos externos, iniciou-se a reforma do prédio que, concluída, deixou o restaurante em ótimas condições para receber os diferentes públicos. A estrutura foi complementada com uma calçada externa construída na parte frontal do prédio, que por ser elevada, recebeu um guarda corpo de madeira. O toque final foi dado com o plantio de coqueiros e com a colocação de bancos na calçada. Esse conjunto transformou-se em um espaço ideal para tomar sol, após o almoço nos gélidos invernos da região, ou para observar o calmo entardecer na Estação, antes do jantar, nos tempos cálidos de verão.

Foto: Carlos Alberto Barbosa Medeiros



Revitalização do restaurante recém-concluída. Era entregue à Estação Experimental Cascata um espaço de fundamental importância nos eventos de capacitação ali realizados.

Fotos: Lirio José Reichert



Prédio do restaurante antes da reforma e já em utilização, com os bancos e coqueiros na parte frontal.

Fotos: Lirio José Reichert



Telhado do prédio do restaurante: demolição e a madeira retirada, atacada por cupins.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista interna do restaurante da Estação Experimental Cascata, antes e depois da reforma.



Fotos: Lirio José Reichert

Interior da cozinha reformada com a churrasqueira, item indispensável. Restaurante reformado, durante um evento de capacitação na Estação Experimental Cascata.



Fotos: Lirio José Reichert

Após a desativação do antigo auditório e antes da inauguração do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares, o restaurante da Estação foi também utilizado em atividades de capacitação e para reuniões do *Fórum de Agricultura Familiar*.

A importância do ambiente de trabalho de empregados e colaboradores

No mínimo 8 horas por dia e 5 dias por semana, este é o tempo que os empregados passam nas dependências da Embrapa, distanciados quilômetros do segmento urbano do município. No inverno, de dias curtos neste extremo Sul do País, muitos saem de casa ao clarear do dia e só retornam quando o sol já se pôs. Evidencia-se tal rotina para mostrar o quanto o trabalho, obrigatoriamente, está arraigado no cotidiano de cada um. Esse possivelmente seja o motivo, talvez inconsciente, para o que dizem frequentemente muitos dos empregados ao se aposentarem e se desligarem da Empresa: “passei minha vida trabalhando na Embrapa”. Deixam com a frase, uma incógnita sobre o seu significado, a ser desvendada por quem ouve. Normalmente expressa gratidão, mas poderia traduzir uma certa inquietude com a acomodação de não haver encarado outros desafios... quem sabe?

Justa a preocupação com a qualidade do ambiente de trabalho, em todos os seus aspectos, a ser oferecida àqueles que passam boa parte de seu tempo na atividade laboral, um tanto quanto isolados dos demais convívios. Sem ser simplista, mas sem discorrer sobre a complexidade dos fatores que determinam a qualidade de vida no trabalho, relata-se aqui a atenção dada a um aspecto particular, a qualidade da estrutura oferecida aos empregados e colaboradores na Estação.

Vestiário dos trabalhadores de apoio ao campo

Reforma: de 15/12/2005 a 5/5/2006

O espaço à época utilizado como vestiário, uma adaptação de um prédio antigo, era precário, não condizente com o padrão da Empresa e muito aquém das necessidades dos trabalhadores. O projeto de recuperação do prédio foi feito pela engenharia da Unidade, e a obra, uma das primeiras readequações realizadas, foi iniciada ao final de 2005. A reforma contemplou a construção de novos banheiros e de boxes para os chuveiros, estruturação de um vestiário e criação de uma área de descanso e lazer para o intervalo de almoço, incluindo ainda o calçamento do entorno do prédio.



Fotos: Lirio José Reichert

Obra priorizada, a readequação do prédio do vestiário dos trabalhadores de apoio ao campo da Estação Experimental Cascata: vista externa antes e depois da intervenção.



Fotos: Lirio José Reichert

Interior do prédio do vestiário de apoio ao campo da Estação Experimental Cascata antes da reforma e ao final, com os novos banheiros.



Fotos: Lirio José Reichert

Prédio do vestiário de apoio ao campo da Estação Experimental Cascata: diferentes etapas da reforma.

Fotos: Lirio José Reichert



Reforma do prédio do vestiário de apoio ao campo da Estação em fase de conclusão e a instalação da fossa séptica biodigestora atendendo aos banheiros do prédio.

Priorizava-se assim o bem-estar dos empregados, num reconhecimento ao trabalho por eles desenvolvido na Estação. Sem dúvida, a criação de um ambiente mais agradável aumentava a motivação dos empregados, que se sentiam valorizados, e ajudava a mitigar o cansaço ao final da jornada. Era o mínimo que podia ser feito.

Fotos: Lirio José Reichert



Valorização do entorno do prédio do vestiário de apoio ao campo da Estação. Calçamento realizado no período de setembro a outubro de 2006.

Criação do espaço para estudantes

Reforma: 1ª intervenção em 2006

2ª intervenção em 2012

O intercâmbio com as universidades da região, particularmente com a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sempre foi intenso na Estação. A participação no Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (Spaf), por exemplo, envolvia pesquisadores em atividades docentes e a orientação de dissertações e teses focadas na agricultura familiar de base ecológica. Um contingente significativo de bolsistas e estagiários completava esse intercâmbio, fazendo com que o número de colaboradores oriundos das diferentes universidades da região, em algumas vezes, superasse o número de empregados em atividade na Estação.

A importância desses colaboradores para os trabalhos de pesquisa em execução nunca foi subestimada, e a preocupação com que contassem com um ambiente agradável e adequado durante sua permanência na Estação sempre esteve presente. Com isso em mente, direcionaram-se esforços para a estruturação de um espaço que pudesse abrigar parte desse contingente, particularmente, mas não unicamente, aqueles envolvidos na elaboração de teses e dissertações. Assim, foi criada a Casa dos Estagiários, como ficou conhecida, uma estrutura simples, mas funcional, que representava também a valorização e o reconhecimento da importância do trabalho desses colaboradores.

Em tempo, antes de ser definitivamente espaço para os estudantes, a casa foi utilizada como vitrine da biodiversidade trabalhada na Estação (Casa da Biodiversidade, entre 2001 e 2002).

O Spaf e a Estação

Aqui uma curiosidade, mas também um fato importante, que denotou a definitiva ligação da Estação com o Spaf. Durante o processo de criação desse programa de pós-graduação, a Estação foi mencionada, no processo submetido à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), como uma instituição participante, não só com estrutura, mas também com apoio técnico. Por essa razão, a Estação recebeu a visita dos avaliadores da Capes, responsáveis pela autorização de criação do programa, que foram conhecer o trabalho ali desenvolvido e toda a estrutura colocada à disposição do novo curso. Para a alegria de todos, a criação foi aprovada e, no relatório recebido da Capes, era colocado como premissa básica para a autorização de funcionamento a participação efetiva da Estação no programa.



Fotos: Lirio José Reichert



Reconhecimento da importância dos colaboradores para os projetos de pesquisa: a qualificação do espaço destinado aos estudantes, a Casa dos Estagiários. Imagens do prédio antes e depois da reforma.

Foto: Lirio José Reichert



Interior da Casa da Biodiversidade durante a visita da equipe do Banco Mundial em 2002.

Fotos: Lirio José Reichert



A Casa dos Estagiários, espaço reservado aos estudantes, bolsistas e estagiários em atividade na Estação. Imagens de 2014 e 2017.

Promessa cumprida

Como parte da rotina da gestão da Estação, faziam-se reuniões com empregados e colaboradores para ouvir sugestões e diretamente receber suas demandas. Em uma dessas reuniões, uma solicitação chamou a atenção para algo que até então passara despercebido. Os estudantes, pela manhã, chegavam à Casa dos Estagiários sempre com os pés molhados pelo orvalho, por terem de atravessar um gramado para alcançarem a entrada do referido prédio. Promessa cumprida, a calçada foi construída. A umidade característica de Pelotas deixava a salvo, pelo menos, os calçados dos estudantes.



Fotos: Lirio José Reichert

Antiga escada de acesso à Casa dos Estagiários e a nova calçada concluída: o fim do desconforto dos calçados molhados.

A estratégia de ter uma casa sentinela

Construção: de janeiro a maio de 2013

A Estação possui dois acessos externos, o portão principal, com entrada supervisionada pelo serviço de vigilância, e outro secundário, em seu limite sul, utilizado alternativamente, quando necessário, mas normalmente mantido fechado. Estrategicamente, está alocada nessa área a moradia de um empregado, que, de uma forma ou de outra, representa certo controle para evitar visitas indesejadas e ajudar na preservação da área, prevenindo o acesso de curiosos. O prédio que passou a ser utilizado como moradia foi construído em madeira, em 1980, para ser a biblioteca da Uepae. Desativada a biblioteca, o prédio foi “transportado” em 1985, para o acesso sul, para servir de residência para os empregados, sendo utilizado como tal por longos 28 anos. Passado esse tempo, como era de se esperar, a construção já apresentava visíveis sinais de envelhecimento, com apodrecimento do madeiramento e o consequente desconforto para quem a habitasse. Com recursos disponibilizados pela Unidade, a solução não poderia ser outra: demolição e construção de um novo prédio que oferecesse adequadas condições de moradia.

Assim, a construção desempenha uma dupla finalidade: abrigar de forma condizente um empregado e sua família e servir como sentinela avançada, representando os “olhos da Estação”, atentos, voltados para a sua face sul, deixando a entender, em uma analogia ao brado de Sepé Tiaraju: “Esta Estação tem dono”.

Em tempo, as partes mais conservadas das paredes da casa, em madeira de araucária, ou “pinho” como é conhecida por muitos, foram utilizadas, anos depois, no forro do Centro de Convivência da Estação. As tábuas restauradas, com a tinta removida e envernizadas, deram um toque todo especial ao interior do prédio.



Fotos: Lirio José Reichert

Vista externa da antiga casa de madeira, utilizada como residência de empregados, e de seu interior antes da demolição.



Fotos: Lirio José Reichert

Início da construção da nova casa, destinada a residência de empregados.



Fotos: Lirio José Reichert

“Sentinela avançada” da Estação Experimental Cascata: fase final da construção e conclusão da obra em maio de 2013.



Fotos: Lirio José Reichert

Conversas compartilhadas – o transporte dos empregados

O barulho ensurdecador do velho motor, localizado na parte dianteira do micro-ônibus, ao lado do motorista, fazia com que as conversas dos empregados fossem meio gritadas e, portanto, com todos compartilhadas... não havia segredos. O veículo ainda do tempo da Uepae de Cascata estava pedindo um “descanso”. Para alívio dos empregados, por fim, se entregou. Na falta de recursos para um ônibus novo, foi remanejado outro, também remanescente da Uepae, como toda a frota da Unidade. O investimento na substituição dos veículos de transporte dos empregados não podia esperar. Os apelos da gestão da Unidade à Diretoria da Empresa começaram a ser atendidos, e a substituição teve seu início, com recursos alocados especificamente para esse fim. A Estação por fim ganhava um ônibus novo para satisfação e conforto dos empregados. A renovação da frota continuava e, em uma segunda etapa, uma nova substituição e a Estação foi contemplada com um novo micro-ônibus, moderno, com acessibilidade garantida. Outros tempos, as viagens de retorno agora eram tranquilas, sem gritarias. O veículo silencioso permitia sussurros, mas também convidava a um descuidado cochilo, que ia chegando sem pedir muita licença. O som abafado das conversas ia ficando mais distante, e o suave ronco do motor parecia embalar o sono revigorante ao fim da jornada... aliás, merecido.



Evolução na qualidade do transporte de empregados e colaboradores: os dois ônibus remanescentes da Uepae de Cascata adquiridos em 1979 e 1980, e os veículos novos adquiridos em 2015 e 2016.

Foco na sustentabilidade

Fossa séptica biodigestora – eficiência e baixo custo

A contaminação do lençol freático por coliformes fecais é uma triste realidade que atinge um percentual elevado da área da zona rural do Rio Grande do Sul. Como consequência, a água consumida por uma parte significativa da população rural apresenta um alto grau de contaminação. Sendo referência para a agricultura familiar e agroecologia, a Estação não poderia deixar de trabalhar essa questão, e passou a desenvolver ações para alertar e auxiliar os agricultores a enfrentar o problema.

Uma das primeiras ações desenvolvidas nesse sentido foi a implantação de uma unidade demonstrativa da fossa séptica biodigestora, em uma parceria com a Embrapa Instrumentação Agropecuária, de São Carlos, SP. Objetivava-se demonstrar aos agricultores e técnicos as vantagens desse sistema simples e eficiente de tratamento do esgoto cloacal, cujo produto final não apresentava impacto ao meio ambiente, um líquido inócuo, passível de utilização como fertilizante em pastagens ou cultivos perenes.

Seguiram-se a instalação de mais três unidades na Estação, sendo a maior a que atendia ao Cecaf e ao Centro de Convivência, com capacidade para tratar 15.000 L de dejetos. Essas unidades têm sido intensamente usadas para demonstração da tecnologia a agricultores, extensionistas e gestores públicos, o que, em muito, pode contribuir para a melhoria da qualidade da água consumida no meio rural, com uma solução eficiente e de baixo custo. A saúde agradece.



Fotos: Lirio José Reichert

Instalação da primeira fossa séptica biodigestora no Núcleo de Apoio ao Campo em setembro de 2005 e, como unidade demonstrativa, sendo utilizada para divulgação do sistema em dia de campo.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Gustavo Nunes de Andrade

Instalação da segunda fossa séptica biodigestora, atendendo ao vestiário da equipe de apoio ao campo, em julho de 2006. Apresentação do sistema a técnicos do Instituto de Desarrollo Agropecuario (Indap, Chile), agosto de 2015.

Fotos: Lirio José Reichert



Terceira unidade da fossa séptica da Estação, servindo ao Centro de Capacitação de Agricultores Familiares e Centro de Convivência, instalada em outubro de 2014 com capacidade para tratar 15.000 L de dejetos, e a quarta unidade instalada na Casa Sustentável em agosto de 2017.

Separação das águas – o aproveitamento da água da chuva

Entre as ações voltadas para a sustentabilidade ambiental, desenvolvidas na Estação, a questão das águas servidas e da água da chuva não poderia ficar para trás. Em função dos escassos recursos disponíveis, tanto para a construção do Cecaf, como para a reforma do prédio que abrigaria o Centro de Convivência, a separação das águas servidas e a captação da água da chuva não foi contemplada no projeto das duas obras. Com recursos obtidos de fontes externas, iniciou-se um trabalho, não só de separação das águas, como também

de captação e direcionamento da água das chuvas em grande parte dos prédios da Estação. A primeira intervenção contemplou o Cecaf e o Centro de convivência, onde as águas cinzas foram separadas das águas negras, sendo estas últimas direcionadas à fossa séptica biodigestora. Nesses dois prédios, foram instaladas tubulações independentes para recolhimento da água da chuva, deixando-a apta para ser armazenada e usada posteriormente se necessário.



Fotos: Lirio José Reichert

Obras de separação das águas no Centro de Capacitação de Agricultores Familiares: o potencial de utilização na irrigação da água da chuva separada das águas servidas.

Dois prédios conjugados, a garagem e o depósito de materiais, por contarem com uma grande área de telhado, e por estarem localizados em um ponto elevado da Estação, foram escolhidos para uma experiência sustentável de captação e utilização da água da chuva para irrigação. Um sistema de coleta foi instalado nesses prédios, direcionando a água da chuva para uma caixa d'água de 15.000 L, situada ao lado, em um plano inferior. Um painel fotovoltaico, próximo à caixa, alimenta a bomba elétrica de recalque, que transporta a água dessa caixa até um depósito alocado em uma parte elevada, o qual possibilita a irrigação da área experimental por gravidade. Uma só ação, contemplando dois objetivos: a utilização da água da chuva para irrigação de experimentos e a estruturação de um sistema sustentável de transporte dessa água, utilizando energia solar. Esse sistema tem sido inúmeras vezes demonstrado aos agricultores nos dias de campo realizados na Estação, como sendo uma possibilidade viável de irrigação em áreas remotas da propriedade, não alcançadas pela energia elétrica.

Fotos: Lirio José Reichert



Captação da água da chuva para irrigação, nos amplos telhados dos prédios da garagem e depósito da Estação Experimental Cascata.

Fotos: Lirio José Reichert



Sistema sustentável: aproveitamento da água da chuva para irrigação da área experimental da Estação Experimental Cascata, utilizando-se energia solar para o bombeamento.

“Limpendo” a água da chuva

Uma unidade demonstrativa de como reduzir as impurezas das águas da chuva coletadas nos telhados, permitindo destiná-la a fins mais nobres, foi também instalada na Estação, na Vitrine Tecnológica. O sistema permite o descarte das primeiras águas, que, normalmente, carregam as impurezas acumuladas nos telhados, armazenando apenas a água coletada após a “limpeza das telhas” pelos primeiros volumes de chuva. Em muitas propriedades, a armazenagem da água da chuva é uma realidade, e a obtenção de uma água com melhor qualidade contribui para ampliar sua utilização. Esse sistema simples, demonstrado aos agricultores nos dias de

campo, tem sido bem internalizado, com imediata adoção por alguns, segundo seus próprios relatos, feitos como um feedback, para os técnicos da Estação.



Fotos: Lirio José Reichert

Sistema de coleta e redução de impurezas na água da chuva, instalado em setembro de 2016 na Vitrine Tecnológica da Estação Experimental Cascata: tecnologia de fácil apropriação pelos agricultores.

O olhar para o futuro

O uso de fontes renováveis de energia

A energia que vem do sol e do vento

As fontes de energia, ditas alternativas, progressivamente tornam-se uma realidade e já passam a fazer parte de projetos arquitetônicos e de engenharia, nos quais a palavra sustentabilidade é gravada para demonstrar preocupação e compromisso com o meio ambiente e, é claro, atender aos apelos de uma parte cada vez maior da sociedade. Megaprojetos de geração de energia eólica e fotovoltaica espalham-se também pelo País, evidenciando uma tendência irreversível de utilização das fontes renováveis de energia.

Mais uma vez, a Estação buscou conectar o agricultor familiar aos avanços tecnológicos que, nesse caso específico, poderiam, além de gerar renda, tornar a propriedade independente em termos energéticos. Como resultado de um projeto articulado com o antigo MDA, foi instalada na Estação uma unidade demonstrativa de produção de energia elétrica a partir de fontes renováveis, trabalhando-se, no caso, as fontes energéticas eólica e solar. O objetivo da unidade tem sido demonstrar a viabilidade técnica e econômica da geração de

energia elétrica no meio rural pelo uso de geradores alternativos de baixo impacto ambiental, e que pode até mesmo se tornar fonte de renda pela ligação do sistema à rede de distribuição existente.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Unidade demonstrativa de geração de energia por meio de placas fotovoltaicas e aerogerador alocados na Estação Experimental Cascata: fase de instalação e unidade finalizada. Março e abril de 2014.

Avançou-se no trabalho com energia solar, instalando-se, em dezembro de 2017, uma segunda unidade, agora de observação, testando-se painéis fotovoltaicos móveis, que seguem o movimento solar ao longo do dia. Com o uso do chamado seguidor solar, dispositivo que altera a posição dos painéis fotovoltaicos, testou-se a possibilidade de aumento na eficiência do sistema na captação da energia solar incidente. Os painéis foram instalados na cobertura do estacionamento que atende ao Cecaf. No total, a Estação passou a contar com cerca 5 KW de energia gerada a partir de fonte solar.

Com a atitude de colocar os agricultores em contato com essa tecnologia, nova para a grande maioria, de procurar fornecer subsídios para a elaboração de políticas públicas ligadas

ao tema, e de tentar sensibilizar os gestores públicos para a necessidade de financiamento dessas iniciativas no meio rural, a Estação, mais uma vez, cumpria seu papel de auxiliar a alavancar soluções sustentáveis para a agricultura familiar.



Fotos: Lirio José Reichert

Instalação da segunda unidade de captação de energia solar na Estação Experimental Cascata: terraplanagem e início da construção do estacionamento coberto por placas fotovoltaicas.



Fotos: Lirio José Reichert

Colocação dos painéis fotovoltaicos móveis e o sistema em pleno uso alocado no estacionamento que atende ao prédio do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.

Casa Sustentável

Reforma: de janeiro de 2015 a julho de 2017

A disponibilidade de tecnologias para aumentar a sustentabilidade dos ambientes residenciais não é pequena. Normalmente, estão bastante dispersas e são raras as iniciativas de reuni-las em um único espaço, para que possam

mais facilmente ser visualizadas e apropriadas pelos públicos. Pensando-se no agricultor familiar, o qual tem pouco acesso à informação tocante a esse tema, e em uma maneira de motivá-lo a adotar algumas soluções de baixo custo, que melhorem o conforto ambiental de sua moradia e reduzam os gastos com energia, surgiu a ideia da casa sustentável. Imaginou-se um ambiente que reunisse diferentes tecnologias e iniciativas voltadas para a economia de energia, para o melhor aproveitamento da água, para o tratamento dos dejetos, enfim, que reunisse diferentes ideias voltadas a sustentabilidade, particularmente sob o aspecto ambiental. Não foi difícil, dado o caráter inovador da iniciativa, de se conseguir sensibilizar agentes financiadores externos e captar os recursos para pôr a ideia em prática.

Obtido o financiamento, começou-se a planejar como seria o ambiente. Uma antiga casa, outrora moradia de empregados, situada estrategicamente em frente à Unidade Demonstrativa de Energias Renováveis foi escolhida para ser reformada e transformar-se na Casa Sustentável. A reforma, em sua estrutura básica, já contemplou itens de aumento do conforto térmico e redução de perdas de energia. Nessa linha, no telhado, foram utilizadas telhas termoacústicas, as chamadas telhas-sandwiches, compostas por duas chapas metálicas, separadas por material isolante, reduzindo a troca de energia térmica entre o interior e o exterior do prédio. Com essa mesma finalidade, em todas as aberturas externas, utilizou-se vidro duplo, aumentando o isolamento térmico. O teto contemplou domos de transferência de luz natural, com a ideia de maximizar a iluminação interna pelo uso da fonte natural, economizando energia. Esta última iniciativa, no entanto, não foi concluída.

Como no meio rural é comum a queima de madeira para o aquecimento do ambiente, a casa conta, para demonstração, com uma lareira de dupla combustão, tipo calefator, bem mais eficiente que os sistemas convencionais, com economia significativa de lenha. Conta ainda com um sistema de distribuição de água quente, aquecida por energia solar, em painéis localizados na Unidade Demonstrativa de Energias Renováveis.



Fotos: Lirio José Reichert

Casa Sustentável estruturada na Estação Experimental Cascata: o prédio antes e depois da readequação.



Fotos: Lirio José Reichert

Início da reforma do prédio a ser transformado na Casa Sustentável: a busca pela inovação em uso de energias renováveis.



Fotos: Lirio José Reichert

Casa Sustentável em uma etapa mais avançada da reestruturação.

Fotos: Lirio José Reichert



Casa Sustentável: o interior do prédio, com uma visão da cobertura termoacústica e das aberturas externas com vidro duplo. Redução da troca de energia para maior conforto térmico.

Na parte externa, foi instalado um sistema de captação de água da chuva, a qual é armazenada no nível do solo e posteriormente elevada para uma caixa de distribuição, recalque feito por meio de bomba elétrica alimentada por painel fotovoltaico. Essa água é utilizada no banheiro e para irrigação do gramado circundante. A separação das águas negras geradas na casa também foi contemplada, com seu posterior tratamento em uma fossa séptica biodigestora instalada na sua parte posterior, a qual atende também à Casa das Sementes Maneco Portantiollo.

Fotos: Lirio José Reichert



Caixa d'água, para a armazenagem da água da chuva, e painel solar, fornecedor de energia para a bomba elétrica usada na elevação da água captada no telhado da Casa Sustentável.

A estruturação da casa sustentável e a sua abertura à visita-
ção permitiram que um dos objetivos principais da iniciativa
começasse a ser cumprido: despertar o interesse dos agri-
cultores e, por que não do público urbano, para a inovação
em termos de uso de energias renováveis e sustentabilidade
ambiental. São ideias relativamente novas que a casa está
definitivamente contribuindo para sua internalização. Cabe
aqui a utilização de um clichê, “o meio ambiente agradece”.

Foto: Lirio José Reichert



Exposição, em frente à casa sustentável, de um dos primeiros arados usados nos trabalhos da Estação Experimental Cascata.
Tração animal, energia renovável.

Água e paisagem

Construindo cenários

O lago da Estação

Construção: de 1/9/2003 a 10/9/2003

Sem mencionar a sua necessidade vital, a água sempre teve um forte apelo paisagístico pela beleza, que seus variados caminhos e seus diferentes contornos conferem aos lugares. A serenidade dos lagos, o burburinho das corredeiras, o espetáculo de suas quedas, sempre atraiu as pessoas. Não se deve esquecer que a própria Estação tem seu nome vinculado à água. A Estação Experimental Cascata, por estar localizada na região do município, hoje distrito, conhecida como Cascata, carrega em seu nome a identidade desse local privilegiado pela natureza. Cascata, por definição, refere-se à queda d'água, em que a água escorre por entre pedras, formação natural existente no distrito e que, por sua beleza, sempre atraiu visitantes.

O aspecto paisagístico, certamente mais que a necessidade de água para irrigação, foi o impulso para transformar aquele banhado, localizado quase em frente ao prédio-sede, em um açude, ou lago, como chamaram os mais poéticos. Na falta de recursos financeiros, a articulação com uma agência de fomento para a região, que construía açudes nas propriedades rurais, disponibilizou o que era desejado, um serviço a ser prestado sem custos, ou melhor, apenas com a reposição do combustível consumido. E assim chegaram as máquinas, com seus mestres operadores que, em poucos dias, transformaram a paisagem. O brejo transformava-se no lago da Estação e espalhava sua serenidade entre os que ali trabalhavam. O espelho d'água, em diferentes ângulos, refletia seu entorno, o Cecaf, as araucárias e, vez por outra, o acobreado colorido do entardecer. Para completar a paisagem, planejou-se a construção, a beira do lago, de um caramanchão, a ser coberto por bougainvilles. O caramanchão nunca saiu do papel. Foi substituído por uma ilha implantada no meio do lago, ligada à margem por uma diminuta ponte. À sombra do salso plantado na pequena ilha, um banco de madeira fora colocado, chamando à reflexão aqueles que ali sentassem. Difícil imaginar qualquer ansiedade que, diante daquela paisagem que irradiava paz e serenidade, não sucumbisse.



Fotos: Lirio José Reichert

Área de banho antes da construção do açude e a obra finalizada. Armazenagem de água e ganho paisagístico para a Estação Experimental Cascata.



Fotos: Lirio José Reichert

Diferentes etapas da construção do açude em frente à área que, mais tarde, abrigaria o Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Fotos: Lirio José Reichert

A ilha e o salso no lago da Estação. Olhar a paisagem e alimentar os peixes, momento de descansar a mente.



Vista do açude em 2017, a partir da janela do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares, Estação Experimental Cascata.

Beleza aprimorada – o trapiche

A beleza da paisagem, com o prédio do Cecaf emoldurado pelas margens do lago, certamente inspirou a arquiteta responsável pelo projeto. A calçada que contornava a sala de convivência seria o ponto de partida para um trapiche, que adentraria o lago, uma extensão do Cecaf. A imaginação promovia a antevisão da beleza da ideia: ao final da tarde, as pessoas caminhando no trapiche, integrando-se à paisagem, reenergizando-se.

O projeto, pela dificuldade em executá-lo, sempre fora protelado. E recursos... como justificar um investimento em um trapiche? A ideia ficou por anos adormecida, mas nunca esquecida. Lançava-se, de tempos em tempos, um olhar para a planta paisagística do local, e o desafio brotava. Já se trans-

formara quase em uma promessa da equipe: “nem que seja a última obra dessa turma...”, e quase foi.

Com a disposição e, principalmente, com a motivação do pessoal de apoio, montou-se a estratégia para superar as dificuldades da obra. Ao final do verão, quando o trabalho seria menos penoso, drenou-se boa parte da água do lago para a colocação das toras de suporte. Havia os peixes que, com o baixo volume de água, poderiam morrer. No plano montado, o lago seria abastecido com água corrente da sangia, que entraria e sairia, oxigenando o ambiente e mantendo os peixes vivos. Deu certo!

E o material? Postes de madeira, substituídos quando da implantação da nova rede elétrica, foram as bases. Troncos de eucalipto, desdobrados, forneceram os pranchões. A mão de obra? Veio da boa vontade e experiência dos empregados. Os postes foram cravados, os pranchões pregados, e o rústico trapiche era agora uma realidade. Não houve tempo para colocar o “chapéu” de sapê, complemento ao final do trapiche. O suporte está lá, cravado, como para lembrar as futuras gestões da tarefa.

Faltou o convite para a arquiteta ver a obra finalmente executada. Não faltará oportunidade. O trapiche lá estará por muito tempo, como prova de perseverança e de que são poucos os desafios que não podem ser vencidos quando se tem as pessoas certas como parceiras.



Fotos: Lúcio José Reichert

Início da construção do trapiche em abril de 2019.

Fotos: Lirio José Reichert



Colocação do madeiramento e dos pranchões: o trapiche tomava corpo.

Fotos: Lirio José Reichert



Detalhe da finalização do trapiche. A estrutura pronta utilizada durante intervalo de evento no Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.

Foto: Carlos Alberto Barbosa Medeiros



Trapiche, uma extensão do Centro de Capacitação de Agricultores Familiares da Estação.

A beleza do frio – a relva pintada de branco

A estética do frio, diria o poeta Vitor Ramil. A estética e a beleza se misturavam nas manhãs de inverno da Estação, quando as geadas mudavam a paisagem e os olhos se encantavam com o branco imaculado da relva. Mas aí surgia o Sol, que, num primeiro momento, se refletia nos cristais de gelo e enchia a superfície da grama de minúsculos pedaços de vidro, aumentando a beleza do momento. Mas, depois, talvez receoso que tamanha beleza ofuscasse seu esplendor, o Sol logo esquentava a relva e o espetáculo acabava. Não sabia ele, talvez, que naquelas manhãs frias todos o aguardavam, na expectativa do conforto que ele lhes traria, para iniciar mais uma jornada.

A altitude, a proteção das árvores contra o vento, tudo colaborava para o frequente espetáculo, que a ninguém cansava. Muitos se antecipavam e, apesar do frio, chegavam cedo à Estação, antes que o Sol borrasse a bela imagem. As câmeras e os celulares incansáveis se encarregavam de perpetuar, em fotos, as imagens que aos olhos deslumbravam, mas que a mente nas atribulações da vida, acabavam colocando em segundo plano ou mesmo apagando, para o desespero do repositório das belas memórias.

Foto: Luis Fernando Wolff



Foto: Lirio José Reichert



Foto: Geraldo Redin Camejo



Foto: Geraldo Redin Camejo



Imagens da beleza do frio na Estação. No dia 29 de julho de 2009, os termômetros ali registraram $-6,8^{\circ}\text{C}$.

A vontade de desacelerar o tempo – a alameda de araucárias

Não se sabe da origem, mas as quatro araucárias avistadas de longe, plantadas em linha, ladeando o caminho, quase à beira da sanga, eram uma marca da Estação. As árvores davam sinais de envelhecimento e começavam a perder o viço. Talvez elas tenham sido a inspiração para o plantio da alameda de araucárias no acesso principal da Estação. Talvez não. Talvez tenha sido a vontade de criar algo a ser lembrado no futuro. Marcar uma data, num afã, sempre frustrado, de desacelerar o tempo. O plantio tinha o seu simbolismo: registrar o nascimento, acompanhar a infância, talvez a adolescência e imaginar, transcorridos muitos anos, como seria a fase adulta daquelas árvores. Imaginar, pois o tempo não para... essa é uma certeza... para todos.

São poucos os relatos, em que datas marcam o plantio de árvores. Talvez porque não tenham tanta importância. O importante é vê-las adultas, exuberantes, majestosas, a nos magnetizar com sua beleza. Ainda assim registrava-se, em 27 de julho de 2014, o plantio das araucárias e, 6 anos depois, em de agosto de 2020, a infância que se iniciava.



Fotos: Lirio José Reichert



Alameda de araucária sendo plantada na estrada de acesso interno da Estação Experimental Cascata em julho de 2014. Árvores com 6 anos de idade, em agosto de 2020.

Superando desastres

A resiliência

Resiliência, simplificando, é a capacidade de um sistema de absorver o impacto e reorganizar-se, voltando ao estado original de funcionalidade. Elevada resiliência, termo que poderia ser empregado em lato sensu para definir a recuperação da Estação após os distúrbios causados por desastres que atingiram sua área em diferentes tempos. Narram-se aqui três episódios ou eventos que impactaram sobremaneira a Estação. A enchente ocorrida em 2009, com um volume d'água sem precedentes a lavar, literalmente, a Estação; o incêndio que destruiu o prédio utilizado como celeiro e todo material em seu interior; e ainda uma série de temporais, sempre frequentes, e seus danos causados às estruturas da

Estação. O que foi feito para contornar os efeitos desses desastres também é parte da narrativa, uma pequena amostra da capacidade de resiliência da Estação.

A água que subiu nas árvores – a enchente

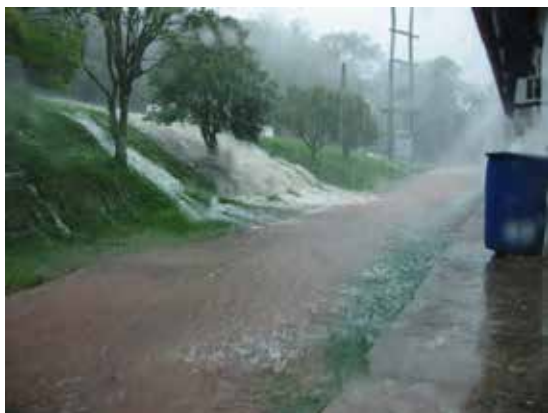
Aquele seria mais um abafado final de tarde de verão, pois era janeiro, quando as temperaturas elevadas fazem parte do dia a dia de quem vive no extremo sul do estado. Corria ainda o dia 28 do primeiro mês do ano de 2009, uma quarta-feira, o expediente já havia se encerrado na Estação quando o temporal começou, e a chuva caiu com uma intensidade não vista há décadas. À época, não havia serviços de alerta para tempestades, e, mesmo que existissem, restaria pouco a fazer, em face da inesperada violência das chuvas. Foram mais de 600 mm em um período de menos de 2 horas, chuva que causou enormes estragos em toda a região do distrito de Cascata e danos consideráveis à estrutura da Estação.

O imenso caudal fez com que a água atingisse a copa das árvores à beira das sangas, provocando ainda a destruição de todas as pontes da Estação. Estradas precarizadas, prédios invadidos pela água, estufas plásticas semidestruídas, postes de energia tombados, equipamentos avariados, experimentos e materiais de pesquisa perdidos, um saldo negativo difícil de contornar. Um enorme volume de árvores tombadas foi apenas uma parte do dano ambiental causado pela tempestade. Margens das sangas danificadas e os estragos de uma erosão sem precedentes completavam o triste cenário.

A partir de uma verba emergencial disponibilizada para recuperação da estrutura, começou-se a reparação dos danos. Recuperada a rede elétrica, a prioridade foi dada às pontes, pois a Estação havia ficado dividida em ilhas, impossibilitando o acesso a algumas áreas. Para os demais danos, foi questão de tempo, e até mesmo o meio ambiente recuperou-se de forma rápida, em uma velocidade típica de ambientes naturais de grande resiliência, caso da Estação. A natureza, mais uma vez, seguia seu caminho.

Na sequência, as imagens da enchente que atingiu a área da Estação Experimental Cascata em 28 de janeiro de 2009 e dos danos causados.

Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann



Enxurrada na Estação Experimental Cascata, atingindo a parte posterior do prédio-sede e inundando a área experimental.

Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann



Intenso caudal, a estrada que virou rio e o prédio da miniplanta de processamento da Estação invadido pelas águas.

Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann



Danos causados às encostas de arroios que cruzam a área da Estação Experimental Cascata, após a enxurrada.



Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann

Uma das muitas pontes internas da Estação Experimental Cascata levada pela enxurrada, em processo de reconstrução.



Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann

Ponte de acesso a uma das áreas experimentais da Estação Experimental Cascata levada pela enchente e posteriormente reconstruída.



Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann

Infraestrutura da Estação Experimental Cascata comprometida pela enxurrada: danos causados às estradas e à rede elétrica.

Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann



Estragos causados pela enchente em um telado e na miniplanta de processamento de alimentos da Estação.

Incêndio na madrugada

Os incêndios podem ocorrer por conta de fenômenos naturais ou decorrentes da atividade humana. Esta última, sem dúvida, foi a causa do incêndio do celeiro da Estação (prédio do almoxarifado na época da Uepae), muito embora com o nível de dano ocorrido, tenha sido praticamente impossível determinar, com precisão, o que deflagrou o sinistro.

Era uma madrugada calma daquele outono de 2008, e a ronda era feita normalmente pelo serviço de guarda da Estação. No meio da madrugada, ao percorrer a área onde se encontrava o celeiro, o fogo foi percebido pelo segurança. Embora de imediato tenham sido acionados os bombeiros, a natureza do material armazenado, na maioria sacaria e grãos, de fácil combustão, e a distância de quase 30 km até o posto de bombeiros mais próximo, fez com que nada pudesse ser salvo. Uma curiosidade, por se tratar de um celeiro, para evitar o ataque de roedores, o teto do prédio era revestido com chapa galvanizada, o que impediu que o fogo, de início, atingisse o madeiramento do telhado e possibilitasse sua visualização à distância. Deduz-se, que os sinais externos do fogo só foram percebidos quando o intenso calor interno derreteu as chapas e o incêndio se propagou até o telhado. Restaram apenas telhas e ferros retorcidos, não sendo encontrado qualquer resquício das chapas galvanizadas, o que dá uma dimensão da temperatura atingida no interior do prédio.

Em decorrência do incêndio, se estabelecia uma nova carência na infraestrutura da Estação, um espaço para armazenagem e processamento de grãos e oleaginosas. Essa carência, pela inexistência de recursos, permaneceu por mais de 3 anos. Finalmente, com verba do orçamento da Unidade em 2011, iniciou-se a recuperação do prédio. Com os recursos liberados, o prédio, que já se encontrava bastante depreciado pelo tempo, foi readequado (criou-se um espaço para um secador elétrico de grãos), ampliado (novos banheiros foram construídos), e a estrutura de base, que já apresentava falhas, pode ser recuperada, substituindo-se também o forro de chapa galvanizada por laje de concreto. Enfim, como no dito popular, “fazia-se do limão uma limonada”.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Everton Luis Fonseca Neumann



Vista externa do prédio do celeiro da Estação Experimental Cascata, antes do incêndio e em fase adiantada da reconstrução.



Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann



Celeiro logo após o incêndio ocorrido em 31 de maio de 2008.

Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann



Etapas da reconstrução do prédio do celeiro.

Foto: Lirio José Reichert



Resiliência da Estação Experimental Cascata: prédio do celeiro finalmente reconstruído.

Fotos: Lirio José Reichert



Interior do prédio do celeiro após a reconstrução: avaliação de material de pesquisa e novo secador elétrico.



Fotos: Lirio José Reichert

Interior do celeiro repaginado: novos banheiros e criação de um espaço para a manutenção elétrica e hidráulica da Estação Experimental Cascata.

Desafio dos temporais e raios – por uma paisagem sem fios

Consequência de um fator não bem identificado, a Estação sempre foi alvo frequente de raios durante as chuvas, seja no inverno ou no verão. Os dispositivos de proteção existentes muitas vezes não foram suficientes para prevenir os danos causados por essas descargas elétricas naturais. Incontáveis foram os prejuízos, cabos telefônicos danificados, equipamentos eletrônicos queimados, rede lógica avariada, o que sempre impactou negativamente o trabalho. Os temporais e os ventos também têm sua história. Não foram poucas as vezes, antes da aquisição de um gerador próprio, que as atividades foram interrompidas por queda de postes ou rompimento de cabos elétricos dentro da Estação. Lembrando que a integridade física das pessoas, não raramente, esteve em risco nessas situações. Rede elétrica antiga, postes de madeira com validade próxima ao vencimento eram fatores que contribuíam para os problemas recorrentes por ocasião dos temporais.

Para contornar as dificuldades causadas por esses fenômenos naturais, decidiu-se colocar toda a rede elétrica, telefônica e lógica em dutos subterrâneos e substituir os postes de madeira por postes de concreto. Recursos foram captados junto a fontes externas, além daqueles disponibilizados pela

Fotos: Lirio José Reichert



Cipreste estilhaçado por raio no dia 11 de dezembro de 2003 e danos causados por temporal à sede da Estação Experimental Cascata, em 19 de dezembro de 2005.

Fotos: Lirio José Reichert



Danos à rede elétrica da Estação Experimental Cascata causados por temporais em 29 de janeiro de 2009. Prejuízos para os trabalhos de pesquisa e risco para a integridade física das pessoas.

própria Unidade, e o projeto foi executado. A qualidade da energia circulante foi melhorada, os danos aos cabeios provocados por raios foram contornados e os temporais não tiveram força suficiente para colocar por terra os postes de cimento.

Ao final, como uma espécie de recompensa, surgiu o aspecto belo da empreitada: o céu azul estava mais limpo. As lindas paisagens da Estação estavam agora sem fios.



Fotos: Lirio José Reichert

Cabeamento subterrâneo da rede lógica, telefônica e elétrica da Estação Experimental Cascata.



Fotos: Lirio José Reichert

Antiga rede elétrica aérea com postes de madeira e depois, subterrânea com postes de cimento.



Fotos: Lirio José Reichert

Nova iluminação do entorno do prédio-sede da Estação Experimental Cascata.

Intempéries e falta de luz – a instalação do gerador

Os cortes de energia no distrito de Cascata são frequentes, principalmente após tempestades, quando a linha de transmissão muitas vezes é afetada pela queda de árvores, consequência da densa vegetação da área, que ainda preserva resquícios da Mata Atlântica. Esses cortes sempre afetaram diretamente a Estação, com impactos não só nos laboratórios, onde a energia é crucial para a manutenção dos experimentos *in vitro*, como também na comunicação, acesso à internet e aos próprios computadores. Não raro, os cortes duram vários dias, até que a companhia distribuidora consiga solucionar os problemas na rede e restabelecer a energia.

Os riscos que os cortes de energia representavam para as atividades de pesquisa foram a mola mestra para a busca de recursos para a aquisição de um gerador. Das três bases físicas da Embrapa Clima Temperado, a Estação era a única que não possuía gerador próprio. Sensibilizada pela gestão da Unidade, a diretoria da Embrapa liberou os recursos de investimentos necessários para a aquisição do equipamento e, posteriormente, para a construção do prédio para instalá-lo. Processo concluído, o gerador encontrava-se apto a funcionar em 18 de junho de 2010. Quem hoje assiste ao funcionamento automático do gerador quando há falta de energia, talvez não se lembre dos tempos difíceis, quando essas quedas eram seguidas da grande incógnita que a todos inquietava: “Quando voltará a luz?”

Fotos: Lirio José Reichert



Novo gerador adquirido para a Estação Experimental Cascata e prédio construído para sua instalação.

Água para quem dela precisa

Nova caixa d'água

Construção: de 12 a 20/4/2004

A falta de energia pode ser contornada, o abastecimento de combustível pode ser adiado, mas para a falta d'água não há saída, a não ser a paralização das atividades de trabalho. Essa era a grande preocupação que brotava, todo dia, quando se visualizava, à beira da estrada, a antiga caixa d'água que abastecia a Estação. A estrutura emitia sinais que poderia ruir com o peso da água, colocando em risco o abastecimento de água, mas principalmente a integridade física dos empregados que desenvolviam suas atividades no entorno. O desgaste e o comprometimento da estrutura construída na década de 1940, quando a Estação pertencia ao Ministério da Agricultura, eram evidentes. A intervenção no sistema de abastecimento de água fazia-se necessária, e essa foi a primeira obra da gestão, possível com a captação de recursos via projeto financiado por fontes externas. Nova caixa d'água, novas tubulações, o abastecimento de água estava garantido por mais algumas décadas. Restou apenas o desejo de recuperar a antiga caixa d'água, um marco na história da Estação. Mas ela continuará lá, vazia, mas em pé, para lembrar, a todos que por ela passarem, da necessidade de preservar a história... como a dizer, em um apelo: “edificar o futuro, mas sem esquecer do passado”.



Fotos: Lúrio José Reichert

Antiga caixa d'água, um pedaço da história da Estação, e a nova estrutura finalizada.

Fotos: Lirio José Reichert



Renovação do sistema de abastecimento de água na Estação ganha corpo: construção da estrutura da caixa d'água e colocação de um reservatório de fibra de vidro no seu interior.

Fotos: Lirio José Reichert



Diferentes etapas da obra, priorizada pela sua importância para a Estação: nova caixa d'água assentada e fechamento das laterais da estrutura em fase de conclusão.

Água mais límpida – o poço artesiano

Perfuração: de 12 a 26/7/2016

O volume de água disponível na Estação nunca foi problema. A área é rica em fontes de água potável e o bombeamento, feito de uma cacimba, sempre atendeu às necessidades.

O mesmo não se pode dizer da qualidade quando nas épocas chuvosas. As águas do arroio adjacente invadem a cacimba, e a água torna-se turva, não potável por longos períodos. Em razão da impossibilidade de qualquer alteração, mesmo que mínima, no curso das águas do arroio, por questões ambientais, buscou-se alternativas para fornecimento de água com qualidade, e a perfuração de um poço artesiano foi a solução encontrada. Por se localizar fora da área abrangida pelo Aquífero Guarani, a perfuração do poço na Estação não esbarrava na consciência ambiental. Após uma perfuração de cerca de 300 m de profundidade, encontrou-se água em um volume estimado de 1.000 L/hora, o que, em princípio, atenderia as necessidades da Estação. Entretanto, a lenta recarga do poço fez com que se construísse um depósito adicional para armazenagem da água extraída. Ainda assim, algumas vezes, se lança mão da água da cacimba para abastecimento da Estação.



Fotos: Lirio José Reichert

Busca pela água subterrânea na Estação Experimental Cascata: perfuração do poço artesiano.



Fotos: Lirio José Reichert

Água límpida: o primeiro jorro e a estrutura do poço artesiano da Estação Experimental Cascata finalizada.

A água teimosa – o vedor

Tudo indicava que a solução permanente para o abastecimento de água potável para a Estação passava pela perfuração de um poço artesiano. Questões ambientais foram discutidas, recursos foram obtidos e, finalmente, lança-se o projeto de perfuração. Contratada a empresa para o serviço, a parafernália de equipamentos chega à Estação, perfuratrizes, tubulações e os especialistas. Identificado o local da perfuração, começa a empreitada e também a torcida para ver a água jorrar. Passa-se 1 dia, outro dia e nada... a tubulação chegara a mais de 100 m e a água não aparecia. O que se passava? A região sempre fora famosa pela disponibilidade de água subterrânea, até mesmo por fontes de água mineral. Alguns, até hoje, lembram saudosos da água mineral Serrana, de excelente qualidade, como se afirmava, e cuja fonte era da região da Cascata. Mas, justamente na Estação, a água embirrara e teimava em não aparecer. Desiste-se por hora da empreitada. Os recursos só permitiam ir até aquela profundidade. Lacra-se o poço, a parafernália vai embora... entra o vedor. O que é um vedor? Vedor, de acordo com o dicionário, é a pessoa que, por meio de uma varinha, revela a presença de água subterrânea. Técnica simples e supostamente eficiente. Informado do problema e disposto a colaborar, o vedor inicia sua caminhada, acompanhado por olhos atentos, curiosos, alguns um pouco céticos. Faz-se silêncio, como que para não perturbar, não distrair o caminhante vedor. O zigue-zague dos passos é de repente interrompido... a varinha se curvara, água fora localizada. A caminhada prossegue, e mais outro ponto é localizado. Escolhe-se e marca-se o local mais apropriado, agradece-se ao vedor e se inicia a busca por novos recursos. Água de qualidade é essencial, e novos recursos são disponibilizados pela Empresa. Volta a parafernália... e também a torcida. Passa-se 1 dia, 2 dias, 3 dias, chega-se a 300 metros e a água teimava em se esconder. Seria a segunda desistência, mas, finalmente, um fio, ou melhor, um jorro de esperança, a água brota, ainda com um pouco de má vontade. Não era aquela explosão, aquele fluxo esperado, mas aparecera. Faz-se as medições, e o fluxo parecia satisfatório. O poço é implantado, vai embora a parafernália. A tubulação é colocada, e inicia-se o bombeamento da água para o reservatório. Tudo resolvido, nem tanto... a água que jorrava forte de início começou a minguar. Encheu parcialmente o reservatório e parou. “Poço com recarga lenta”, explicou a empresa responsável. Eta, água teimosa!

Ações que não aparecem – a irrigação subterrânea

As estiagens de verão são bem conhecidas dos habitantes do extremo sul do Rio Grande do Sul. Para quem planta, são períodos de incerteza grandemente minimizada para aqueles que dispõem de irrigação. Ao início da gestão, a Estação não dispunha de nenhuma rede de irrigação, nem para os trabalhos com hortaliças. Nos períodos de estiagem a correria era grande. Montagem de linhas de canos, transporte de motor estacionário para a captação de água no arroio, colocação de aspersores, enfim, quase toda a mão de obra disponível era monopolizada por essa atividade. Essa situação necessitava ser melhorada. A partir de uma articulação com o projeto

Quintais Orgânicos, deu-se o primeiro passo, a irrigação por gotejamento da área experimental de hortaliças. Na sequência, dentro dos recursos disponíveis, em pontos de cota elevada, colocaram-se estrategicamente três grandes depósitos, todos conectados ao ponto de captação na barragem, onde o recalque era feito por bomba elétrica. Esses depósitos passaram a armazenar 60.000 L de água, prontos a serem distribuídos por gravidade, para as diferentes áreas experimentais. A malha de tubos subterrâneos, com inúmeros pontos de saída, para a distribuição de água aos experimentos, foi o passo final para a estruturação da rede de irrigação por gotejamento. Praticamente, toda a área experimental estava atendida pela rede, totalizando cerca de 30 ha. Quem hoje transita pela Estação e vê a terra úmida, silenciosamente irrigada, possivelmente já esqueceu os tempos de correria e do barulho ensurdecador dos potentes motores estacionários. A água, por via subterrânea, sem que ninguém veja, chega até as plantas, que dela tanto precisam.



Fotos: Lirio José Reichert



Etapas da construção da estrutura de bombeamento da água captada na barragem da Estação Experimental Cascata.

Foto: Everton Luis Fonseca Neumann



Foto: Lirio José Reichert



Escavação para colocação da tubulação subterrânea e um dos três depósitos instalados em áreas elevadas para dar suporte à irrigação da área experimental da Estação Experimental Cascata, janeiro de 2007.

Atenção à infraestrutura básica

Posto de combustível

Construção: março de 2014

Nos idos tempos da Uepae de Cascata, a unidade contava com um posto de combustível para atender suas demandas, principalmente de óleo diesel. Com o deslocamento para a nova área, o pouco uso, a corrosão dos tanques e o obsolescimento das bombas fez com que o posto fosse desativado e o material leilado como sucata. Com as transformações por que passou a Estação e o consequente aumento das atividades de pesquisa, a demanda por combustível elevou-se consideravelmente. Os carros se abasteciam com gasolina na sede da Unidade, e o óleo diesel para os tratores era trazido em tonéis, de camionete, num transporte arriscado, desde a sede até a Estação. Em verdade, a Estação era a única base física que não possuía posto de combustível. A licitação para construção de novos postos de combustível na Embrapa Clima Temperado incluiu a Estação, e o posto foi instalado em 2014, abastecendo a frota com gasolina e óleo diesel.



Fotos: Everton Luis Fonseca Neumann

Busca da autonomia no abastecimento dos veículos da Estação: a construção do posto de combustível em 2014.



Fotos: Lirio José Reichert

Posto concluído e veículos de serviço sendo abastecidos na própria área da Estação Experimental Cascata.

De garagem à unidade demonstrativa – a dupla função

Reforma: de junho a julho de 2015

A velha garagem estava destoando dos demais prédios do entorno. O consagrado local de abertura dos dias de campo anuais da Estação demonstrava seu envelhecimento e a estrutura demandava atenção. O prédio que, desde tempos da Uepae, abrigava os veículos da Estação, sempre fora aberto. Por questões de segurança, uma das primeiras providências foi colocar portões gradeados, que eram fechados após o expediente. Providência que os seguranças noturnos agradeceram. A readequação do espaço e a troca do telhado foram os passos seguintes. O telhado novo chamou a atenção pela sua dimensão e sua capacidade potencial de coleta de água da chuva. Com apoio financeiro de

projeto externo, montou-se estrutura para captação, armazenagem e recalque da água da chuva utilizando-se energia solar, conforme já descrito nesta publicação. A velha garagem agora desempenhava um papel que ia além de simplesmente abrigar veículos, transformara-se em uma unidade demonstrativa de sustentabilidade, visitada pelos agricultores nos dias de campo. Agora já não destoava do entorno. Junto ao novo posto de combustível e ao celeiro reconstruído, configurava um espaço modernizado, o denominado hall de acesso à Estação Experimental Cascata. Quem agora passa por ali, possivelmente tenha se esquecido de como era o local antes das modificações promovidas na área. As fotografias, entretanto, ajudam a lembrar “que nem tudo foi sempre assim”.

Na sequência imagens das intervenções realizadas na garagem da Estação.

Fotos: Lirio José Reichert



Revitalização da garagem da Estação: imagens do prédio antes e depois das reformas.

Fotos: Lirio José Reichert



Parte frontal da garagem, antes e depois da colocação dos portões em setembro de 2004.



Fotos: Lirio José Reichert

Etapas da intervenção na garagem: readequação do espaço e troca do telhado, de junho a julho de 2015.

Foto: Lirio José Reichert



Vista geral do novo hall de acesso da Estação Experimental Cascata: espaço delimitado pelo posto de combustível, garagem e celeiro. Tradicional local de abertura dos dias de campo anuais da Estação.

Um espaço confinado – a oficina da Estação

Os tratoristas da Estação eram também agricultores familiares mecanizados. E como tal, acabaram se tornando mecânicos para pequenos reparos de máquinas e equipamentos, demandados pela lida na propriedade. A Estação, herança dos tempos de Uepae, contava com uma pequena oficina, anexa à garagem, para reparos emergenciais, utilizada pelos tratoristas quando necessário. O cheiro de graxa e de óleo era comum, típico das oficinas à moda antiga. Já o forro apodrecido e a iluminação natural precária, pois o ambiente não tinha janelas, poderiam ser melhorados. Ademais, as melhorias do entorno estavam deixando a oficina um pouco excluída, e os tratoristas, seus usuários, com toda a razão, demandaram a reforma daquele antigo prédio. Demanda que necessitava ser atendida. Com mão de obra da própria Estação e reaproveitamento de materiais, a reforma foi levada a cabo. Instalação elétrica refeita, bancadas novas, reboco e piso revitalizados, novo teto e agora, finalmente, depois de décadas, uma grande janela enchia o ambiente de luz natural. Por ela entrava o sol da tarde e acabara a sensação de confinamento que o ambiente sempre teve. Em tempo, a nova porta da frente, envidraçada, também ajudava. A oficina estava com outro aspecto. Até o cheiro de graxa parecia ter diminuído. Uma coisa, entretanto, era certa: os tratoristas, ao entrar na oficina e ver o espaço revitalizado, deixavam visivelmente transparecer um ar de satisfação, o que compensava o esforço feito.

Fotos: Lirio José Reichert



Espaço para pequenos consertos de máquina e equipamentos: a oficina da Estação Experimental Cascata com sua nova porta de entrada envidraçada e seu interior reformado e iluminado.

Transferência de tecnologia ganha espaço

Troca do telhado: julho de 2016

Reforma interna: de maio a junho de 2017

O prédio da antiga carpintaria da Uepae sempre teve o aspecto do, nacionalmente conhecido, “puxadinho”. Acachapado, em função do pé-direito baixo, não sintonizava com o alto prédio da garagem ao qual era unido. Desativada a carpintaria em 1995, transferida para a Estação Terras Baixas, o prédio transformou-se inicialmente em garagem de trator e, posteriormente, com a criação do galpão das máquinas, em depósito de material. Fazendo parte do hall de acesso à Estação, deveria ser revitalizado. Além disso, existia a antiga necessidade de um espaço para abrigar os materiais utilizados pela equipe de transferência de tecnologia da Estação, não só nos dias de campo, como nas incontáveis visitas de agricultores. Incluíam-se publicações, tendas e materiais dos mais diversos, típicos da atividade. Lembrando o conhecido adágio, dois coelhos seriam mortos com uma só cajadada: recuperava-se o prédio e criava-se um espaço para a transferência de tecnologia. Evidentemente, a reforma incluiu a elevação do pé-direito, fazendo com que desaparecesse o aspecto de “puxadinho”. O prédio agora estava à altura dos demais, e a transferência de tecnologia ganhava um merecido espaço.



Fotos: Lirio José Reichert

Transformação do prédio utilizado como depósito na Estação Experimental Cascata: vista externa antes e depois das melhorias.

Fotos: Lirio José Reichert



Interior do prédio do depósito em reforma, com a elevação do pé-direito e a troca do telhado.

Fotos: Lirio José Reichert



Reforma do prédio concluída. Vista interna do depósito e do local de guarda de materiais da equipe de transferência de tecnologia da Estação Experimental Cascata.

Finalmente o serviço digital – o avanço na comunicação

O relatório da comissão nomeada em junho de 2003, para fazer um diagnóstico da situação da Estação, apontava uma série de problemas nos serviços de comunicação (Diagnóstico..., 2003).

[...] O sistema de telefonia é muito vulnerável a intempéries, fazendo com que em muitos dias a unidade fique sem comunicação, pois os equipamentos instalados danificam-se frequentemente... A rede da internet também funciona deficientemente, sendo comum na Estação a dificuldade de conexão.

A internet, ainda na era discada, testava a paciência de todos. O chiado constante das ligações telefônicas e a espera por uma linha exasperava os espíritos mais calmos. O telefonista fazia o possível, mas, desolado, via o tempo escoar sem conseguir a ligação solicitada. Sua própria sala de trabalho combinava com o sistema telefônico, ambos estavam deteriorados. Apenas 10 km dali, na sede da Unidade, a vida era outra. Internet e telefones ágeis contrastavam constrangedoramente com o atraso da comunicação na Estação. Os prejuízos técnicos eram evidentes, e a necessidade de melhorias, urgente. Os investimentos finalmente vieram... a jurássica internet discada foi substituída por um sistema de rádio e agora voava. O novo cabeamento telefônico aposentava de vez o obsoleto sistema analógico Ruralcel, e a central telefônica em pouco tempo também entrava na era digital. Faltava, porém, o ambiente de trabalho. Para uma completa harmonização, a sala do telefonista foi reformada. Nesse intervalo de tempo o antigo telefonista se aposentou. Pena, não usufruiu da reforma. O novo ambiente influenciava até a voz do telefonista recém-chegado que, mais pausada e mais grave, transmitia importância... a Estação merecia.

Fotos: Lirio José Reichert



Sala da telefonia da Estação antes da intervenção, em 31 de julho de 2003.



Fotos: Lirio José Reichert

A telefonia da Estação recebe a devida atenção: o espaço do telefonista após a reforma, em 10 de setembro de 2003.

Detalhes importam

As pequenas obras

O olhar sobre os detalhes sempre foi revelador. Muito se enxerga nos detalhes, são eles que consolidam uma primeira impressão, boa ou não, positiva ou negativa. Se, por um lado, denotam cuidado com algo, por outro, podem deixar uma imagem nem sempre verdadeira, de desleixo. Por isso, cuidado com os detalhes...

O olhar não pode se acostumar com as coisas fora do lugar, nem a mente com os processos tortuosos. Andar pelos caminhos, como se nunca antes percorridos, cair em uma certa abstração da rotina, deixar o olhar já viciado de lado e lançar um novo olhar sobre as coisas, como se vistas pela primeira vez... revelará que muitas estão fora de lugar.

Esse exercício feito na Estação, vez por outra, evidenciava a necessidade de atenção a detalhes, coisas pequenas, um pouco esquecidas ou com as quais o olhar já havia se acostumado, mas que, ainda assim, permaneciam fora do lugar certo.

A primeira impressão é importante — a guarita de entrada da Estação

Reforma: de 28/8/2006 a 18/10/2006

Um pórtico de entrada abandonado parece o prenúncio do que vem mais adiante, ou seja, mais imagens de abandono. O pórtico de entrada ainda não passava a ideia de abandono... mas andava perto. O letreiro do arco sobre o portão, desbotado pelo tempo; a guarita em desuso, com as aberturas danificadas; o acesso sem um controle formal de entrada. A imagem da entrada definitivamente deixava a desejar. A Estação havia crescido, já não era mais simplesmente um campo experimental. O número de visitantes aumentava, tornava-se premente estabelecer um controle de acesso. As ideias se acoplaram: controle de acesso e melhoria do visual do pórtico, no qual aconteceria o primeiro contato para quem desejasse ingressar na área da Estação. Para tanto, era necessário adequá-lo e dar-lhe condições de abrigar um empregado. E assim foi feito. Pórtico revitalizado,

guarita reformada, com todas as instalações necessárias ao seu pleno funcionamento, além da cancela para facilitar a identificação dos visitantes. Quem agora adentrasse à área da Estação, já começava com uma boa impressão. Ah, e o arco? As fotos registraram: o nome agora estava correto, a nova pintura estampava “Estação Experimental Cascata”.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Paulo Luiz Lanzaetta Aguiar

Pórtico de entrada da Estação Experimental Cascata antes e depois da revitalização com a nova placa de identificação e a nova pintura do arco.



Fotos: Lirio José Reichert

Velha guarita é incluída na revitalização da entrada da Estação Experimental Cascata: antes e após a intervenção.

Fotos: Lirio José Reichert



Controle de
acesso à Estação
Experimental
Cascata.

Para não deixar sem registro – o prédio da manutenção



Fotos: Lirio José Reichert



Espaço destinado à manutenção hidráulica e elétrica da Estação Experimental Cascata, antes e depois da pequena reforma.

Da parte elétrica, disjuntores, lâmpadas, interruptores, fios, uma parafernália que necessariamente tinha de estar de plano para quando algumas dessas peças fossem de imediato necessárias. Da parte hidráulica, pedaços de cano, registros, luvas... muitas luvas. Para os não iniciados, uma luva permite recompor um cano furado ou rebentado. E, na Estação, sempre foram muitos. Claro que a inexistência de uma planta da rede hidráulica colaborava. Um arado passando no lugar errado por um descuido do tratorista – fato de alguma forma frequente – e mais uma área sem água por um cano rebentado. As piadas não esperavam, e a sugestão de uma placa colocada na entrada anunciando: “Esta Estação está há (número de dias) dias sem um cano rebentado”, foi uma das boas.

Essa introdução explica que a equipe de manutenção possuía um depósito de material, uma espécie de almoxarifado. Para não fugir do lugar comum, era mais um prédio que necessitava de reforma. Seria uma intervenção simples, porque a manutenção ganharia um espaço novo no celeiro, recuperado após o incêndio. Reforma concluída, a aparência do prédio mudou, e o espaço da manutenção, conforme previsto, também mudou, passando a ocupar uma nova sala no celeiro. Prédio desocupado pedindo função. Coincidentemente, os trabalhos com apicultura necessitavam de um espaço para abrigar material. Os fios e canos foram substituídos por colmeias, potes para coletar mel. O cheiro forte dos equipamentos para produzir fumaça agora tomava conta do ambiente. Não importava. O mel que a todos os empregados era permitido provar, era, ao final, a doce recompensa.

Qualificação dos banheiros – atenção à acessibilidade

Há quem diga que a qualidade do ambiente pode ser aferida por uma simples visita aos banheiros. Na Estação, não seria o caso. O que estava sendo priorizado era o bem-estar dos empregados, que no prédio-sede eram obrigados a conviver

com banheiros problemáticos, com décadas de existência. A reforma definitivamente qualificou os banheiros. Eram agora, inclusive, mais ecológicos: secadores para as mãos foram instalados. Aproveitou-se a oportunidade da reforma para que a Estação se adequasse a legislação sobre acessibilidade, criando-se um banheiro para portadores de necessidades especiais.



Fotos: Lirio José Reichert

Banheiros do prédio-sede da Estação reformados e com a acessibilidade garantida.

Ambientes da secretária e da recepcionista – o merecido cuidado

Fundamentais no primeiro contato com os visitantes e essenciais ao trabalho, pelo apoio prestado, secretárias, recepcionistas e telefonistas merecem um ambiente apazível para desenvolverem suas atividades em qualquer instituição. Na Estação, não poderia ser diferente. Mais que um detalhe, deu-se a esse ambiente de trabalho a devida importância e a necessária qualificação.

Fotos: Lirio José Reichert



Prédio-sede da Estação Experimental Cascata, com as salas da secretária e recepcionista repaginadas em 2018.

Procura por um barranco – a rampa de carga e descarga

Toda a vez que na Estação era preciso carregar ou descarregar uma máquina ou equipamento de cima de um caminhão, tinha de se procurar um barranco que fornecesse o desnível necessário para a operação. Processo tortuoso, que se instalara na mente por muitos anos, e já parecia pertencer à rotina. Execução de uma obra simples, e a nova rampa estava pronta para ser utilizada. A carga e descarga tinha agora um local apropriado. Os motoristas agradeceram. A maior segurança e economia de tempo na operação eram evidentes. Era o fim da eterna procura por um barranco.

Fotos: Lúcio José Reichert



Nova rampa para carga e descarga de máquinas e equipamentos na Estação Experimental Cascata, construída em agosto de 2005, permitindo maior segurança e eficiência na operação.

Posto meteorológico sofre com as intempéries – atenção a um espaço histórico

Peça importante por sua contribuição para a série histórica de dados climatológicos, coletados, de forma ininterrupta, desde a década de 1940, o posto meteorológico da Estação estava desgastado pelo tempo e pelas intempéries que, de tempos em tempos, se abatiam sobre a Estação. O abrigo de equipamentos deixara de ser abrigo, destelhado por um vendaval. A cerca que contornava a área, rebentada, já não protegia muita coisa. Equipamentos defasados, ainda com

leitura manual. Enfim, o velho posto meteorológico clamava por atenção. A revitalização foi completa. A articulação com a equipe de climatologia da Unidade resultou na instalação de moderna estação meteorológica digital, com dados transmitidos em tempo real por satélite e armazenados em computador. O abrigo reformado, nova tela cercando o espaço, o branco da pintura realçando a transformação... o posto meteorológico, histórico, e de fundamental importância, recebeu a obrigatória atenção e mais, entrou na era digital.



Fotos: Lirio José Reichert

Abrigo dos equipamentos do posto meteorológico destelhado por uma das frequentes intempéries que se abatem sobre a Estação Experimental Cascata e depois reformado e pintado.



Fotos: Lirio José Reichert

Revitalização de um espaço histórico da Estação Experimental Cascata: novo cercamento do posto e estação meteorológica digital.

Contornando os efeitos do tempo – melhoria das salas do prédio-sede

Pela idade avançada, muitas das salas do prédio-sede apresentavam visíveis sinais de desgaste, particularmente em relação ao piso. Pouco a pouco, essas salas foram sendo qualificadas. Não era só um detalhe, era uma necessidade.

Fotos: Everton Luís Fonseca Neumann



Melhorias nas salas do prédio-sede da Estação Experimental Cascata.

Detalhe protelado – os botijões ao relento

Fundamentais para o funcionamento da miniplanta de processamento, por norma, os botijões de gás sempre ficaram do lado de fora do prédio. Fora, mas não necessariamente ao relento como estavam. O detalhe já era evitado pelo olhar, sempre protelatório. A priorização da pequena obra se deu por questão de segurança, apontada pelos responsáveis pela Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa), como uma inconformidade. No rol de tarefas da Estação, o abrigo passou finalmente de prioridade para obra executada. Em correspondência recebida, a Cipa oficialmente agradecia a atenção dispensada ao pleito. O “padrão Cascata”, termo cunhado pelos próprios empregados, estava mantido.

Foto: Maicon Bonemann



Foto: Lírio José Reichert



Detalhe que destoava na Estação, os botijões ao relento e abrigo finalmente construído, em janeiro de 2019.

Evento que se tornou tradição

Dia de Campo em Agroecologia da Estação Experimental Cascata

A Estação dava seus primeiros passos em um caminho, no qual se destacaria em um futuro próximo: a trilha rumo à agricultura familiar de base ecológica. Era o final de 2003, e a gestão recém completara 1 ano de trabalho à frente da Estação. A equipe era reduzida, contava apenas com três pesquisadores. Para dar visibilidade ao trabalho, a estratégia não poderia ser outra, senão a articulação com os colegas locados nas outras bases físicas da Unidade para que compartilhassem a área experimental da Estação e também dedicassem um olhar para o caminho alternativo da produção orgânica ou agroecológica. O trabalho voltado para a produção sustentável de alimentos começava a ganhar expressão, e a pergunta naturalmente surgiu: por que não mostrar o que está sendo feito, embora ainda de forma incipiente, ao público externo? Como resultado da concertação com diferentes equipes da Unidade, nascia, em dezembro de 2003, o *I Dia de Campo em Agroecologia* da Estação Experimental Cascata. A ideia estava semeada, e aquele pequeno dia de campo evoluiria ao longo do tempo até tornar-se um evento tradicional, sempre aguardado pelo público atuante na agricultura familiar. O *II Dia de Campo em Agroecologia* foi realizado em 2005, o terceiro em 2006, e a partir do quarto realizado em 2009, a sequência anual foi ininterrupta até se chegar a 13ª edição em 2018.

À medida que o evento foi se consolidando, o público gradualmente foi se expandindo, e, partindo de aproximadamente 70 pessoas na primeira edição, chegou-se a cerca de 1.300 participantes na nona edição em 2014. O recorde de público foi manchete da edição de número 886 do *Linha Aberta*, o jornal on-line da Unidade.

A partir desse ano, por questões logísticas e para manter o bom aproveitamento por parte dos participantes, resolveu-se reduzir o público para cerca de 900 pessoas. O evento caracterizou-se como uma marca registrada da Estação e passou a fazer parte obrigatória da agenda de técnicos e agricultores que se deslocavam das mais longínquas regiões para compartilhar 1 dia de experiências em produção de base ecológica. O espaço para os jovens sempre foi preservado, e as escolas agrícolas de ensino médio, invariavelmente tiveram presença de destaque no evento. A Estação, dessa forma, participava da formação dos futuros agricultores e técnicos.

Primeira página do informativo da Embrapa Clima Temperado, em sua edição de dezembro de 2014, destacava o recorde de público no IX Dia de Campo em Agroecologia da Estação.



Os temas tratados nos diferentes dias de campo foram sempre discutidos com as entidades parceiras e cuidadosamente selecionados, abordando em maior ou menor escala, a diversificação da matriz produtiva da agricultura familiar. Esses temas, renovados a cada ano, nas diferentes edições, demonstravam a preocupação de se apresentar algo de novo e despertar as mentes para novas opções tecnológicas, voltadas para a sustentabilidade da agricultura familiar. Como exemplo, em sintonia com a FAO que, nas últimas edições do evento sempre foi representada, os dias de campo de 2015 e 2016 foram focados na conservação dos solos e no uso de leguminosas na alimentação humana, em alusão ao Ano Internacional dos Solos e ao Ano Internacional das Leguminosas, estabelecidos pela FAO, respectivamente, naqueles anos.

Esses eventos invariavelmente envolviam mais de 50 pessoas na sua organização e execução e contavam com a colaboração das três bases físicas da Unidade, além de diferentes segmentos de assistência técnica atuantes na agricultura familiar. A visibilidade do evento tornou-se uma forte aliada na busca de recursos para sua realização, que vinham de diferentes fontes, desde recursos da própria Unidade, passando pelo aporte de diferentes ministérios ligados à área agrícola e mesmo da iniciativa privada.

Os preparativos, nos quais cada detalhe era relevante – o dia da realização com a atenção redobrada para que tudo desse certo, a prontidão e as rápidas decisões para atender possíveis imprevistos – sempre foram, de certa forma,

extenuantes para a equipe organizadora. Entretanto, ao final de cada edição, quando os agricultores começavam a deixar a Estação embarcando nos ônibus de volta para suas casas, não havia nada mais gratificante do que observar o olhar de plena realização no rosto daqueles que foram os responsáveis pela organização do evento e o semblante de satisfação dos agricultores e técnicos por terem participado de não apenas um dia de campo, mas de um evento de compartilhamento de ideias e conhecimentos entre aqueles que acreditam e são conscientes da importância da agricultura familiar para o País.

Na sequência, são mostrados fotos e documentos de algumas edições emblemáticas: o primeiro dia de campo da Estação, em 2003; a nona edição, com um recorde de público (cerca de 1.300 participantes); e o último evento integralmente coordenado pela gestão que se encerrou em 2019.

Seguem-se imagens do *I Dia de Campo em Agroecologia* da Estação Experimental Cascata, realizado em 17 de dezembro de 2003.

Foto: Lirio José Reichert



Pórtico de entrada da Estação Experimental Cascata com a faixa alusiva ao dia de campo.



Recepção aos
participantes / *Dia de
Campo em Agroecologia*
da Estação Experimental
Cascata em frente ao
prédio-sede.



Fotos: José Ernani Schwengber

Estação 1: Cultivo da amora-preta e mirtilo em sistema orgânico; Estação 2: Cultivo orgânico do morango.



Fotos: José Ernani Schwengber

Estação 3: Sistema de cultivo orgânico da figueira; Estação 4: Produção de biofertilizantes e caldas fitoprotetoras.

Fotos: José Ernani Schwengber



Estação 5: Avaliação de milhos crioulos; Estação 6: Cultura do pêssego em sistema de transição: convencional/orgânico.

Fotos: José Ernani Schwengber



Estação 7: Avaliação de milhos especiais; Estação 8: Pêssego orgânico: implantação e condução de pomar.

Fotos: José Ernani Schwengber



Estação 9: Avaliação de cultivares de feijão em sistema orgânico; Estação 10: Plantas medicinais, seus usos e benefícios.

Programação do IX Dia de Campo em Agroecologia, 2014. Evento com recorde de público nas edições do Dia de Campo em Agroecologia da Estação Experimental Cascata.



Na sequência, imagens referentes ao IX Dia de Campo em Agroecologia da Estação Experimental Cascata, realizado em 3 de dezembro de 2014.



Foto: Lirio José Reichert

Estrutura de tendas para o serviço de alimentação do público recorde participante da nona edição do dia de campo.



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Recepção aos participantes na abertura do IX Dia de Campo em Agroecologia.



Foto: Lírio José Reichert

Deslocamento do público entre as estações no IX Dia de Campo em Agroecologia.



Fotos: Paulo Luiz Lanzaeta Aguiar



Diferentes estações do IX Dia de Campo em Agroecologia, abordando temas voltados à diversificação da matriz produtiva da agricultura familiar.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Hora do almoço no IX Dia de Campo em Agroecologia.

Fotos: Lirio José Reichert



Encerramento do evento IX Dia de Campo em Agroecologia com a distribuição aos participantes de mudas de diferentes espécies de interesse da agricultura familiar.

Convite e temas
abordados no *XIII Dia de
Campo em Agroecologia*,
2018, na Estação
Experimental Cascata.



Na sequência, as imagens referentes ao *XIII Dia de Campo em Agroecologia* da Estação Experimental Cascata, realizado em 6 de dezembro de 2018.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Paulo Luiz Lanzaite Aguiar

Entrada da Estação Experimental Cascata com a faixa de boas-vindas ao *XIII Dia de Campo em Agroecologia* e recepção aos participantes com entrega do material.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Chegada do público ao *XIII Dia de Campo em Agroecologia* em 18 caravanas oriundas da metade sul do Rio Grande do Sul, e entrega de lanche aos participantes.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Abertura do *XIII Dia de Campo em Agroecologia*: as boas-vindas e a atenção dos participantes a manifestação da chefia da Unidade e dos representantes das entidades parceiras na realização do evento.



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Movimentação dos participantes no *XIII Dia de Campo em Agroecologia*: um novo tema, uma nova estação a ser visitada.



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Estação 1: Minhocultura – a utilização do húmus líquido; Estação 2: Insumos para a agricultura familiar de base ecológica.



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Estação 3: Apicultura – o zoneamento apícola no Rio Grande do Sul; Estação 4: Batata-doce – cultivares e técnicas de multiplicação de mudas.



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Estação 5: Apresentação da cultivar de milho farináceo BRS 015FB; Estação 6: O projeto Quintais Orgânicos de Frutas.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Estação 7: Cultivar de amora-preta BRS Caingua e cultivo do mirtilo; Estação 8: Técnicas de restauração ambiental.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Estação 9: Cultivo da noqueira-pecã; Estação 10: Fontes renováveis de energia – a utilização da energia solar.

Foto: Lirio José Reichert



Mostra
paralela sobre
processamento
de frutas
nativas do Rio
Grande do Sul.



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Almoço no XIII Dia de Campo em Agroecologia em estrutura montada para atender aos participantes.



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Final do evento XIII Dia de Campo em Agroecologia com entrega aos participantes de mudas de capim-elefante 'BRS Kurumi', batata-doce e espécies frutíferas nativas.

Em tempo, antes do início da 13ª edição do dia de campo, ocorreu a inauguração da Casa de Sementes Maneco Portantiollo, prédio recém-reformado na Estação, como unidade de apoio ao projeto Embrapa/Corsan.

Na sequência, o ato comemorativo aos 15 anos do Projeto Quintais Orgânicos de Frutas, com a presença das instituições financiadoras.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Ato inaugural da Casa das Sementes Maneco Portantiollo.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Ato comemorativo dos 15 anos do Projeto Quintais Orgânicos, antecedendo o início do *XIII Dia de Campo em Agroecologia*.

Reconhecimento do trabalho

Registro de visitas na Estação

Agroecologia internacional visita a Estação

Referência para a agricultura familiar de base ecológica, a Estação sempre recebeu um grande fluxo de pessoas. Visitantes do Brasil e de fora do País, principalmente do Cone Sul, passaram pela Estação. Entre eles, alguns expoentes da agroecologia em nível mundial. Para citar apenas um exemplo, faz-se referência a visita de Stephen Gliessman, que esteve na Estação pela segunda vez em 2014, anos depois do antológico *Curso de Agroecologia* ministrado por ele nas dependências da Estação, em 2001.

Em 2004, o Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (Inta), da Argentina, decidiu criar unidades focadas na pesquisa e desenvolvimento tecnológico para a agricultura familiar. Nesse ano, uma equipe de técnicos daquela instituição veio conhecer as ações desenvolvidas na Estação, em um reconhecimento da importância do trabalho ali executado nos temas agricultura familiar e agroecologia.



Foto: Eliz Regina Salagnac Rickes

Participantes do *Curso de Agroecologia* ministrado por Stephen Gliessman, em junho de 2001 na Estação Experimental Cascata.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Segunda visita de Stephen Gliessman à Estação Experimental Cascata, em agosto de 2014.



Foto: Lirio José Reichert

Visita dos técnicos do Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (Inta), Argentina, à Estação Experimental Cascata, em outubro de 2004.

A organização, na Embrapa Clima Temperado, do *I Seminário Técnico Internacional em Agroecologia*, em novembro de 2009, deu oportunidade a que técnicos de outros países, atuantes em agroecologia, visitassem a Estação. Caso da Asociacion Cubana de Tecnicos Agricolas y Forestales (Actaf), e do Instituto Nacional de Investigaciones Agricolas (Inia), da Venezuela, cujos técnicos conheceram o trabalho da Estação, em um inestimável intercâmbio de experiências.

Do Chile, destacam-se as visitas de técnicos do Instituto de Desarrollo Agropecuario (Indap), em agosto de 2015; de uma equipe de transferência de tecnologia do Instituto de Investigaciones Agropecuarias (Inia), em dezembro deste mesmo ano, e ainda de técnicos do Inia acompanhados de agricultores ecológicos, em dezembro de 2017. Representantes da FAO, tanto no Brasil como no Cone Sul, não raro marcaram presença na Estação, especialmente nos dias de campo.



Fotos: Lirio José Reichert

Visita de técnicos do Instituto de Desarrollo Agropecuario (Indap), Chile, à biofábrica e à área experimental de hortaliças da Estação Experimental Cascata, em agosto de 2015.



Fotos: Lirio José Reichert

Equipe de transferência de tecnologia do Instituto de Investigaciones Agropecuarias (Inia), Chile, em visita à Estação Experimental Cascata Estação em dezembro de 2015. Visita à miniplanta de processamento.

Foto: Lirio José Reichert



Técnicos do Instituto Nacional de Investigaciones Agropecuarias (Inia), Chile, acompanhados de agricultores, aguardando o início do *XII Dia de Campo em Agroecologia* da Estação, no ano de 2017.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Representantes da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Duclair Sternadt Alexandre (ao centro) e Carlos Antônio de Biasi (à direita), na abertura (foto da esquerda) e durante o *XI Dia de Campo em Agroecologia* da Estação Experimental Cascata, em 2016.

Agricultores, técnicos e estudantes – a fortaleza da Estação

Sem sombra de dúvida, a maior demonstração de reconhecimento pelo trabalho realizado na Estação foram as visitas de agricultores, técnicos e estudantes de diferentes níveis, oriundos da área de abrangência da Unidade, público que, em alguns anos, superou 3.000 pessoas. Esse expressivo volume de visitantes revelava uma das fortalezas da Estação, a densa parceria e a qualificada articulação com entidades atuantes na agricultura familiar, em especial aquela voltada para sistemas sustentáveis de produção. A sintonia com os órgãos de assistência técnica estabelecida pela Estação foi um dos fatores que fez com que os técnicos das diferentes instituições sempre encontrassem abrigo para suas demandas relacionadas à transferência de tecnologia e, por consequência, para a frequente solicitação de visita de seus públicos à Estação.

A significância da participação dos agricultores nos eventos promovidos pela Estação foi sempre a eles demonstrada. Essa participação representava a retroalimentação do processo de geração de tecnologias e, principalmente, o exercitar de um intercâmbio de experiências entre eles e a equipe técnica, num inequívoco reconhecimento da importância do conhecimento empírico dos agricultores para o trabalho ali desenvolvido. Sem dúvida alguma, esse era um dos aspectos que contribuía para que esse público, ao visitar a Estação, se sentisse, literalmente, em casa. Que a Estação constituía-se em uma casa para o agricultor familiar, foi reiteradamente colocado nos incontáveis momentos de recepção aos grupos visitantes. A liberdade de manifestação sempre demonstrada pelos agricultores e o agradecimento pelo carinho a eles dispensado nas visitas despertava um sentimento de plena realização na equipe técnica, e ajudava a aliviar o cansaço ao final do dia de peregrinação, acompanhando esses agricultores para conhecer os trabalhos desenvolvidos na Estação que, em verdade, eram a eles destinados.

Estudantes

O fluxo de estudantes de diferentes níveis (superior, médio e até mesmo ensino fundamental) sempre foi muito grande

na Estação. Públicos sempre tratados com a devida importância, pois, de alguma forma, contribuir para sua formação era extremamente gratificante. Passar a ideia da necessidade de produção de alimentos seguros, de sustentabilidade para essas mentes abertas e ávidas por informação era um privilégio. O expressivo volume de visitas de estudantes estabelecia um grande envolvimento dos técnicos da Estação que se desdobravam para melhor atendê-los, por entenderem a importância desse público. Até mesmo nos dias de campo, sempre foram reservados espaços para receber os estudantes, de diferentes localidades, presença sempre certa e desejada. Sem dúvida, conseguir incutir, nem que fosse em uma minoria, o espírito da preservação ambiental, de uma agricultura mais ecológica, da sustentabilidade em todos os seus aspectos, já seria um resultado inestimável. Bem-vindos, estudantes!

Fotos: Lirio José Reichert



Grupo de estudantes alemães em visita à Estação em Experimental Cascata em 26 de agosto de 2005.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Estudantes da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc), participando do *XI Dia de Campo em Agroecologia* da Estação Experimental Cascata, em dezembro de 2016.

Visita dos agricultores da Rede de Referência – Projeto RS Rural

A Rede de Referência criada no Projeto RS Rural (2001–2004), em seu componente coordenado pela Embrapa Clima Temperado, constituiu-se em um conjunto de 15 propriedades representativas do sistema de produção familiar, localizadas no extremo sul do Rio Grande do Sul, que, trabalhadas pelo projeto, passaram por um processo de transição, com ampliação de sua eficiência e sustentabilidade. A validação das tecnologias empregadas nessas propriedades foi conduzida pelos próprios agricultores juntamente com os técnicos, em um processo participativo, no qual os resultados serviam de referência para outras propriedades da região de abrangência do projeto. Os agricultores estiveram na Estação em diferentes oportunidades, como na visita de 8 de setembro de 2004.



Foto: Lirio José Reichert

Agricultores das propriedades constituintes da Rede de Referência em visita à Estação, em setembro de 2004.

Fotos: Lirio José Reichert



Agricultores da Rede de Referência na Estação: visita à biofábrica e à Central de Adubos Orgânicos, setembro de 2004.

Visita de entidades atuantes na agricultura familiar

Tecnologias geradas e não divulgadas, não apropriadas pelos agricultores são de pouca valia. “Um livro de poesia na gaveta não adianta nada, lugar de poesia é na calçada” (Cada..., 2002), escreveu o compositor Sérgio Sampaio. Em reconhecimento à importância capital da interação com as entidades de assistência técnica, a Estação sempre foi proativa na busca e fortalecimento de parcerias qualificadas, que pudessem auxiliar no repasse das tecnologias e conhecimentos gerados, e, dessa forma, aprimorar os sistemas produtivos da agricultura familiar.

Na sequência, uma pequena amostra dos inúmeros momentos de interação com entidades de reconhecida atuação na agricultura familiar.

Fotos: Lirio José Reichert



Agentes de desenvolvimento territorial da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS), da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag-RS) e de universidades visitam a Estação Experimental Cascata, em 10 de agosto de 2006.

Foto: Lirio José Reichert



Foto: Everton Luis Fonseca Neumann

Visita dos técnicos do Escritório Central da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) à Estação Experimental Cascata em 4 de novembro de 2013. Na pauta, a articulação de atividades de capacitação.



Fotos: Lirio José Reichert

Equipe de técnicos da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) em visita à Central de Adubos Orgânicos e a Vitrine Tecnológica da Estação Experimental Cascata.

Presidentes e diretores da Embrapa em visita à Estação

Na gestão do diretor-presidente Sílvio Crestana (2005–2009), foi criado na Embrapa o Fórum Permanente de Agroecologia, composto paritariamente por representantes da sociedade civil e da Embrapa, tendo como um dos objetivos tratar da agenda institucional sobre o tema. A agroecologia recebia um novo impulso dentro da Empresa. Sílvio Crestana visitou a Estação em 7 de novembro de 2006.

Fotos: Ana Luiza Barragana Viegas



Presidente da Embrapa Silvio Crestana em visita à Estação em 2006.

Sucessor de Sílvio Crestana, Pedro Antônio Arraes Pereira, ocupou a presidência da Embrapa no período de 2009 a 2012. Durante sua gestão, visitou a Estação Experimental Cascata em agosto de 2009.



Fotos: Ana Luiza Barragana Viegas

Momentos da visita do presidente Pedro Antônio Arraes Pereira à Estação Experimental Cascata, em agosto de 2009.

Embora com um mandato de curta duração na presidência da Embrapa (outubro de 2018 a julho de 2019), Sebastião Barbosa visitou a Estação em 12 de dezembro de 2018, logo ao início de sua gestão. Na Estação, se reuniu com os gestores da Unidade e, na sequência, visitou os campos experimentais e as instalações de apoio à pesquisa.



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Presidente da Embrapa Sebastião Barbosa em visita à Estação Experimental Cascata. Reunião com os gestores da Unidade no Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.

José Geraldo Eugênio de França foi diretor-executivo da Embrapa no período de 2005 a 2011, durante o qual visitou as dependências da Estação. As visitas ocorreram em janeiro e agosto de 2010.

Fotos: Ana Luíza Barragana Viegas



Primeira visita do diretor-executivo da Embrapa Geraldo Eugênio à Estação, em Janeiro de 2010.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Segunda visita do diretor-executivo da Embrapa Geraldo Eugênio à Estação, em agosto de 2010.

A Estação recebeu, em 10 de agosto de 2015, a visita do diretor-executivo de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa, Ladislau Martin Neto.



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Diretor Ladislau em visita à Estação Experimental Cascata, em agosto de 2015.



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

A visita do diretor Ladislau ao Memorial da Estação Experimental Cascata e à área experimental.

Ministro e secretário do Ministério do Desenvolvimento Agrário em visita à Estação

No dia 3 de fevereiro de 2016, o ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias, esteve envolvido em uma intensa agenda na Estação. Com participação na reunião extraordinária do Fórum da Agricultura Familiar no CecaF, ainda reuniu-se com o grupo gestor da Unidade e conheceu as dependências da Estação, onde foram expostas tecnologias voltadas para a agricultura familiar ecológica.

A Estação Experimental Cascata recebe a visita do ministro do Desenvolvimento Agrário Patrus Ananias no Centro de Capacitação de Agricultores Familiares, participando da reunião do Fórum da Agricultura Familiar.



Fotos Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



O MDA, presente na Estação com a visita do secretário da Agricultura Familiar, Walter Bianchini em 2006.



Fotos: Lirio José Reichert



Visita de Walter Bianchini à Estação Experimental Cascata, como secretário do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em 29 de maio de 2006 e, como consultor, com Sônia Maria Bergamasco da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 4 outubro de 2012.

O dia em que um ministro dormiu na Estação

Era um dia quente de verão, e o ministro do Desenvolvimento Agrário visitava a Estação, com uma agenda pesada a ser cumprida. O ministro, já não tão jovem, parecia dispor ainda de boa energia, mesmo após uma cansativa viagem para chegar a Pelotas e ter enfrentado uma longa manhã de reuniões. O almoço na Estação, com alimentos orgânicos, fora especial para agradecer o ilustre visitante. No retorno, um bocejo involuntário, como todo ele é, denunciou os efeitos da digestão, que se somaram ao desgaste da longa jornada. O ministro já conhecera as dependências do CecaF e fora apresentado às acomodações disponíveis: a sala de estar, a área de convivência e os quartos de dormir. Seguramente, naquele momento, seus pensamentos inevitavelmente desviaram-se para os quartos, onde a promessa de um breve descanso pairava no ar. Discretamente, ao pé do ouvido, manifestou o desejo de ter um momento de descanso em um dos quartos do CecaF. prontamente atendido, o ministro desaparece de cena, frustrando os inúmeros portadores de listas de reivindicações, ávidos por um momento de sua atenção. Claro, mais tarde, todos receberiam a tão desejada atenção, mas, naquele momento, o foco era outro, ou melhor, era o momento de sair do foco. Depois de algum tempo, não se registrou o quão longo, o ministro retornou para o centro das atenções. O rosto refrescado e o semblante mais disposto eram indicativos de uma cochilada revigorante. O responsável pelo gerenciamento do CecaF não escondia seu “júbilo pela honra concedida”. O ministro não só havia estado presente, como também, ainda que brevemente, havia dormido ali. Finda a jornada do longo dia de trabalho, despede-se e vai embora o ministro. Seu nome, entretanto, permaneceria gravado no livro de ouro de visitantes ilustres da Estação, um pouco abaixo do nome de Getúlio Vargas. A Estação, cheia de orgulho, agradecia a visita.

O número de visitas recebidas na Estação, como já mencionado, sempre foi bastante elevado, e seria impossível apresentá-las todas, sem estender excessivamente essa publicação. Na sequência, são destacadas mais algumas das visitas recebidas.

Visita da Comissão Técnica do Macroprograma 6

Dentre as figuras programáticas de organização da pesquisa na Embrapa, o denominado Macroprograma 6 reunia todos os projetos de geração e transferência de tecnologias da Empresa direcionados à agricultura familiar. Não por acaso, a Embrapa Clima Temperado, durante a existência do Macroprograma 6, foi a Unidade com o maior número de projetos integrantes da carteira desse segmento programático. Grande parte desses projetos foi liderada pela

equipe da Estação, em consonância com sua missão, focada na agricultura familiar. O Macroprograma 6 possuía uma Comissão Técnica de avaliação de projetos, que, em 2006, fez uma de suas reuniões na Estação e conheceu o trabalho ali desenvolvido.



Foto: Lirio José Reichert

Reunião na Estação Experimental Cascata, da Comissão Técnica do Macroprograma 6, com técnicos da Embrapa Clima Temperado, em 2 de junho de 2006.



Fotos: Lirio José Reichert

Comissão Técnica em visita à miniplanta de processamento de alimentos e conhecendo o trabalho de pesquisa em cebola desenvolvido na Estação Experimental Cascata.

Comitê Assessor Externo da Embrapa Clima Temperado é convidado a conhecer a Estação

O Comitê Assessor Externo é um órgão consultivo presente em cada uma das Unidades da Embrapa e é constituído por representantes de distintos segmentos da sociedade ligados à atividade agropecuária. Possui a finalidade de promover a interlocução entre a instituição e o seu ambiente externo, assessorando as diferentes Unidades na solução de problemas e no enfrentamento de desafios, debatendo demandas, tendências e oportunidades relacionadas à atuação dos centros de pesquisa. O Comitê Assessor Externo da Embrapa Clima Temperado, em uma de suas reuniões anuais, teve oportunidade de visitar e conhecer as ações desenvolvidas na Estação.

Fotos: Lirio José Reichert



Visita dos membros do Comitê Assessor Externo à Estação Experimental Cascata, em 6 de junho de 2013.

Estação Experimental Terras Baixas visita a Estação Experimental Cascata

Em uma atividade, que teve como objetivo integrar os empregados e dar a eles a oportunidade de melhor conhecer a própria Unidade em que desempenham suas atividades, foi organizado um dia de campo, para que a equipe da Estação Experimental Terras Baixas, uma das três bases físicas da Embrapa Clima Temperado, conhecesse melhor o trabalho da Estação Experimental Cascata.



Foto: Lirio José ReChert

Na Estação Experimental Cascata, os participantes do dia de campo organizado para os empregados da Estação Experimental Terras Baixas, em 29 de março de 2005.

O olhar para as pessoas

Os empregados e colaboradores da Estação Experimental Cascata

As fotos aqui apresentadas, mais do que um registro da passagem pela Estação, representam uma forma de agradecimento aos que, de uma forma ou de outra, deram sua colaboração para o seu crescimento e ajudaram nessa grande transformação, em todos os seus aspectos, que se deu ao longo dos anos. Seguramente, faltam registros de pessoas que mereciam ser aqui lembradas, mas esses devem ter a certeza que, na memória dos que com eles conviveram, os registros estão lá, gravados. Fazem parte daqueles selecionados pela mente e colocados em um lugar especial, onde ficam apenas as pessoas que realmente importaram.

Aquela estação...

Cada um dos empregados mereceria um espaço para um registro, um livre relato de algum momento que desejassem gravar no tempo, marcando sua passagem pela Estação. Certamente, brotariam histórias curiosas, gratificantes, algumas surpreendentes, mas, acima de tudo, relatos de vida. Seriam relatos diversos, assim como diversas eram as formas de cada um encarar a vida.

Muitos aprofundaram suas fortes raízes no solo da Estação, porque dali não queriam se afastar. Outros, como plântulas, ainda em crescimento, aguardavam o tempo do transplante, tempo para enfrentar novos desafios em outros lugares. Mas, como em uma estação, havia chegadas e despedidas. Muitos, depois de anos de trabalho, pegaram o trem repleto de boas memórias e desceram naquela parada tranquila, onde o tempo agradecido, só exigia uma coisa... um pouco mais de dedicação a si próprios. A tranquilidade daquele lugar só era perturbada por aquela visitante inoportuna, mas sempre bem acolhida, conhecida como saudade. Outros foram enfrentar novos desafios, provocados que foram a embarcar no trem conduzido pelo incansável maquinista da inquietude humana. Muitas chegadas também aconteceram, de alguns que foram convidados, de outros como voluntários, simplesmente atraídos por aquela forma diferente de pensar do povo daquele local, ou intrigados por aquela placa afixada na plataforma da estação onde estava escrito "Sustentabilidade". Passageiros que chegavam com malas novas, compradas para a nova parada, cheias de expectativa e, é claro, de energia, sempre bem-vinda em qualquer estação.

Mas haviam também os que assistiam as chegadas e as partidas, e sempre ali estiveram... para dar o exemplo aos que chegavam... para fazer brotar a saudade nos que partiam. Esses eram habitantes simples, de poucas palavras, de olhar confiável, nos quais simplicidade era tradução para solidariedade, comprometimento, palavra um pouco desgastada, mas que neles encontrava seu autêntico sentido. Talvez não fosse exagero lembrar Bertolt Brecht ... aqueles eram e serão sempre imprescindíveis.



Foto: Lirio José Reichert

Equipe de empregados e colaboradores da Estação Experimental Cascata, em dezembro de 2006.



Foto: Claudio Ruas Schimulifening

Empregados, colaboradores e chefe da Embrapa Clima Temperado em fotografia feita para ser incluída na "cápsula do tempo" que marcaria os 70 anos da Estação Experimental Cascata.

Fotos: Lirio José Reichert



Empregados de apoio às atividades de campo da Estação Experimental Cascata, julho de 2006 (à esquerda); empregados e colaboradores das atividades de campo, março de 2017 (à direita).

Foto: Sérgio Elmar Bender



Equipe de empregados e colaboradores na tradicional confraternização de final de ano da Estação Experimental Cascata, dezembro de 2017.



Foto: Lirio José Reichert

Em janeiro de 2018, a Estação Experimental Cascata completou 80 anos. As camisetas já registravam o acontecimento, dezembro de 2017.



Foto: Andréa Denise Hildebrandt Noronha

Equipe de empregados da Estação Experimental Cascata no dia de encerramento das atividades do coordenador técnico, Carlos Alberto Barbosa Medeiros, em setembro de 2019.

Datas que não poderiam passar em branco

Em um dos antigos relatórios de atividades da Estação, encontra-se registrada a solenidade de comemoração alusiva aos 10 anos de sua criação. Muitos anos depois, revitalizada, com toda uma história para contar, a “velha” Estação merecia ser novamente homenageada, e a passagem dos seus 70 e 75 anos de criação, para seu jubilo, não se deu em branco.

Os 70 anos da Estação

Findava o ano de 2007. A passada de olhos pelo calendário chamou a atenção para o próximo ano, com o mesmo final do ano de criação da Estação, 1938. Uma rápida conta mostrava que a Estação no próximo janeiro, especificamente no dia 13, completaria 70 anos de existência. A data não poderia passar em branco, e a comemoração começou a ser organizada. Comissão organizadora montada, reuniões preparatórias, lista de convidados elaborada, coquetel contratado, tudo pronto e finalmente chegou o dia da comemoração. Empregados, imprensa e autoridades convidadas, tendas montadas, a banda de música da Brigada Militar confirmada, tudo estava bem encaminhado. Tudo que podia ser controlado, o que não incluía as condições do tempo para o dia do evento. Chovia pela manhã e ameaçava o brilho da comemoração, marcada para iniciar às 14h. Mais preocupante, a estrada de acesso interno, com a chuva e o tráfego intenso ocasionado pelos preparativos, estava quase intransitável. Enlameada, com suas subidas e descidas, permitia a antevisão dos carros dos convidados derrapando, saindo da estrada. Seria o caos! Entre os convidados, até mesmo o prefeito da cidade havia confirmado presença. Emergências necessitam de tratamento emergencial, e cargas de pedra britada foram contratadas para que, espalhadas pela estrada, tornassem o tráfego mais seguro. As caçambas estavam prontas para transportar a brita... e o tempo começou a mudar. As nuvens se afastaram e o sol irrompeu forte, como em toda tarde de verão. A estrada começou a secar. “Parem-se as caçambas”.

Na abertura, às 14h, tudo estava perfeito: a estrada seca, o sol a brilhar, a banda tocando e a agitação dos convidados denotava o prazer de estar ali, comemorando o aniversário da “velha” Estação. Ao final do evento, sentados sob a lona das tendas, agora vazias, a equipe de organização comentava o sucesso da comemoração, a alegria dos empregados e convidados presentes e, é claro, o sufoco da chuva. Ah, e o prefeito? Não veio, talvez com receio da chuva, enviou um representante. Não importava, o dia havia sido perfeito. A Estação havia recebido a merecida homenagem.

Na sequência, imagens do evento de comemoração dos 70 anos da Estação Experimental Cascata.



Foto: Ana Luiza Barragana Viegas

Vista geral do público e da estrutura montada para comemoração do 70º aniversário da Estação Experimental Cascata.



Fotos: Ana Luiza Barragana Viegas

Momento da execução do hino nacional e vista do ambiente sob as tendas.

Fotos: Ana Luiza Barragana Viegas



Banda da Brigada Militar e ex-chefes da Embrapa Clima Temperado, presentes à comemoração.

Fotos: Ana Luiza Barragana Viegas



Como parte do evento de comemoração, a homenagem à imprensa escrita de Pelotas, Diário Popular (à esquerda) e Diário da Manhã (à direita).

Fotos: Ana Luiza Barragana Viegas



Grupo de empregados participantes da comemoração de aniversário e brinde ao encerramento do evento.

Urna – a cápsula do tempo

O objeto ainda não era conhecido como tal, mas a caixa metálica depositada na parte de trás do obelisco, na urna concebida quando de sua construção, sem dúvida, se transformaria em uma das primeiras cápsulas do tempo pensadas para a região. No dia 13 de janeiro de 1948, em comemoração aos 10 anos de vida da Estação, a urna foi lacrada, e, no interior da caixa ali depositada, constava a ata de fundação da Estação em 1938, a ata da solenidade de comemoração dos 10 anos com a assinatura de todos os presentes e um exemplar do jornal local, o *Diário Popular*, que noticiara, em 1938, a criação da Estação.

Antes dos 70 anos, a urna foi aberta e os documentos resgatados, um pouco deteriorados pela umidade que acabou penetrando no interior da caixa metálica. Documentos históricos para a Estação, as duas atas foram colocadas em quadros de vidro e hoje se encontram expostas no Memorial da Estação, no Cecaf.

Como parte da comemoração dos 70 anos da Estação, a cápsula do tempo voltaria a ser montada, representada por uma caixa de vidro, cuidadosamente selada, e colocada na urna. Em seu interior, novamente, o exemplar do jornal que noticiara, em 13 de janeiro de 1938, a criação da Estação, além de exemplares dos jornais locais com reportagens sobre os 70 anos, a ata com detalhes da comemoração de 2008 (assinada pelos presentes) e uma foto dos empregados da Estação em atividade na data. O compromisso assumido foi de que a urna seja novamente aberta no aniversário de 100 anos da Estação. Prevê-se um momento de emoção, pois a foto dos empregados reacenderá lembranças de 30 anos atrás. Que essa publicação perpassse o tempo e ajude a lembrar do compromisso para quem no futuro estiver na Estação: a urna, ou a cápsula do tempo, deverá ser aberta em 13 de janeiro de 2038. Que o dia seja marcado por grande comemoração, em homenagem a Estação Experimental Cascata que, naquela data, centenária será. Quem estará presente? Só Deus sabe a resposta. Lembrando o poeta: Deus faz seus planos, mas o conteúdo não é disponível para nós mortais.

Em tempo, em 1931, junto ao monumento erguido na praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas, RS, em homenagem a Yolanda Pereira, a primeira brasileira a conquistar o título de Miss Universo, foi enterrada uma caixa metálica com materiais alusivos à conquista.

Cápsula do tempo colocada no obelisco, onde deverá permanecer até 13 de janeiro de 2038, quando a Estação completará 1 século de existência.



Foto: Gláucia de Figueiredo Nachtigal

Para se preservar a fidelidade às datas, cabem aqui duas observações. O dia 13 de janeiro de 2008, data em que a estação completou 70 anos de existência, coincidiu ser um domingo, dia de pouca atividade laboral em todo o País. Dada a dificuldade, por questões logísticas, de se comemorar o aniversário em um domingo, as atividades foram antecipadas para a sexta-feira, dia 11 de janeiro. Portanto, todos os eventos narrados, relativos à comemoração, aconteceram, em verdade, no dia 11 de janeiro de 2008. Destaque-se, ainda, que o fechamento da urna contendo a cápsula do tempo ocorreu no dia 14 de janeiro, a segunda-feira posterior ao dia do aniversário. Explique-se: planejou-se colocar no interior da cápsula do tempo, juntamente com os demais documentos, exemplares dos jornais locais contendo as reportagens alusivas aos 70 anos da Estação, os quais circularam no dia 13, domingo. Por esse motivo, somente no dia 14, pela manhã, a urna foi efetivamente lacrada. Em seu interior, sobrepostas, as edições históricas dos jornais locais que noticiavam o

A história das roseiras

Era a solenidade de comemoração pela passagem de 10 anos da Estação Experimental de Viticultura, Enologia e Frutas de Clima Temperado, marcada pela construção da coluna comemorativa, onde se fixaria a bandeira nacional, o obelisco, o qual, por isso, passou a ser chamado “Altar da Pátria”. Discursava o chefe da Estação naquele ato solene e o tom do discurso subiu ao falar sobre as rosas que mandara plantar em torno do obelisco.

[...] A localização desta coluna, circundada por este pequeno jardim de roseiras tem também sua significação – aqui temos roseiras brancas, cujas flores imaculadas simbolizarão o espírito de paz, harmonia, dedicação ao trabalho e amor ao progresso da Pátria, de todos aqueles que, dignos e conscientes de suas responsabilidades aqui labutaram e labutam de sol a sol; as roseiras amarelas, felizmente em número reduzido, simbolizarão o desespero daqueles que, improficuamente, tem procurado perturbar essa mesma paz e o progresso do estabelecimento, sem se lembrarem de seus deveres de cidadãos; as rosas vermelhas simbolizarão o sacrifício e o esforço dos que se batem e lutam incessantemente por esse mesmo progresso, apesar de todos os entraves, de todos os dissabores (Mota, 1948, p. 45).

O plantio das roseiras, com rosas das mesmas cores das anteriores, foi repetido na comemoração dos 70 anos da Estação Experimental Cascata, feito por alguns dos antigos empregados presentes na solenidade. O simbolismo, mencionado pelo supervisor da Estação ao conclamar os presentes para o início do plantio, agora era outro. “As rosas amarelas simbolizam a esperança de que esta estação tenha sempre o protagonismo na pesquisa para a agricultura familiar da região, as vermelhas representam o trabalho e a dedicação daqueles que fazem a Estação cada vez maior, e a rosas brancas, da mesma forma que dito há 60 anos, representam o espírito de paz e a harmonia que reina entre os que aqui labutam”. As rosas, que tornaram-se uma tradição na Estação, ali estão, no mesmo local definido em 1948 e, sempre que necessário, o plantio é renovado. A esperança, a dedicação e a harmonia não podem nunca morrer.

Em tempo, o canteiro onde foram plantadas as roseiras recebeu as cinzas da cremação de Alberto Lessa Machado, chefe da Unidade quando ainda era denominada Estação Experimental Pelotas. O depósito das cinzas na área, feito por sua filha Adriana, foi motivado, segundo ela, pelas reiteradas vezes que seu pai falava com carinho de seus tempos de Estação.

Fotos: Ana Luiza Barragana Viegas



Plantio das roseiras por ex-empregados, como parte da comemoração dos 70 anos da Estação.

orgulho pela criação da Estação Experimental em 1938 e, em 2008, o júbilo pelo seu aniversário de 70 anos de atividades dedicadas à agricultura.

Jubileu de Brilhante – 75 anos da Estação Experimental Cascata

Em 2013, a Estação completaria 75 anos, o chamado “Jubileu de Brilhante”. A data merecia uma atenção especial. A repercussão e a receptividade da comemoração dos 70 anos deixara a equipe motivada para uma nova homenagem. Começou-se então a organizar o evento, ou melhor, o conjunto de eventos que marcaria o aniversário de 75 anos da Estação.

Primeiro evento comemorativo: *Café com História*, em 11 de setembro de 2012

O tema que inspirava a comemoração dos 75 anos era a valorização das pessoas e de suas memórias dos tempos em que passaram na Estação. E assim nasceu a ideia do *Café com História*, que seria o primeiro da série de eventos comemorativos de aniversário. Os antigos empregados da Estação, alguns ainda na ativa, outros aposentados, alguns vivendo próximo ao município, outros em lugares distantes, foram todos convidados a participar. O aceite do convite superou as expectativas. Dos cerca de 70 empregados convidados, mais de 50 compareceram. A proposta era que os convidados trouxessem fotos, objetos, enfim, qualquer coisa que fizesse lembrar o tempo vivido na Estação, para, dessa forma, montar uma imaginária linha do tempo, em que cada um se localizasse. As contribuições foram surpreendentes. Completando a ideia, enquanto o evento acontecia, duas equipes da comunicação da Unidade entrevistavam alguns participantes e ouviam deles histórias dos tempos de Estação. A memória digital da Estação começava a ser construída.

O prazer de rever os amigos e antigos colegas e o reacender de remotas lembranças marcaram o evento. A alegria dos convidados por ali estarem denotava a importância que

a Estação tivera em suas vidas. Foi gratificante ver aquele grupo reunido. De triste apenas o nostálgico pensamento de que o tempo, o inexorável tempo, dificilmente permitiria que aquele mesmo grupo novamente se reunisse para homenagear a velha Estação. Como se diz comumente, expressando resignação, “assim é a vida!”



Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Chegada dos convidados à Estação (à esquerda); momento do Café com História (à direita).



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Momento *Café com História*: iniciavam-se as comemorações dos 75 anos da Estação Experimental Cascata.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Homenagens aos antigos empregados da Estação Experimental Cascata durante o *Café com História*.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Participantes do *Café com História*: a valorização das pessoas, tema da comemoração dos 75 anos da Estação.

Livro – a história da Estação e das pessoas que nela labutaram

Algumas ideias haviam surgido por ocasião do aniversário de 70 anos, mas a exiguidade do tempo disponível não permitiu colocá-las em prática durante a comemoração. Com mais tempo, poderiam ser trabalhadas. A elaboração de um livro registrando a história da Estação sempre foi acalentada e, até mesmo, iniciada por ocasião dos 70 anos. A oportunidade estava novamente ali. Quem escreveria? A escolha da autora não poderia ser outra: a jornalista que, há 5 anos, já esboçara a primeira versão da publicação. A ex-empregada que já fizera parte da história da Unidade e, portanto, conhecia muito bem a Estação e sua importância: Elvira Maria Monks Vetromilla. O prefácio da publicação registrava:

[...] Ao receber o convite, de imediato os olhos da jornalista brilharam. Brilharam com aquela luz de quem vislumbra, na obra, não apenas um desafio, mas uma oportunidade de contribuir para registrar, de uma forma indelével, uma história de vida. Pois essa é a definição correta – uma história de vida. (Vetromilla, 2013, prefácio).

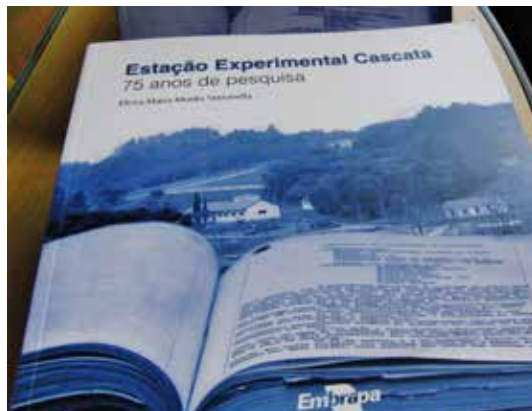
As conversas de como encaminhar o relato foram muitas, e o formato final definido não poderia ser melhor. Prosseguia o prefácio:

[...] a história da Estação seria contada associada às histórias das pessoas que ajudaram a construí-la, imprimindo, assim, vida humana aos fatos, que, por si sós, seriam registros gravados em pedra fria. (Vetromilla, 2013, prefácio).

Atualizado e ampliado o conteúdo do livro *Estação Experimental Cascata – 75 anos de pesquisa*, iniciava-se uma luta contra o tempo para publicá-lo, já que a data do evento se avizinhava. A colaboração da gestão da Embrapa Informação Tecnológica, em Brasília, foi fundamental. Um caminho expresso para revisão, diagramação e impressão foi aberto, e o livro finalmente estava pronto... mas fisicamente distante, mais de 2.000 km. Faltava o transporte, que deveria ser feito dentro do tempo que restara. Foram muitos os contatos com a transportadora tentando, sem muito sucesso, rastrear o andamento da operação. Um dia antes do evento, acabando

com a ansiedade que já se instalara, chegaram os livros, não em sua tiragem total, mas com exemplares suficientes para assegurar o lançamento no dia do aniversário. O restante dos exemplares poderia esperar. A história da Estação já recebera o merecido registro no dia de seu Jubileu de 75 anos.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



A autora do livro *Estação Experimental Cascata, 75 anos de pesquisa*, Elvira Vetromilla, entrega um exemplar ao diretor de Transferência de Tecnologia da Embrapa, Waldyr Stumpf Junior, durante a comemoração dos 75 anos da Estação.

Selo comemorativo – o vídeo com depoimentos de empregados e gestores

Parte integrante dos eventos comemorativos, foi elaborado, pela equipe de comunicação, e circulou nas correspondências originadas na Unidade, o selo comemorativo de 75 anos da Estação. O Brasil tomava conhecimento da tão significativa data.

Como já mencionado, a inspiração da comemoração estava centrada nas pessoas que acompanharam a Estação em sua trajetória. Sob essa ótica, nasceu a ideia de gravar em vídeo depoimentos de empregados, de antigos e atuais gestores, enfim, de pessoas que, de alguma forma, tiveram um vínculo forte com a Estação, e que, por isso, mereciam ser ouvidas. Contratou-se uma equipe, que a partir de um roteiro pré-elaborado, coletou os relatos das pessoas indicadas. Registrava-se, dessa forma, depoimentos nunca antes ouvidos. Alguns impessoais, abordavam apenas a trajetória da Estação. Outros, mais emocionados, traziam à tona as memórias dos

tempos ali vividos. E ainda aqueles mais nostálgicos, que já anteviam a saudade que os invadiria quando um dia deixassem a Estação.

Selo comemorativo
dos 75 anos
da Estação
Experimental
Cascata.



Manchete de capa – a edição histórica dos jornais locais

Como acontecera na comemoração dos 70 anos, inspirado na descoberta, no interior da urna depositada no obelisco, de uma edição histórica do jornal local *Diário Popular*, data-
da de 13 de janeiro de 1938, registrando a criação da Estação Experimental de Viticultura, Enologia e Frutas de Clima Temperado, foi feito um convite aos dois jornais de Pelotas para que publicassem, no dia do aniversário, matéria alusiva ao evento. Para oficializar o convite, os jornais *Diário Popular* e *Diário da Manhã* foram visitados pela coordenação da Estação e pelos demais gestores da Unidade. Compromisso assumido e cumprido, no dia da passagem dos 75 anos, os dois jornais publicaram matéria contando um pouco da história da Estação. O jornal de maior circulação da cidade estampava em sua capa “Um orgulho nacional – Estação

Experimental Cascata, da Embrapa, completa 75 anos e pode comemorar resultados no campo e nos laboratórios”.



Capa do jornal Diário Popular alusiva aos 75 anos da Estação, em 13 de janeiro de 2013.

Dia da comemoração

Num belo dia de sol, com a banda do Exército executando o hino nacional, abriam-se as comemorações do aniversário. Iniciaram-se com a inauguração, no prédio-sede, da galeria dos ex-supervisores da Estação, a qual seria mais tarde realocada no Memorial da Estação. Sob o abrigo das tendas erguidas para o evento, seguiu-se o lançamento do livro *Estação Experimental Cascata – 75 anos de pesquisa*. Para marcar no tempo o dia dos 75 anos, confeccionou-se, em bronze, placa alusiva à data, afixada no obelisco e descerrada como parte das comemorações. Uma tela exibia continuamente o vídeo gravado com depoimentos de empregados e gestores que, dessa forma, compartilhavam com os presentes a história de seus vínculos com a Estação.

O coquetel fazia fluir a conversa entre colegas, ex-colegas, antigos e novos empregados. Onde estivesse um antigo empregado, percebia-se que na conversa desfilavam memórias, e as recordações de fatos passados faziam brotar um riso ou um semblante nostálgico. Enfim, navegar... relembrar é preciso.

E, assim, encerravam-se as comemorações dos 75 anos, momentos únicos de interação entre as pessoas, em um ambiente onde se sentiam bem acolhidas. Com certeza, um dos objetivos da comemoração havia sido plenamente alcançado: a valorização das pessoas que fizeram parte da trajetória da Estação. Essas pessoas sentiram-se importantes por terem participado da construção da história da Estação e gratificadas por terem a importância de sua participação reconhecida. Ficou também o exemplo do carinho e do cuidado demonstrado por quem por ela já passou, certamente instigando os mais novos a uma reflexão sobre o compromisso de cada um para com o futuro da querida Estação. Sem dúvida, como já foi dito “o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir” (O que..., 1978). Quando haverá uma nova comemoração? Aos 90, aos 100 anos? Não importa, a comemoração dos 75 anos havia sido de fato brilhante, digna do jubileu.



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Abertura do evento comemorativo aos 75 anos da Estação Experimental Cascata.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



A recepção e o registro da presença dos convidados e um grupo de ex-funcionárias da Embrapa presentes à comemoração.

Fotos: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Inauguração da Galeria dos ex-supervisores da Estação Experimental Cascata e descerramento da placa fixada no obelisco, alusiva aos 75 anos de atividades.



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

No obelisco, placa registrando os 75 anos de trabalho da Estação para a agricultura familiar.



Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar

Comissão organizadora do evento de comemoração dos 75 anos da Estação Experimental Cascata.

Imagens da Estação

A relação com a natureza

O relevo fortemente ondulado, característico da região, as sangas que entrecortam as partes mais baixas e a densa mata, que cobre uma parte significativa da sua área, conferem à Estação uma beleza ímpar. O fragmento de Mata Atlântica que, tomando a forma de arco, encobre alguns trechos das estradas internas, sempre encanta os passantes, não importa quantas vezes passem por ali. Mais ainda, a quietude do lugar e a exuberante vegetação atrai um tipo de visitante sempre desejado, os pássaros, que, com seu canto, tornam os dias na Estação mais tranquilos e agradáveis. Não seria exagero afirmar: ali se encontra uma área privilegiada pela natureza.

Os corredores da natureza

Ao avesso dos prédios corporativos contemporâneos, com espaços conectados, onde os arquitetos priorizam o fácil deslocamento das pessoas e, diga-se de passagem, o confinamento dentro do ambiente, os diferentes prédios que compõem as instalações da Estação são completamente desconectados. Em verdade, parece um conglomerado de casas de uma comunidade rural. E essa desconexão tem seus segredos.

O deslocamento entre os prédios, invariavelmente, requer uma caminhada. Talvez poucos tenham parado para pensar o que essas caminhadas representam, embora sintam diretamente seus efeitos. O fato é que não é uma simples caminhada, é sair de um espaço fechado de quatro paredes e receber, no corpo e na mente, o impacto imediato daquela paisagem bucólica. É sentir a entrada nos pulmões daquele ar livre dos miasmas urbanos e fazer da respiração um momento de contato com a natureza. Então, não se troca de prédio simplesmente. Faz-se uma passagem por corredores de ar livre, em cujas paredes a natureza projeta imagens de belas paisagens ao mesmo tempo em que libera aos ouvidos sons suaves que parecem convidar o passante, mesmo que por curtos momentos, a uma abstração da realidade. Caminhadas, que de uma forma quase imperceptível, descarregam a mente de suas tensões, minimizam os atritos. Caminhadas que viciam. Um vício reconfortante, bom de cultivar.

E aí vem o entardecer, que na quietude do final das tardes, parece conspirar para que não se abandone a Estação. Não sem antes ir até a sanga, observar as árvores e escutar o barulho das águas a correr por entre as pedras. O magnetismo do momento torna a jornada de retorno a casa mais leve, sem sombras, sem nuvens pairando sobre a mente. Ah, voltando aos arquitetos, deveriam ser convidados a fazer um estágio na Estação e a conviver, brevemente que fosse, com as paisagens e os sons do lugar. Passear pelos corredores emoldurados pela natureza.

Alguns registros das belas paisagens da Estação são aqui apresentados, numa vã tentativa de repassar para o papel o que só os sentidos percebem. Em verdade, é um convite para que, ao caminhar pela Estação, os olhos não se esqueçam de olhar com outros olhos, os ouvidos se abram e se deixem invadir pelos sussurros da natureza, que as narinas respirem como se recém tivessem chegado ao mundo, que se pegue o momento com as mãos levando-o até a boca, para que, engolido como um alimento, faça parte permanente do corpo... e que, gravado na mente, faça parte da alma, imortal que é.

Crônica fotográfica

Aos poucos, a noite se prepara para tomar conta da Estação. O acobreado anoitecer, a quietude do cair da noite. Inevitável a noite envolve a Estação, encobre o prédio-sede. Sem resistências, a Estação adormece. Mas nos dias que se seguem, a geada, a neblina, a chuva, as floradas e sol pleno tomam conta da Estação.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Vista de quem chega ao prédio-sede da Estação Experimental Cascata.



Foto: Paulo Luiz Lanzeita Aguiar

Vista do alto, a amplidão da Estação.

Foto: Lirio José Reichert



Lago da Estação, espelhando o Centro de Capacitação de Agricultores Familiares.



Centro de Capacitação de Agricultores Familiares emoldurado. O salso, o lago, as araucárias e o céu.



A beleza do céu na Estação Experimental Cascata.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



A beleza das nuvens na Estação Experimental Cascata.

Aos poucos, a noite se prepara para tomar conta da Estação.

Foto: Carlos Roberto Martins



O acobreado entardecer na Estação Experimental Cascata.



Foto: Lirio José Reichert

A quietude do cair da noite na Estação Experimental Cascata.

Inevitável, a noite envolve a Estação.



Foto: Márcio de Medeiros Gonçalves

A noite encobre
o prédio-sede da
Estação.

Foto: Lirio José Reichert



Sem resistências, a Estação adormece.

Mas, nos dias que se seguem...

Foto: Gustavo Schiedeck



Geada na Estação Experimental Cascata.



Foto: Lirio José Reichert

Neblina na Estação Experimental Cascata.



Foto: Lirio José Reichert

Chuva na Estação Experimental Cascata.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Floradas na Estação Experimental Cascata.

Foto: Paulo Luiz Lanzetta Aguiar



Sol pleno toma conta da Estação.

Memorial da Estação Experimental Cascata

Décadas de existência e anos de construção de uma história mereciam um memorial. Documentos históricos, como relatórios de trabalhos de pesquisa de mais de 80 anos; peças resgatadas, dignas de um museu, como a placa alusiva a sua criação; e um rico acervo fotográfico, com imagens antológicas que transportam para o século passado são partes da história da Estação que sempre estiveram um pouco esquecidas em um fundo de armário, ou mesmo perdidas no tempo. Como forma de preservar a memória, e em respeito à trajetória da Estação, essas peças históricas mereciam um local adequado para abrigá-las. Com esse intuito, criou-se o Memorial da Estação Experimental Cascata, planejado que foi como parte integrante do Cecaf.

Mas a história da Estação não poderia ser contada apenas através de peças antigas. O memorial não estaria completo sem o registro, mesmo que parcial, das pessoas que caminharam com a Estação ao longo do tempo. Para materializar essa ideia, o memorial foi o local escolhido para abrigar a galeria dos ex-supervisores, espaço criado inicialmente no prédio-sede durante as comemorações do 75º aniversário da Estação, e que, com a construção do Cecaf e a inauguração do Memorial, ganhava agora o merecido lugar de destaque.

A galeria, em verdade, foi uma forma de demonstrar o agradecimento aos supervisores da Estação, que, desde 1996 com a sua criação, deixaram sua contribuição para que se tornasse o que é: uma referência para a agricultura familiar do Sul do País. A Estação demonstrava assim sua gratidão aos gestores que, por determinados períodos de tempo, indiferentemente se curtos ou longos, ajudaram a construí-la. A galeria representa uma forma de assegurar que, mesmo que se passem anos, suas imagens estarão ali presentes, a olhar pela Estação, a assegurar que nunca se afaste do rumo, da rota para ela traçada quando de sua criação. Estarão ali, como guardiões, a lembrar aos futuros gestores que muito foi realizado, mas que talvez mais importante, seja o que ainda deverá ser feito para mantê-la no merecido lugar de destaque na galeria das instituições que trabalham pela agricultura familiar. Imagens que serão alvo de diferentes olhares, alguns curiosos, outros nostálgicos, outros até mesmo indiferentes. Não importa, a Estação fez a sua parte. As imagens estarão

ali para assegurar que não sejam simplesmente esquecidos, varridos pela erosão que, não raramente, castiga a história.

Seguramente, o agradecimento deveria ser mais amplo. Deveria sim, existir no memorial uma grande galeria dedicada não só aos supervisores, uma galeria capaz de abrigar as imagens de todos os que contribuíram para o crescimento e a consolidação da Estação. Ideia que nunca se buscou concretizar, especialmente pelo risco que representava, pois, mesmo em seu afã de ser completa, a galeria poderia esquecer nomes. Nomes que não deveriam ser esquecidos. Seria uma ingratidão, involuntária, mas, ainda assim, marcante.

Muitas pessoas que foram importantes para a Estação não possuem suas imagens registradas no espaço do memorial, mas como já foi dito: “essas podem ter a certeza que na memória dos que com elas conviveram, os registros estão lá, gravados... e fazem parte daqueles selecionados pela mente e colocados em um lugar especial, onde ficam apenas as pessoas que realmente importaram...”

Placa exposta no memorial, alusiva à criação da Estação Experimental de Viticultura, Enologia e Frutas de Clima Temperado e a sua incorporação em 1940, ao Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, do Ministério da Agricultura, com a denominação de Estação Experimental de Pelotas.



Foto: Ana Lúcia Barragana Vargas



Foto: Paulo Luiz Lanzeita Aguiar

Galeria de ex-supervisores da Estação Experimental Cascata. Da esquerda para a direita: Flávio Gilberto Herter (1996–1997), Alverides Machado dos Santos (1997–2001), Wilmar Wendt (2001–2002), Antônio Roberto Marchese de Medeiros (2002), e Carlos Alberto Barbosa Medeiros (2002–2019).

Referências

CADA lugar em sua coisa. [Compositor e intérprete]: Sérgio Sampaio. Rio de Janeiro: Warner, 2002. 1 CD.

DIAGNÓSTICO de Estação Experimental Cascata de Dezembro/2003. [S.n.: s.l.], [2003]. Relatório final da comissão. Comissão nomeada pela Ordem de Serviço nº 013 de 20.08.2003.

MOTA, J. I. S. da. **A história das roseiras**. Pelotas: Estação Experimental de Pelotas, 1948. Relatório não publicado.

O QUE foi feito deverá [Compositores]: Milton Nascimento e Fernando Brant. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1978. 1 LP.

VETROMILLA, E. M. M. **Estação Experimental Cascata: 75 anos de pesquisa**. Brasília, DF: Embrapa, 2013. 147 p. il. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/140413/1/Estacao-Cascata-75-anos-2013-LR.pdf>. Acesso em: 24 set. 2021.

Literatura recomendada

CARVALHO, E. V. **Cascata: 50 anos de pesquisa**. Pelotas: EMBRAPA-CNPFT, 1988. 28 p. (EMBRAPA-CNPFT. Documentos, 26). Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/744641/cascata-50-anos-de-pesquisa>. Acesso em: 24 set. 2021.



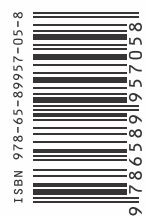
Clima Temperado

Se uma linha do tempo da evolução da pesquisa agropecuária na região Sul do Brasil for traçada, inevitavelmente, a Estação Experimental Cascata aparecerá como um ponto de destaque. Criada em 1938, a Estação desempenhou um papel importante no aprimoramento e no avanço da agricultura dessa região. Essa quase secular instituição é homenageada neste livro.

O livro narra, em forma de crônicas, acompanhadas de um denso registro fotográfico, as transformações por que passou a Estação Experimental Cascata, em um período de 17 anos, de 2002 a 2019. Os relatos estão longe de ser uma narrativa fria, pelo contrário, alguns possuem mesmo uma aura poética e denotam o carinho dedicado à Estação.

Os fatos narrados e as imagens apresentadas auxiliam a preservar no tempo um segmento da história da Estação e a compor sua memória. Algumas das imagens retratam a sua beleza natural, que sempre exerceu certo fascínio em todos que por ali passaram. Antes de tudo, o livro é o registro do cuidado de uma equipe de trabalho pela antiga Estação. Como dito no prefácio, “as pessoas, as coisas, os lugares, de alguma forma, fazem a história da Estação”, da qual uma pequena parte é contada nesta publicação.

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento



CGPE 017514